

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

A CURA NO SANTO DAIME:
Concepções de saúde e doença nas linhas do Alto Santo

Josué Silva Abreu Júnior

Dissertação de Mestrado

Salvador 2016

JOSUÉ SILVA ABREU JÚNIOR

**A CURA NO SANTO DAIME:
CONCEPÇÕES DE SAÚDE E DOENÇA NAS LINHAS DO
ALTO SANTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia para obtenção do título de mestre em Antropologia.

Orientadora: Pr. Edward MacRae

SALVADOR - BA
JULHO - 2016

Resumo

No primeiro capítulo faço uma revisão histórica apresentando a vida de *Mestre Irineu* (fundador do Daime) desde o seu nascimento e infância no Maranhão, passando por sua imigração para o Acre, a sua iniciação *ayahuasqueira*, a formação do primeiro corpo de seguidores, as perseguições sofridas e a formação do *centro* conhecido por *Alto Santo*. Apresento também as cisões ocorridas no Alto Santo que culminaram na fundação de novos centros, incluindo aqueles em que realizei meu trabalho de campo. Descrevo também o significado dos hinos, os principais rituais, as práticas e concepções gerais de saúde e cura. No segundo capítulo descrevo o trabalho de campo no Centro Livre, CEFLI (Centro Eclético Flor do Lotus Iluminado) e CEFLIMMAVI (Centro Eclético Flor do Lotus Iluminado Maria Marques Vieira) em Rio Branco e imediações. Descrevo também o contato que tive com pessoas do CICLU Alto Santo e a reportagem sobre este centro, realizada pelo programa “Retratos da fé”, da TV Brasil, publicada em 2014. Início o terceiro capítulo fazendo uma revisão das teorias antropológicas acerca da eficácia, do final do século dezenove até a contemporaneidade. Após apresentar estas teorias e conceitos, evidencio aqueles que serão mais importantes no tópico seguinte, o diálogo entre as teorias antropológicas e as curas ocorridas nas linhas do Alto Santo. Neste tópico busco analisar a eficácia das curas realizadas por *Mestre Irineu* e as diferenças e similaridades acerca da eficácia nos vários centros pesquisados. No capítulo quatro descrevo a cosmologia do Daime a partir do hinário de *Mestre Irineu* e dos relatos contidos no primeiro e segundo capítulo através da análise dos pronomes e outras palavras. Em seguida analiso a eficácia dos rituais de concentração, e dos trabalhos *bailados* nos quais são cantados o hinário “O Cruzeiro” de *Mestre Irineu*. Para finalizar este capítulo apresento minhas conclusões sobre as curas ocorridas durante o hinário de *Mestre Irineu*. No último capítulo crio uma ficção que se passa dentro de um trabalho no qual é cantado o hinário “O Cruzeiro”, de *Mestre Irineu*. Ficção neste caso não se refere a algo falso ou irreal, mas sim à busca por uma representação verossímil para antropólogos e pessoas do Daime.

Palavras chaves: Santo Daime, ayahuasca, eficácia

Abstract

In the first chapter I make a historical review showing the life of *Mestre Irineu* (founder of Daime) since his birth and childhood in Maranhão, passing through his immigration to the Acre, his *ayahuasca* initiation, the formation of the first body of followers, the persecutions they suffered and the formation of the *Centre* known as *Alto Santo*. I Also present the divisions that have occurred in Alto Santo that culminated in the establishment of new centres, including those in which I conducted my fieldwork. I also describe the meaning of the hymns, the main rituals, practices and general concepts of health and healing. In the second chapter I describe my fieldwork in Centro Livre , CEFLI (Illuminated Lotus Flower Eclectic Center) and CEFLIMMAVI (Illuminated Lotus Flower Eclectic Center Maria Marques Vieira) in Rio Branco and vicinity. I also describe the contact I had with members of CICLU Alto Santo and the report about this Centre, shown in the TV Brazil program "Pictures of Faith", in 2014. I begin the third chapter with a review of anthropological theories about the effectiveness of different concepts and methods of healing ,from the end of the nineteenth century until contemporary times After presenting these theories and concepts, I point out those that will be more important in the next topic, the dialogue between anthropological theories and cures that occurred in Alto Santo centres. In this topic I seek to analyze the effectiveness of cures performed by *Mestre Irineu* and the differences and similarities in the effectiveness in the various centres surveyed. In chapter four I describe the cosmology of the Daime, based on *Mestre Irineu's* hymnal and on the reports contained in the first and second chapter and I examine the use of pronouns and other words. I then analyze the efficacy of rituals, and "bailados" during which *Mestre Irineu's* hymnal is sung. To end this chapter I present my conclusions about the cures that occur during the singing of *Mestre Irineu's* hymnal. In the last chapter I create a fictional account of a Daime session during which the hymnal is sung. By fiction, in this case, I do not mean something which is false or unreal, but the search for a credible representation for anthropologists and people of the Daime.

Key words: Santo Daime, ayahuasca, effectiveness

ÍNDICE

Agradecimentos - 7

Introdução - 8

1. Mestre Irineu e o Santo Daime - 14

- 1.1 - As origens nordestinas – 14
- 1.2 - A iniciação ayahuasqueira - 16
- 1.3 - Os primeiros seguidores - 19
- 1.4 - Perseguições ao Santo Daime - 19
- 1.5 - O Alto Santo – 20
- 1.6 - Chamados e Hinos - 24
- 1.7 – Rituais - 26
- 1.8 – Cosmologia –29
- 1.9 – Concepções e práticas de saúde e cura - 32

2. Linhas do Alto Santo - 41

- 2.1 - CICLU Alto Santo - 41
- 2.2 - Centro Livre - 45
 - 2.2.1– Resumo sobre as concepções de saúde e cura no Centro Livre - 59
- 2.3 - CEFLI (Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado)– 60
 - 2.3.1 – Resumo sobre as concepções de saúde e cura no CEFLI - 70
- 2.4 - CEFLIMMAVI (Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado Maria Marques Vieira)– 72
- 2.5 –Conclusão sobre as práticas de saúde e cura nas linhas do Alto Santo-73

3. Eficácia Terapêutica - 76

- 3.1 – Algumas noções sobre a eficácia na Antropologia - 76
- 3.2 - A eficácia dos procedimentos de cura do Santo Daime - 88
 - 3.2.1 -A eficácia das curas do Mestre Irineu – 89
 - 3.2.2 – A eficácia do rito de concentração - 93

3.2.3 – A eficácia do trabalho de hinário do Mestre Irineu– 94

3.3 – Conclusão sobre a eficácia dos procedimentos de cura no Daime - 97

4 – Buscando uma ficção persuasiva - 99

4.1 - Um trabalho de Nossa Senhora da Conceição - 99

4.2 – Palavras Finais - 130

Bibliografia - 131

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus. Agradeço à minha família por possibilitar as condições de estudo que me permitiram chegar ao mestrado. Agradeço a todas as pessoas da comunidade Centro Livre pela acolhida, por compartilhar momentos e histórias e pela Batalha que enfrentam para dar seguimento à doutrina do *Mestre Irineu*. Agradeço ao CEFLI (Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado) pelo tratamento que foi oferecido nos dias em que estive nesta comunidade. Agradeço ao CEFLIMMAVI (Centro Eclético Flor do Lotus Iluminado Maria Marques Vieira) pelo *trabalho* que tive a oportunidade de participar quando estava em Rio Branco. Agradeço a Paulo Serra pela entrevista concedida. Agradeço a Antônio de Macedo pelo apoio dado em campo. Agradeço ao amigo Henrique Lee por ter me convidado para conhecer o Daime e pelo auxílio dado para iniciar o projeto de pesquisa. Agradeço aos Irmãos de doutrina Marcelo Thibau e Alexandre Guimarães pelo auxílio que me dão dentro do Daime. Agradeço aos amigos Túlio Cunha Rossi e Augusto Quadros Teixeira pelo auxílio que me dão na vida. Agradeço a Beatriz Labate e Isabel de Rose pela atenção dedicada quando meu projeto de pesquisa era ainda um embrião. Agradeço ao orientador Edward MacRae pelo apoio acadêmico, pela amizade, pelos diálogos e pelo valor depositado no meu progresso acadêmico. Agradeço aos professora(e)s Núbia Rodrigues por me apresentar o universo das ficções dentro da ciência, Cíntia Beatriz pelas aulas de antropologia do direito, Marina Guimarães Vieira pelas noções acerca do perspectivismo ameríndio e Marcelo Mello pelas teorias relacionadas à antropologia da religião. Agradeço a Paulo Moreira pelas conversas e pela inspiração que sua obra conjunta com Edward MacRae deu à pesquisa. Agradeço a CAPES pela bolsa oferecida nestes dois anos de pesquisa. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia pelo auxílio financeiro para a apresentação da pesquisa em congressos nacionais e internacionais. Agradeço aos colegas de mestrado Raoni dos Santos Costa, Carlos Henrique Cardoso, Renato Aquino Neri, Larissa Yelena Carvalho, Talita Nunes Costa e Janaína Menezes Seixas pelos conhecimentos compartilhados.

INTRODUÇÃO

O *Santo Daime*¹ é uma doutrina/religião, fundada na década de 1930, pelo curador² maranhense, Raimundo Irineu Serra (*Mestre Irineu*), muito conhecido no Acre, região onde viveu (GOULART, 2004; MOREIRA; MACRAE, 2011; SOUZA, 2012). Santo Daime é também o nome dado à bebida considerada sagrada e dotada de poderes *curativos* na concepção dos seguidores da doutrina. Esta bebida é composta pela decocção do cipó *Banisteriopsis Caapi* (*jagube*) e da folha *Psychotria Viridis* (*Rainha*) e seu principal princípio ativo é a *dimetil-triptamina* (DMT). É conhecida pelo nome genérico de *ayahuasca*, assim como *yagé*, *caapi*, *vegetal*, *kamarampi*, dentre outros, dependendo do contexto social em que ela é usada. Especula-se que a *ayahuasca* é utilizada há pelo menos 4.000 anos por indígenas da região amazônica (MERCANTE, 2012). Ao longo dos anos a *ayahuasca* passou a ser utilizada também por xamãs mestiços conhecidos por *vegetalistas*. O Santo Daime foi a primeira religião a incluir a *ayahuasca* em seus rituais. Após a fundação do Santo Daime surgiram outras religiões *ayahuasqueiras*, como a Barquinha em 1945 (MERCANTE, 2012; ARAÚJO, 2002) e a União do Vegetal (UDV) em 1961 (GENTIL; GENTIL, 2002; BRISSAC, 2002). O uso desta bebida faz parte efetiva do sistema simbólico e terapêutico destas comunidades (GROISMAN, 1999).

O interesse pela temática da cura no Santo Daime se deu a partir da minha inserção nesta doutrina em 2007. No fim deste ano me fardei³ no Daime, na igreja Flor de Jagube, em Belo Horizonte. Há vários anos não sou vinculado a nenhum *centro* específico. Pude participar também de rituais em cinco centros na região metropolitana de Belo Horizonte, além de cultos familiares mais reservados. Participei de vários *trabalhos de cura* nas igrejas da *linha do Padrinho Sebastião*⁴. Nesta mesma época eu cursava minha graduação em psicologia e realizava estágios voltados para saúde e cura. O meu professor supervisor, Louis Ricci, havia morado oito anos no Céu do Mapiá⁵. Ele trabalhava com a abordagem transpessoal, uma teoria psicológica que historicamente demonstra grande interesse pelos

¹ As palavras nativas, quando aparecem pela primeira vez, estão em itálico. O itálico também é usado para palavras estrangeiras e nomes científicos. Opto por me referir a Santo Daime como a bebida e a doutrina, sem nenhuma distinção na grafia.

² Pessoa conhecida por curar doenças.

³ Fardar significa iniciar-se na doutrina. É o ritual no qual o participante veste os trajes rituais pela primeira vez.

⁴ Sebastião Mota é conhecido como o fundador do CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra).

⁵ Comunidade matriz do CEFLURIS no Estado do Amazonas.

estados alterados da consciência, espiritualidade e o uso de psicoativos. Em sua terapêutica o professor utilizava práticas não ocidentais como yoga, meditação e medicina chinesa. A frequência nos trabalhos do Santo Daime paralelamente aos estudos na psicologia transpessoal, me despertou o interesse de compreender a cura com a *ayahuasca* de um ponto de vista científico. Buscando material científico sobre a *ayahuasca* me deparei com diversas pesquisas e artigos da antropologia. Considerei que os métodos da antropologia eram particularmente adequados para responder às questões que me colocava.

Em 2010, ano que finalizei minha graduação em psicologia, o CONAD (Conselho Nacional de Política Sobre Drogas)⁶ lançou um relatório no qual apresenta pesquisas relacionadas, dentre outras questões, à eficiência do uso terapêutico da *ayahuasca*. Desde a década de 80 este órgão atua na regulação e legislação sobre as religiões que incluem a *ayahuasca* em seus cultos. Em um primeiro momento a *ayahuasca* foi tratada como uma droga, e passou a constar na lista de substâncias proscritas do DIMED (Portaria nº 2/85 da DIMED). Neste mesmo ano o CONFEN instituiu um Grupo de Trabalho para examinar a conveniência de se retirar a *ayahuasca* desta lista. Em 1986 o CONFEN constatou que o uso religioso da *ayahuasca* não implicava em prejuízos sociais (Resolução Nº 6, CONFEN, 1986) e em 1987 a suspensão da *ayahuasca* da lista de substâncias proscritas tornou-se definitiva.

A expansão do uso da *ayahuasca* colocou diversos profissionais da saúde (como médicos e psicólogos) em contato com esta bebida e estes passaram a incluí-la em suas práticas terapêuticas. Apesar da proibição, o uso terapêutico da *ayahuasca* vem se disseminando em vários contextos (ROSE, 2006). Em 2004 o CONAD instaurou o GMT (Grupo Multidisciplinar de Trabalho) para realizar pesquisas sobre diversas questões envolvendo o uso da *ayahuasca*, incluindo pesquisas sobre a eficiência de terapias com esta bebida (Resolução Nº 4, CONAD, 2004). Nos estudos do GMT a palavra “terapia” foi compreendida como atividade ou processo destinado à cura, desenvolvimento ou manutenção da saúde, que leve em conta os princípios éticos da ciência. O uso tradicional da *ayahuasca* em rituais de cura se difere da concepção de terapia nos estudos do GMT, constituindo-se como ato de fé. O uso terapêutico da *ayahuasca* em atividade privativa de profissão regulamentada por lei vai depender do respaldo de pesquisas científicas. Este uso está proibido até que se comprove a sua eficiência por meio de centros de pesquisas vinculados a instituições acadêmicas. O CONAD ficou responsável por incentivar e financiar pesquisas

⁶ Anteriormente CONFEN (Conselho Federal de Entorpecentes)

relacionadas com os efeitos da *ayahuasca* e o seu uso terapêutico (Relatório final do GMT, 2006). No relatório de 2010 o CONAD apresenta as pesquisas iniciais e evidencia a necessidade de mais estudos relacionados à eficiência do uso terapêutico da *ayahuasca*.

A problemática desta dissertação está relacionada ao conceito de eficácia na antropologia, conceito este relacionado às pesquisas do CONAD sobre a eficiência. Na medicina, a eficácia está em estreita relação com os conceitos de eficiência e efetividade. A eficácia diz respeito ao tratamento que funciona nas condições do mundo ideal e a efetividade se refere ao tratamento que funciona no mundo real. Estudos médicos podem comprovar em laboratório a eficácia da *ayahuasca* no tratamento da depressão, no entanto a bebida pode seguir não sendo efetiva, uma vez que as leis nacionais não permitem que profissionais da saúde receitem *ayahuasca* para os seus pacientes. Os estudos de laboratório se referem ao mundo ideal e a lei nacional, assim como questões éticas, são fatores que influenciam no mundo real. A eficiência se refere ao tratamento barato e acessível para os pacientes. A eficácia é um conceito bastante trabalhado na antropologia desde seus primórdios e um tópico será dedicado neste trabalho apenas para descrever o desenvolvimento deste conceito que se difere da concepção médica. Estudos antropológicos acerca da *ayahuasca* apontam que sua eficácia terapêutica parece depender da “capacidade normatizadora” dos diversos rituais que incluem o seu uso (LABATE et al, 2009). Por isso, ao estudar a eficácia do uso desta bebida é necessário promover um diálogo com diversos saberes e expandir as possibilidades do conhecimento científico sobre sistemas terapêuticos de diferentes orientações metafísicas. Além de compreender a atuação fisiológica da bebida e o estado psicológico do indivíduo ao tomá-la, é necessário estudar o “meio físico, social e cultural onde ocorre o uso da substância” (MACRAE, 1992, p. 17). Compreendo assim que para se pensar na eficácia dos procedimentos de cura com *ayahuasca* é essencial estudar a cosmologia dos grupos no qual esta bebida é utilizada.

Em um primeiro momento, buscando estudar a eficácia das terapias com a *ayahuasca*, tomei por objeto as concepções de saúde e doença entre os indígenas Ashaninka do Rio Amônia no Acre. Em julho de 2014 realizei uma viagem a este Estado e constatei a impossibilidade de realizar meu trabalho de campo em território indígena. A ida para o Acre era estratégica, pois neste estado se encontra diversas comunidades ayahusqueiras indígenas e não indígenas. Nos dias que estive em Rio Branco fui acolhido na casa de Guido Carioca e Nazaré Grangeiro, membros do Santo Daime e de famílias que estão entre as primeiras a se juntar à doutrina do Mestre Irineu. Fui muito bem recebido pela família e adotei a alternativa

de ter como objeto de estudo as concepções de saúde e doença em centros do Santo Daime, da linha do Alto Santo, em Rio Branco e região. O fato de compartilhar a mesma doutrina facilitou a inclusão dentro do grupo, o que possibilitou a autorização para realizar a pesquisa. Para problematizar o conceito médico e antropológico de eficácia, pergunto de que forma as cosmologias das linhas do Alto Santo se relacionam com a eficácia das curas que envolvem o uso do Santo Daime (*ayahuasca*).

Para responder à questão acima, este trabalho busca pesquisar os conceitos e práticas correntes de cura no Santo Daime, nos diversos centros do Alto Santo. Para isso faço um levantamento das memórias acerca das atividades de cura de Mestre Irineu, pesquisei os conceitos de doença e cura entre os seus seguidores, observei práticas de cura com *ayahuasca* e outros produtos, observei o uso de outros produtos (que não a *ayahuasca*) em procedimentos de cura e observei diferenças a respeito da cura em diferentes centros seguidores do Alto Santo e em diferentes momentos históricos. Para lidar com estes objetivos, num primeiro momento realizei uma pesquisa bibliográfica relacionada à eficácia na antropologia e sobre curas com *ayahuasca*. Em seguida realizei uma pesquisa de campo em Rio Branco do início janeiro ao fim de março de 2015. Durante este tempo morei no Centro Livre, uma conhecida comunidade do Santo Daime onde moram Nazaré e Guido Carioca. Morando em Rio Branco pude participar de rituais em outros centros como o CEFLI (Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado) e CEFLIMMAVI (Centro Eclético Maria Marques Vieira). Durante o trabalho de campo pude igualmente me relacionar com participantes do centro conhecido como CICLU Alto Santo. As informações foram levantadas a partir da relação estabelecida com os participantes do Santo Daime. As informações mais importantes foram obtidas em comunicações desprovidas de intencionalidade, muitas vezes não verbais. O meu estado de saúde e a maneira como este reagia aos rituais de Daime também foi considerado. Entrevistas semi-estruturadas foram utilizadas como um complemento para ilustrar nas palavras nativa o que descrevi com minhas palavras. As informações de campo são analisadas principalmente a partir das teorias antropológicas contemporâneas acerca da eficácia.

Para a análise dos dados, os rituais e práticas de cura no Santo Daime serão consideradas como potencialmente eficazes. A eficácia será tomada como uma transformação nos afetos (contextos relacionais) e não como a ação de uma coisa ou alguém sobre outra coisa ou pessoa. A força responsável pela transformação não será dada de antemão pelas teorias da antropologia (mana, sociedade, símbolos) e sim reveladas a partir do trabalho de

campo. Forças inconscientes serão consideradas nas explicações dos comportamentos, mas não se trata aqui do inconsciente psicanalítico, mas sim das intensidades invisíveis e eficazes percebidas pelos nativos e pelo antropólogo a partir das relações que estabelecem. A eficácia das práticas de cura no Daime será analisada a partir da concepção de natureza, cultura, saúde, doença, corpo e pessoa própria ao Santo Daime. Será dado estatuto epistemológico às experiências “místicas” vivenciadas em campo, uma vez que desconsidero a possibilidade de uma objetividade empírica que se opõe a uma subjetividade abstrata. O devido distanciamento será tomado, uma vez que faço parte da doutrina que pesquiso. Considerando antropólogos, daimistas, ayahuasqueiros e simpatizantes desta cultura em geral como leitores, busco articular a teoria apresentando meu ponto de vista sem desconsiderar a opinião nativa nem as teorias antropológicas. Para análise darei grande atenção aos pronomes, às pessoas e às coisas a partir de diversos pontos de vista (VIVEIROS DE CASTRO, 1996).

O meu pertencimento ao Santo Daime levou colegas e professores a me questionarem sobre a questão da subjetividade nos trabalhos antropológicos. Algumas pessoas me perguntam se meu pertencimento à doutrina não poderia levar a resultados enviesados. Corde (2013) aponta que a idéia de objetividade científica foi trazida das ciências exatas para a antropologia nos primórdios da disciplina. Em nome desta objetividade o autor se ocultava, assim como o contexto de produção dos dados. A autora aponta que o pesquisador se colocava como se estivesse atrás de um vidro e que o conhecimento produzido era tido como transcendental e incontestável. A cultura seria algo dado que poderia ser evidenciado através dos métodos objetivos da antropologia. Corde defende que a subjetividade pode ser utilizada para dar maior objetividade à escrita etnográfica, e para tal fim, pode se apoiar na escrita literária. Sendo o conhecimento etnográfico produzido a partir da relação do antropólogo com o grupo estudado, este não pode se limitar a uma leitura objetiva da cultura, nem tampouco a uma auto-análise. Corde aponta que ordenar os fatos sociais atribuindo-lhes sentidos fixados gera o risco de produzir uma sociologia de museu, desconectada da dinâmica social do grupo. A autora aponta que legitimar este tipo de objetividade científica é estabelecer relações de poder, pois se designa quem é a pessoa que tem capacidade para dizer sobre a vida social. Corde não propõe que se abra mão da objetividade, mas defende que esta possa ser reapropriada. A autora defende que a relação do pesquisador com o grupo social seja evidenciada e que o estilo literário contribua para este fim. Defende que expor estas relações propicia a construção de um trabalho mais honesto. Assim, compreendo que meu pertencimento ao Santo Daime não pode ser questionado por uma suposta objetividade típica

de uma antropologia que se coloca em posição hierárquica superior a seu objeto. Deixar o leitor ciente das relações que tenho com o grupo social estudado contribui para uma maior honestidade da pesquisa.

No primeiro capítulo desta dissertação faço um levantamento histórico do surgimento do Santo Daime e da vida do fundador desta doutrina. No segundo capítulo apresento o meu trabalho de campo nos centros da linha do Alto Santo de Rio Branco e região. No terceiro capítulo faço um levantamento histórico do conceito de eficácia na antropologia e busco dialogar estas teorias com as informações obtidas em campo. No quarto e último capítulo apresento uma obra de ficção que se desenrola durante um trabalho de Santo Daime. Ficção, neste caso, não se relaciona a algo falso, mas sim a busca por uma história verossímil para antropólogos, participantes do Santo Daime e demais leitores.

1- MESTRE IRINEU E O SANTO DAIME

Neste capítulo faço uma revisão histórica da vida de Mestre Irineu e do surgimento da doutrina do Santo Daime. Para tanto, faço principalmente um apanhado da extensa obra de MOREIRA e MACRAE (2011) por considerá-la a mais completa em relação à vida do Mestre Irineu e ao surgimento da doutrina do Santo Daime. No entanto, utilizo outros autores que também se debruçaram sobre esta temática. Esta revisão busca facilitar a leitura desta dissertação para os leitores que possuem pouco ou nenhum contato com o Santo Daime. A revisão busca igualmente revelar como os centros pesquisados no trabalho de campo surgiram.

1.1 - As origens nordestinas

Raimundo Irineu Mattos (Raimundo Irineu Serra) nasceu no dia 15 de dezembro de 1890 em São Vicente Ferrer, Maranhão. O Brasil havia recentemente abolido a escravidão e as possibilidades de trabalho para a população negra (cor de Irineu Serra) e indígena não eram muitas. Os avós de Irineu foram escravos, no entanto, após a abolição da escravatura a família passou a viver principalmente da agricultura. As dificuldades da infância de Irineu Serra aumentaram após a separação dos seus pais. Irineu, que tinha então dez anos, foi viver com o seu tio Paulo Serra, pessoa pela qual ele tinha grande respeito. Junto a seu tio e outros parentes, Irineu trabalhava na agricultura em uma estrutura de sobrevivência familiar (MOREIRA; MACRAE, 2011).

Diversas expressões culturais e religiosas estavam presentes em São Vicente Ferrer durante a infância de Irineu Serra. Antes da colonização o território era ocupado por indígenas Tremembés (tronco Macro-Jê) e Guajajaras (tronco Tupi) e após a colonização vieram os negros e europeus. Expressões de matriz africana como o Tambor de Mina e o Tambor de Crioula conviviam lado a lado com o catolicismo popular. É possível que o contato entre negros e índios tenha resultado na pajelança, sistema médico-religioso no qual o pajé (palavra de origem Tupi) em transe realiza diagnóstico, trata enfermidades, prepara medicamentos naturais e receita remédios de farmácia de uso não controlado (FERRETI, 2008). Irineu Serra conheceu o Tambor de Crioula e chegou inclusive a se envolver numa briga durante um ritual.

Não se sabe ao certo o envolvimento de Irineu com os rituais indígenas e de matriz africana, mas é possível supor que estas tradições tenham influenciado a vida daquele jovem. A mãe de Irineu era também uma pessoa muito religiosa e passava horas em seu quarto fazendo orações diariamente. Estas expressões religiosas foram possivelmente os primeiros contatos que o jovem Irineu teve com a espiritualidade.

Aos quinze anos Irineu se apaixonou por uma prima chamada Fernanda e o casal fazia planos para se casar. O jovem Irineu foi consultar seu tio Paulo Serra que lhe disse: “o homem para se casar deve primeiro dar uma volta no mundo” (GRANGEIRO, 1992). Uma volta ao mundo era o que muitos nordestinos estavam fazendo naquele momento. O Brasil estava vivenciando o Primeiro Ciclo da Borracha e milhares de nordestinos estavam migrando para a região amazônica em busca de obter riquezas através do trabalho na extração do látex. A impossibilidade de se casar com Fernanda, a briga no Tambor de Crioula e as promessas de riqueza na região amazônica, tudo isso reforçava em Irineu a vontade de deixar a sua terra natal (MOREIRA; MACRAE, 2011). Em 1909, após ter servido ao exército, Irineu deixou o Maranhão em busca do sonho que motivou milhares de nordestinos: a obtenção de riquezas na região Amazônica.

Os padrões de vida que os seringueiros (trabalhadores dos seringais) enfrentavam, no entanto, não era nada parecida ao que se falava. As condições de trabalho eram análogas à escravidão. Os seringueiros chegavam aos seringais endividados com as casas aviadoras que lhes cobravam os custos da viagem (MOREIRA; MACRAE, 2011). A dívida dos seringueiros tendia a aumentar, pois os produtos básicos para sua sobrevivência eram fornecidos e cobrados pelos seringalistas (donos dos seringais). Os imigrantes nordestinos trabalhavam para pagar esta dívida que nunca se acabava. Para garantir o pagamento, os donos dos seringais vigiavam seus trabalhadores com capangas armados. No entanto, muitos seringueiros encaram a relação estabelecida com os seringalistas como uma troca (VIEIRA, 2012). O patrão fornecia mercadorias e prestava assistência aos doentes em troca do trabalho com a borracha. Os seringais do Peru adotavam principalmente a mão de obra indígena, já no Brasil, embora a mão de obra indígena tenha sido utilizada, prevaleceu o trabalho dos imigrantes nordestinos após 1890. O fato de seringalistas e seringueiros serem ambos imigrantes nordestinos favoreceu o estabelecimento de uma relação menos desarmônica e violenta que nos seringais do Peru, embora a violência imperasse também no Brasil. O conflito entre indígenas e seringueiros permitiu a adoção de elementos indígenas pelos

seringueiros, assim como a diferença marcada entre estes grupos. Irineu Serra viajou sem criar dívidas e por esta razão não se submeteu ao mesmo regime de trabalho que seus conterrâneos (MOREIRA; MACRAE, 2011).

Irineu chegou a Belém e trabalhou como jardineiro, o que possibilitou ao jovem juntar dinheiro e comprar mais um trecho da viagem até Manaus para então trabalhar de Magarefe⁷. Nesta época (1909) o território do Acre havia recentemente se anexado ao Brasil e o exército brasileiro estava realizando a Comissão de Limites nas fronteiras com o Peru. Com esta comissão, Irineu Serra teve nova oportunidade de servir ao exército brasileiro e assim chegou ao Acre. Após dar baixa da Comissão de Limites, Irineu viveu dois anos em Xapurí e em seguida se estabeleceu em Brasileia. Em Brasileia Irineu Serra começou a trabalhar no ramo da borracha e pôde conhecer a exploração a qual os seringueiros se submetiam. Logo que chegou a esta cidade, Irineu Serra conheceu sua companheira Emília e também os irmãos maranhenses Antônio e André Costa (MOREIRA; MACRAE, 2011).

1.2 - A Iniciação Ayahuasqueira

Apesar de ter trabalhado toda sua vida, seja na agricultura, no exército, na jardinagem, em matadouro e com a borracha, Irineu Serra não havia conquistado as riquezas tão prometidas. Irineu pelejava muito com Deus para conseguir as coisas que desejava, não tendo conquistado, decidiu lutar com o Diabo para ver o que ele tinha para lhe dar (GRANGEIRO, 1992). Antônio Costa conhecia um grupo de indígenas ou mestiços que faziam uso da *ayahuasca* e então Irineu Serra decidiu conhecer este ritual. O preconceito existente na época, assim como existe atualmente, fez com que Irineu pensasse que aquilo se tratava de um ritual para o Diabo. Neste ritual se invocava centenas de nomes supostamente do diabo e, a cada nome chamado, Irineu via uma cruz (GRANGEIRO, 1992). Irineu também chamava por estes nomes. Em um dado momento, ele disse que queria falar com o chefe dos diabos e então uma grande cruz apareceu. Irineu Serra compreendeu então que aquilo não era coisa do diabo, pois, para ele, o diabo tinha medo de cruz.

⁷ Classificador de carnes em matadouro.

Em outra ocasião, *Mestre Irineu* teve contato com um ser chamado caboclo Pizango. No entanto, não sabemos se Pizango é Crezêncio Pizango, iniciador de Antônio Costa ou se é apenas uma entidade. É possível que o primeiro ritual ayahuasqueiro que Mestre Irineu participou tivesse relação com o trabalho de Pizango, de toda forma, este ser apareceu para Mestre Irineu e lhe fez uma revelação. Vejamos o relato de João Rodrigues (MOREIRA; MACRAE, 2011).

O Mestre foi convidado por Antônio Costa a conhecer um caboclo de nome Pizango, que era um caboclo peruano, descendente dos Incas. Era com ele que Antônio Costa tomava Daime. Isso por volta de 1918. Pizango era, por assim dizer, um caboclo que sabia onde as andorinhas moravam. Quando eles tomaram o Daime – eram aproximadamente doze pessoas – e estavam mirando, o caboclo aproximou-se. Só quem viu foi Raimundo Irineu Serra. Veio a dar a entender que o Mestre era o único que estava em condições de trabalhar com a bebida na altura do trabalho. Pizango veio, e entrou dentro da cuia, que estava servindo o Daime. Naquele tempo se tomava Daime em uma cuia grande. O caboclo Pizango vira-se para Irineu e diz para ele convidar o companheiro a olhar dentro da cuia e perguntar se estavam vendo alguma coisa. A resposta foi: “Não!”. Eles olhavam e diziam que só viam o Daime. Aí Pizango falou: “Só usted tem condições de trabalhar com o Daime. Ninguém mais está vendo o que tu está vendo”. Ele se deslocou dali pra casinha que defuma a borracha – o defumador, pedindo para alguém levar um “baço”, a vasilha com o Daime, pra lá. O Mestre chamou um dos companheiros. Foi André Costa que levou o “baço”. Quando terminou, só encontraram a vasilha seca. O Daime tinha se consumido.

Em outra ocasião na qual Antônio Costa e Irineu Serra tomaram a *ayahuasca* juntos, uma senhora de nome Clara apareceu para Antônio em sua *miração*⁸(GRANGEIRO 1992; MENDES, 1992). A Senhora disse a Antônio que havia acompanhado Irineu desde o Maranhão e que iria conversar com ele. A Senhora estava com uma laranja (simbolizando o mundo) na mão e queria dar a Irineu (GRANGEIRO, 1992). Irineu pediu que a laranja fosse dada a Antônio, mas Clara manteve sua posição. Em outro encontro com Clara, ela lhe entregou a laranja. Neste dia a Senhora se apresentou com uma lua nova sobre a cabeça e uma águia em cima. Em outra oportunidade Irineu tomou *ayahuasca* e deitou-se em uma rede de forma que pudesse olhar para a lua (MENDES, 1992). A lua veio se aproximando e dentro dela havia uma Senhora sentada em uma poltrona. A Senhora perguntou a Irineu se ele teria coragem de dizer que ela era o diabo, e este então negou. A Senhora disse a Irineu que

⁸ Visões reveladoras provocadas pela ingestão da ayahuasca.

ninguém jamais havia visto aquilo que ele estava vendo e em seguida lhe perguntou quem ele achava que era ela. Irineu afirmou que ela era uma Deusa Universal. Clara ordenou a Irineu Serra que se isolasse na mata e que fizesse uma dieta de oito dias se alimentando apenas de macaxeira insossa e sem ver nenhuma mulher.

Durante o período em que Irineu Serra estava na mata, Antônio Costa preparava a macaxeira insossa e levava para ele, mas um dia Antônio teve pena de Irineu e colocou sal na comida (GOULART, 2004). Irineu reprovou Antônio Costa antes mesmo de comer a macaxeira. Antônio ficou surpreso pelo fato de Irineu Serra saber o que ele havia feito e pensou que seu amigo estava realmente entendendo as coisas. Ao final da *dieta*, Clara apareceu para Irineu e disse que ele poderia pedir o que quisesse. Irineu Serra pediu para ser o maior curador do mundo e que Clara colocasse tudo que pudesse curar dentro do Daime.

Por volta de 1916, *Mestre Irineu* passou a participar do CRF (Círculo de Regeneração e Fé), fundado nesse ano pelos irmãos Costa, possivelmente influenciados pelo CECP (Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento). Este grupo, de maioria negra, possuía fortes características espíritas e recebia comunicações de *seres espirituais* com títulos de nobreza como a Rainha da Floresta, o Rei Titango, o Rei Agarrube e o Rei Tintuma. Os participantes também possuíam títulos de nobreza e utilizavam fardas⁹. Havia um momento no ritual em que as pessoas podiam se consultar com as entidades e obter conselhos sobre questões de saúde ou outra situação difícil. Para invocação destes seres eram realizados cantos conhecidos por chamados. A partir de um momento, Irineu e Antônio Costa começaram a se desentender, possivelmente em função dos conhecimentos que Irineu havia adquirido em sua iniciação. Irineu havia passado por um ritual tido como eficaz por diversas tradições da região. Nesta condição Irineu Serra adquiria o mesmo patamar que seu iniciador Antônio Costa. Em casa, Irineu também sofria preconceito de sua companheira Emília, por participar do culto *ayahuasqueiro*, assim como era rejeitado por Elias Manga (filho de Emília) por ser negro. Estes fatores parecem ter sido decisivos para que Irineu Serra deixasse Brasília e seguisse rumo à capital Rio Branco (MOREIRA; MACRAE, 2011).

⁹ Roupas cerimoniais

1.3– Os primeiros seguidores

Em 1920 Irineu chegou a Rio Branco e entrou para a força policial (MOREIRA; MACRAE, 2011). Neste período ele seguiu realizando trabalhos com o *Daime* sozinho em seus momentos de folga, às quartas-feiras. Seu colega de profissão, Germano Guilherme, pediu a Irineu para lhe acompanhar em uma destas quartas-feiras. Desta forma, Germano Guilherme foi iniciado no *Daime* e ficou consagrado como o primeiro seguidor do *Mestre Irineu*. Na força policial, *Mestre Irineu* conheceu também João Pereira, o músico da banda da polícia que se juntou mais tarde ao grupo e Manuel Fontenele de Castro, que viria a ser governador do Território Federal do Acre e prefeito de Rio Branco por três mandatos em cada um dos cargos. Em 1928 Mestre Irineu conheceu sua segunda companheira, Dona Francisca e foi morar na região do Seringal conhecido por Empresa. Em 1930 Mestre Irineu mudou-se para o Bairro do Bosque, onde conheceu *Zé das Neves*, um dos seus primeiros seguidores e pai biológico de Paulo Serra (filho adotivo de Irineu Serra). Em seguida Mestre Irineu mudou-se para a Vila Ivonete, onde um grupo mais sólido começou a se formar. Neste período nomes que vieram a ser importantes se juntaram à doutrina, como Maria Marques Vieira (*Maria Damião*), Percília Matos (*Dona Percília*), Antônio Gomes e Daniel Pereira de Matos, dentre outros (SOUZA, 2012). A maior parte das pessoas se juntava ao grupo após ter *recebido* uma cura do Mestre Irineu. Em 1936, Dona Francisca (esposa de Mestre Irineu) faleceu e em 1937, *Mestre Irineu* se casou com Raimunda Marques Feitosa. A família de Dona Raimunda também aparece com destaque entre os primeiros seguidores de Mestre Irineu.

1.3 – Perseguições ao Daime

Mestre Irineu sofreu perseguições policiais desde o início de suas atividades *ayahuasqueiras* junto ao CRF entre 1916 e 1918. Neste período estava em vigência o Código Penal estabelecido em 1890 que continha artigos referentes à prática ilegal da medicina e da magia, proibia o curandeirismo e o uso de substâncias venenosas. Para se esquivar da polícia, o CRF realizava suas sessões em locais variados, inclusive em território boliviano e peruano.

Neste período *Mestre Irineu* foi perseguido por policiais bolivianos e em sua fuga se atirou no rio. Neste episódio *Mestre Irineu* foi alvejado de raspão por uma bala, o que gerou uma cicatriz permanente em sua mão (MOREIRA; MACRAE, 2011; Souza, 2012). Este código penal terminou sua vigência em 1942, mas as perseguições ao *Daime* se acirraram (MOREIRA; MACRAE, 2011).

O código penal que entrou em vigor em 1942 ainda proibia a possessão durante sessões públicas e exigia que os grupos tivessem sede própria. Neste período estava em curso no Brasil o Estado Novo, de Getúlio Vargas, que pregava valores da ordem, do cientificismo positivista, do patriotismo e da eugenia. Uma religião formada por imigrantes nordestinos, muitos deles negros, e que faziam uso de uma bebida indígena seria certamente perseguida nesta época. As justificativas para a perseguição policial a *Mestre Irineu* se deviam a acusações de curandeirismo e charlatanismo (MOREIRA; MACRAE, 2011). Em Rio Branco as pessoas viam com maus olhos o hábito que *Irineu* tinha de indicar casamentos entre seus seguidores. Diziam ainda que *Mestre Irineu* molestava as mulheres que buscavam tratamento com ele e que enfeitiçava as pessoas para mandar e desmandar nelas. Estes são alguns exemplos do preconceito que são vítimas as religiões de matriz africana e indígena.

Quando ainda residia na Vila Ivonete, *Mestre Irineu* teve sua casa cercada por aproximadamente quarenta policiais que queriam prendê-lo. *Irineu* conseguiu livrar-se dessa situação devido à intermediação do Coronel Fontenele, autoridade com quem mantinha amizade. *Mestre Irineu*, além de atender demandas de todos os tipos que chegavam até ele através dos seus seguidores, precisava também proteger o grupo social que se formava em torno de si das perseguições que se acirravam neste momento. À medida que as perseguições aumentavam, *Mestre Irineu* buscava criar uma imagem ordeira do seu grupo, seja através do uso de fardas ou de aproximações com o cristianismo e políticos influentes da época. Foi possivelmente em função das perseguições que sofria na Vila Ivonete que *Mestre Irineu* decidiu mudar-se para a Colônia Custódio Freire.

1.5 - O Alto Santo

Em 1945 *Mestre Irineu* mudou-se da Vila Ivonete para a Colocação Espalhado, numa área mais afastada da cidade conhecida por Colônia Custódio Freire (MOREIRA; MACRAE,

2011). Nesta localidade Raimundo Irineu Serra se estabeleceu numa pequena casa com sua companheira, Dona Raimunda e seu filho de criação, Paulo Serra. Mestre Irineu trocou o nome da Colocação Espalhado para Alto da Santa Cruz, ou apenas Alto Santo, quando veio residir neste local. No Alto Santo, Mestre Irineu possuía cerca de 500 hectares de terra e havia espaço suficiente para construir uma sede para a doutrina e abrigar os seus seguidores. Entre 1942 e 1945, no contexto da Segunda Guerra Mundial, a demanda internacional pela borracha voltou a crescer e o Acre recebeu milhares de imigrantes nordestinos novamente. Este período é conhecido por Segundo Ciclo da Borracha. Ao final deste ciclo a economia da borracha entrou em crise novamente e diversos imigrantes se encontraram sem trabalho e sem teto. Mestre Irineu, dispondo das terras do Alto Santo, pôde suprir material e espiritualmente as pessoas que o procuravam. Mestre Irineu permitiu que diversos seguidores construíssem suas casas no Alto Santo e formou ali uma comunidade. Os moradores do Alto Santo passaram a trabalhar de forma coletiva na agricultura, na construção de casas e na organização dos rituais. Esta forma de trabalho era consideravelmente mais digna para o imigrante que a exploração que estes viviam nos seringais. Num primeiro momento Irineu Serra e seus seguidores construíram um galpão de palha para a realização dos trabalhos. Em 1950 foi construída a casa do Mestre Irineu e os trabalhos passaram a acontecer neste local.

Por volta de 1954, Mestre Irineu sofreu um acidente de trabalhando com um machado e passou seis meses para se recuperar. Francisco das Chagas relata que no período da sua recuperação, Mestre Irineu passava o tempo lendo o Livro de Orações Cruz de Caravaca, as revistas do Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento¹⁰ e a Bíblia (MOREIRA; MACRAE, 2011). Neste período o casamento entre Mestre Irineu e Dona Raimunda passava por grandes dificuldades e um ano mais tarde eles vieram a se separar. Em 1956 Mestre Irineu casou-se com Dona Peregrina. Logo após o casamento com Dona Peregrina, Mestre Irineu realizou uma viagem ao Maranhão na esperança de encontrar sua mãe viva, no entanto ela já havia falecido. Mestre Irineu convidou vários parentes para irem com ele para Rio Branco e desta forma seus sobrinhos Daniel Serra e Zequinha, assim como João (filho de uma sobrinha) se juntaram ao Alto Santo.

Em 1960 foi construída a sede onde atualmente ocorrem os trabalhos presididos por Dona Peregrina (atualmente conhecida por Madrinha Peregrina). Neste período, Mestre Irineu se aproximou ainda mais do Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento (CECP) e os rituais

¹⁰ Entre 1963 e 1970 Mestre Irineu realizou uma parceria com este grupo.

do Daime foram diretamente influenciados pela cosmologia deste grupo. Uma das possíveis intenções desta associação era introduzir princípios teóricos esotéricos, que até o momento eram apenas vivenciados na prática. Outro fator que parece ter influenciado sua associação ao Círculo Esotérico era a busca por uma maior legitimidade para o Daime, através da parceria com um grupo já estabelecido nacionalmente. Mestre Irineu incentivou seus seguidores a participarem do CECP e em 1963 formalizou uma parceria com este grupo que durou até 1970. Este grupo possui forte influência do guru indiano, Swami Vivekananda, dos princípios teosóficos de Helena Blavatsky e as publicações também versam sobre astrologia, numerologia, cabala judaica e budismo. Aconteciam também trabalhos em parceria com o CECP na casa de Francisco Ferreira no Bairro do Bosque. No final da década, Francisco Ferreira começou a rivalizar com Mestre Irineu pelo comando do Centro e então foi a São Paulo fazer uma denúncia ao presidente do CECP que Irineu Serra estava incluindo o uso de Daime nos cultos. Em função desta denúncia Mestre Irineu finalizou a parceria com o CECP e levou consigo seus seguidores (MOREIRA; MACRAE, 2011).

À medida que a doutrina ia se expandindo começaram a surgir “extensões filiadas” ao Alto Santo nos arredores de Rio Branco e também em Rondônia. Fala-se que Mestre Irineu se referia a estes locais como “pronto socorro”, em uma analogia à biomedicina. A primeira extensão filiada foi o centro fundado por Daniel Pereira de Matos, que mais tarde se tornou a Barquinha. Em Porto Velho (Rondônia) foi fundada uma extensão liderada por Regino Silva e Antônio “Sapateiro”. Em 1961 Raimundo Gomes passou a liderar uma extensão na Colocação Chapada. Neste mesmo ano Raimundo Ferreira (Loredó) instituiu uma filial na Colocação Saituba. Em 1963 José Nunes e sua esposa Maria fundaram uma extensão na Colocação Limoeiro e em 1966 surgiu no Bairro do Bosque o “Pronto Socorro Wilson Carneiro”. Em 1968 foi fundada uma extensão na Colônia Apolônio Sales, liderada por Pedro Fernandes Filho. Neste mesmo ano foi fundada na Colônia Cinco Mil uma extensão liderada por Sebastião Mota (Padrinho Sebastião). Outra extensão conhecida, porém mais distante de Rio Branco, era liderada por Manuel Cabeludo na Colocação Cá-te-espere, entre os municípios de Bujari e Sena Madureira (MOREIRA; MACRAE, 2011).

No início da década de 70 a saúde de Mestre Irineu começou a se fragilizar devido a problemas de rins e do coração. Antes do seu falecimento, Mestre Irineu pediu a José Vieira que redigisse um estatuto para o Centro no intuito de dar existência legal ao grupo. De forma semelhante a religiões de matriz africana, este estatuto se adapta estrategicamente às leis nacionais vigentes na época. Dessa forma, é possível notar o uso de uma linguagem

rebuscada, com diversas citações bíblicas e uma exaltação dos valores patrióticos e das leis nacionais. Um exemplo disso é o nome institucional CICLU (Centro de Iluminação Cristã Luz Universal), pois se comenta que Mestre Irineu gostaria que a instituição se chamasse Centro Livre. Mestre Irineu deixou ainda um decreto ditado por ele a Dona Percília Matos (MOREIRA; MACRAE, 2011).

Ocorreram grandes divisões no Alto Santo após o falecimento de Mestre Irineu em 1971 (MACRAE, 1992). Antes de sua morte, *Mestre Irineu* não havia deixado sucessor para o seu posto de *Mestre Imperador*, mas no estatuto da doutrina indicou Leôncio Gomes para o cargo que denominou de *Mestre Imediato*. Um conflito entre Leôncio Gomes e Sebastião Mota resultou na primeira cisão no Alto Santo em 1974. Dessa cisão surgiu o Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS) que se tornou a mais conhecida e numerosa *linha* do *Daime*. Reforçando seu discurso de origem, o Alto Santo diz seguir os trabalhos propostos por Mestre Irineu, em oposição ao CEFLURIS que segue Sebastião Mota. No entanto, a separação pode ser pensada entre Sebastião Mota e Leôncio Gomes, uma vez que os participantes do CEFLURIS afirmam seguir Mestre Irineu também. Anos mais tarde as expressões *linha* do Alto Santo e *linha* do CEFLURIS se tornaram comuns.

Após o falecimento de Leôncio Gomes, Francisco Fernandes Filho (Tetéu) passou a presidir os trabalhos do Alto Santo (MACRAE, 1992). No entanto, Tetéu foi afastado do centro após desentendimentos com a Madrinha Peregrina. Tetéu construiu uma nova sede a um quilômetro dali, ainda no território do Alto Santo, e o estatuto do CICLU foi transferido para esta sede. A partir de então os dois grupos passaram a reivindicar ser a origem do *Daime*. O fato de seguir com o estatuto do Mestre Irineu serviu de argumento para que o grupo em torno do já falecido *Tetéu* buscasse se legitimar como *linha* do Mestre Irineu (atualmente o centro funciona com outro estatuto). O centro presidido pela Madrinha Peregrina passou a se chamar CICLU Alto Santo e, por sua vez, também adota o discurso de origem reforçado pela figura impactante da esposa do Mestre Irineu na presidência e por realizar os trabalhos na sede erguida pelo Mestre e seus seguidores.

Antônio de Macedo, ex-secretário do CICLU (atual CRF, Centro Rainha da Floresta), me informou sobre a origem de três centros vizinhos ao CRF, assim como de dois Centros em outras localidades. A partir de dissidências no CICLU surgiram o CICLUJUR fundado por Tufi Rachid e Ladislau Nogueira e o CEFLIMMAVI (Centro Eclético Flor de Lotus

Iuminado Maria Marques Vieira) fundado por José Silva Souza (Zé da Miriam). A partir de uma dissidência no CICLUJU outra sede surgiu ao lado, mas seus membros se reincorporaram ao CICLUJU após o falecimento do fundador Tufi Rachid. Outra dissidência no CICLU resultou na fundação do Centro Livre, por Francisco Grangeiro Filho e do CEFLI (Centro Eclético Flor de Lotus Iuminado) por Luís Mendes. É comum escutar pessoas dizendo que estes centros seguem a linha do Alto Santo, embora outras pessoas digam que o termo Alto Santo refere-se unicamente ao centro erguido por Mestre Irineu.

1.6 - Chamados e hinos

Os *chamados* são melodias assobiadas ou cantadas bem baixo com a finalidade de invocar determinados seres espirituais para realizar uma *cura* ou resolver algum problema urgente. Os chamados são *recebidos* do astral e não inventados (compostos), como uma música comum. Mestre Irineu recebeu 12 chamados, no entanto, apenas o nome destes são públicos. Mestre Irineu ensinou a letra dos chamados que recebeu para poucas pessoas, como Percília Matos e Adália Grangeiro. Uma análise linguística revela que estes chamados fazem referência a seres do universo indígena. Os chamados conhecidos por Tamaracá, Manacá e Maraximbé se aproximam ao tronco linguístico Tupi. É interessante notar que este tronco não está presente no Acre, no entanto, está presente no Maranhão, terra natal de Mestre Irineu. O chamado pakaconshinawá se aproxima do tronco linguístico Pano, muito presente na região do Acre. Outros chamados como Rei Titango, Rei Agarrube e Rei Tintuma fazem referência a seres que estavam presentes nos cultos do CRF. Maraximbé é um ser espiritual do panteão daimista que vêm para disciplinar a pessoa que cometeu algum desvio moral. Alguns chamados como o Senso-Cheiroso ou Senso-Perfumoso eram utilizados quando Mestre Irineu queria saber se a doença tinha cura ou se o doente iria sobreviver. As pessoas que aprenderam os chamados dizem que estes só podem ser invocados em caso de grande necessidade. Caso alguém invoque um ser sem uma real necessidade, é possível que o ser venha e *discipline* a pessoa através de uma doença ou outros males. (MOREIRA; MACRAE, 2011).

Os hinos são canções ritualísticas que ocupam um papel de grande destaque nos rituais do Santo Daime. Assim como os chamados, os hinos são recebidos do astral e não compostos. No entanto, os hinos são cantados em voz alta e em uníssono por todos os participantes do

ritual. De acordo com a cosmologia daimista, Mestre Irineu recebeu os hinos de Clara, também identificada como a Rainha da Floresta e Nossa Senhora da Conceição. Mestre Irineu recebeu aproximadamente 132 hinos. O conjunto de hinos é chamado de *hinário* e estes são considerados as escrituras sagradas do Daime. O hinário de Mestre Irineu recebeu o nome de “O Cruzeiro”. Este hinário versa sobre diversas temáticas como a afirmação de Irineu enquanto alguém que recebe ordens da Rainha da Floresta, momentos de sua vida, questões que afetaram o país, concepções de saúde e doença, disciplina, louvores à natureza, o próprio Daime e a morte. Mestre Irineu recebeu o seu primeiro hino (Lua Branca) no Peru e este hino faz referência aos seus encontros com Clara, a Rainha da Floresta. Os primeiros hinos são marcados por referências a seres do universo indígena de tronco Tupi, como Tuperci (Filho de Deus), Jaci (lua), Ripi (curioso, pessoa, você) e Tarumim (Mãe d’Água). Com o passar dos anos a referência a seres deste universo foram diminuindo à medida que as referências cristãs foram aumentando. Assim, a presença de Jesus, a Virgem Maria, o patriarca São José e outros seres do universo cristão estão presentes de forma intensa em “O Cruzeiro”. No entanto, as referências a seres do tronco Tupi, como Currupipiraquá (Curupira) e seres de universos desconhecidos seguiram presentes no hinário de Mestre Irineu, embora de maneira menos freqüente.

Na cosmologia daimista, o recebimento de hinos não é exclusividade do Mestre Irineu ou das lideranças. Neste contexto, qualquer pessoa tem a possibilidade de receber hinos. Os hinários de Maria Damião, Germano Guilherme, João Pereira e Antônio Gomes são considerados oficiais e confirmam a revelação de Mestre Irineu. Além disso, trazem louvações ao próprio Mestre Irineu, que é muitas vezes identificado com a figura de Jesus Cristo. Quando outras pessoas, além do Mestre Irineu, começaram a receber hinos foi necessário criar critérios para diferenciar se os hinos eram recebidos ou inventados (MOREIRA; MACRAE, 2011). No início dos trabalhos Mestre Irineu se encarregava desta função, mas posteriormente confiou a função a Dona Percília Matos. Dona Percília reprovou mais de doze hinos de João Pereira e dois de Antônio Gomes. Além dos hinários oficiais, diversos hinos e hinários seguem sendo recebido até os dias atuais.

1.7 - Rituais

O primeiro ritual realizado por Mestre Irineu foi uma concentração em 1930. Mestre Irineu organizava seus seguidores dentro do salão separando-os por sexo em lados opostos de uma mesa retangular. Os homens ocupavam o lado direito (de quem entrava no local do rito) e as mulheres ocupavam o lado esquerdo. As crianças do sexo masculino ficavam na cabeceira da mesa mais próxima à porta e as crianças do sexo feminino ocupavam a cabeceira oposta. Nos primeiros anos o trabalho de concentração consistia em tomar Daime e fazer silêncio por uma hora e meia. Neste ritual, assim como todos os rituais do Daime, Mestre Irineu promovia curas. Para esta finalidade Mestre Irineu costumava realizar chamados silenciosos, assobiados ou cantados bem baixo. Utilizava também tabaco artesanal ou charuto para promover curas ou diminuir a intensidade da miração (MOREIRA; MACRAE, 2011).

O trabalho de concentração, assim como outros rituais, sofreram modificações ao longo dos anos. Durante a parceria que Mestre Irineu desenvolveu com o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, um momento no ritual de concentração foi dedicado à leitura das “instruções” deste grupo, assim como as orações “Consagração do aposento” e “Chave de Harmonia”, além do Hino Esotérico de Violeta-Odete e o Hino Espiritualista de Lina Marcel. Os 13 últimos hinos de Mestre Irineu, recebidos entre 1968 e 1971, são chamados de hinos novos e foram acrescentados ao final do trabalho de concentração, sendo executado em pé pelas mulheres, enquanto os homens cantam sentados. Em 1970, um ano antes de sua morte, Mestre Irineu pediu a Dona Percília que redigisse um Decreto de Serviço. Este Decreto passou a ser lido no início dos rituais e antes dos hinos novos serem executados. No Decreto constam instruções básicas de como se portar dentro de um centro de Daime. Mestre Irineu sugeriu a utilização da *farda azul*¹¹ para a concentração, diferente da *farda branca* utilizada em *trabalhos bailados*, no entanto faleceu antes que ela fosse adotada (MOREIRA; MACRAE, 2011).

O batismo, assim como a Santa Missa, foram rituais introduzidos na doutrina por Mestre Irineu em meados da década de 30. Mestre Irineu batizava os filhos de seus seguidores com água, sal e daime. Neste ritual os padrinhos se colocavam em torno da mesa e os demais participantes do ritual, que devem estar em número de três a nove, seguram velas em suas

¹¹ Chamada atualmente de farda branca, utilizada em trabalhos com bailado, diferente da farda azul.

mãos e rezam o Pai Nosso e a Ave Maria. Em seguida o oficiante leva um algodão molhado com Daime à boca do bebê, chama-o pelo nome completo e diz: “Eu te batizo com o Daime, que é luz para te guiar na vida espiritual. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Em seguida o oficiante leva o sal à boca da criança e diz: “Eu te batizo com o sal, para teres força de lutar contra as adversidades, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Por fim o oficiante leva água à boca da criança e diz: “Assim como São João batizou Jesus no Rio de Jordão, eu te batizo com água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”. A Santa Missa, por sua vez, é um ritual fúnebre no qual se canta uma seleção de hinos destinados a esta função. O ritual consistia em um grupo sentado velar o corpo cantando estes hinos, só se levantando para cantar o último deles. A cada hino se intercalam três Pai Nosso e três Ave-Maria e uma Salve Rainha. Após a Missa cantam-se outros hinários e o ritual era encerrado executando o hinário de Mestre Irineu. Este hinário pode ser cantado próximo ao túmulo enquanto os presentes jogam terra por cima do caixão (MOREIRA; MACRAE, 2011).

Desde 1935, Mestre Irineu realizava trabalhos chamados de hinário. O primeiro trabalho de hinário ocorreu na casa de Maria Damião na madrugada de São João, com todos os membros sentados. Posteriormente, os participantes do Daime construíram uma ramada¹² para a realização dos rituais na localidade conhecida por Igarapé Fundo, no final da década de 1940. Na ocasião do primeiro hinário, Mestre Irineu havia recebido apenas cinco hinos. Havia ainda dois hinos recebidos por Germano Guilherme e outros dois por João Pereira. Como os hinos eram poucos, estes eram cantados na sequência e depois repetidos ao longo da noite. No período entre 1938 e 1940 Mestre Irineu propôs a utilização de fardas durante estes rituais, assim como a execução do hinário bailado¹³ e acompanhado por maracás (espécie de chocalho). Os rituais de hinário passaram a ocorrer também em outras datas como Nossa Senhora da Conceição, São José e Dia de Reis. Quando o hinário de Mestre Irineu passou a ter uma quantidade significativa de hinos, não havia mais a necessidade de se repetir ou cantar hinários de outros Irmãos. Os hinários de Germano Guilherme, Maria Damião, João Pereira e Antônio Gomes eram cantados principalmente na Sexta-Feira-Santa, com os participantes sentados (MOREIRA; MACRAE, 2011).

O *feitio* é o ritual no qual o Santo Daime é produzido. Mestre Irineu e seus seguidores seguiam técnicas corporais específicas para que o cipó jagube, a folha rainha e a água se transformassem no Santo Daime. O ritual se iniciava com a localização das plantas. Esse

¹² Abrigo construído a partir de ramos de árvore.

¹³ Três diferentes passos de dança executado durante o hinário.

processo ocorria geralmente na Lua Nova anterior. Apenas os homens iam às matas buscar o cipó, mas ambos os sexos podiam trabalhar na catação das folhas. Os homens tomavam Daime antes de começarem o corte do cipó. Após cortado, o cipó era acomodado em um saco e levado para a *casa de feitio*¹⁴ na sede do Alto Santo. Lascas de madeira eram utilizadas para limpar o jagube. Na casa de feitio havia um cercado com seis tocos de cada lado, em cima dos quais o cipó era batido com uma marreta de madeira por horas a fio. Após o início da bateção, o feitor iniciava o cozimento do bagaço do jagube com as folhas. O jagube e as folhas de chacrona eram organizados nas panelas em camadas alternadas. Mestre Irineu preferia iniciar e terminar com camadas de folhas. O líquido produzido a partir da primeira fervura do jagube e da chacrona é chamado de *cozimento*. Para finalizar a confecção do Santo Daime, o *cozimento* é colocado em uma nova panela, com camadas alternadas de chacrona e pó da casca do jagube. O feitor possui uma base de cálculo para determinar o ponto do cozimento do *Daime*, no entanto na cosmologia do Daime há uma concepção na qual o ponto de cozimento é recebido do mundo espiritual pelo *feitor* (MOREIRA; MACRAE, 2011).

Mestre Irineu também realizava *Trabalhos de Mesa* quando ele e a comunidade consideravam que certos distúrbios espirituais eram ocasionados por pensamentos negativos, *mau olhado*, *encosto* ou *obsessão por um espírito*. O trabalho de mesa era realizado com 3,5, 7 ou 9 pessoas na presença de 9 cruces. A pessoa obsedada podia ou não estar presente, embora fosse aconselhada a sua presença. Quando a pessoa obsedada está presente, o ritual é feito com uma cruz em seu peito. Dona Percília ressalta que é necessário pedir conforto e licença ao Mestre e a Deus para fazer a “Abertura de Mesa”. Outra regra indicada por Dona Percília diz que a pessoa que conduz o rito deve realizar intenção em seu nome e a seu anjo da guarda, para que não fique de corpo aberto. Após fazer intenção a seu nome e ao seu anjo da guarda, a pessoa que realiza o ritual deve fazer intenção ao nome da pessoa doente e ao anjo da guarda desta. Primeiramente é rezada três “Salve Rainha” e depois é recitada a “Oração de Mesa”. Ao meio da “Oração de Mesa” é rezado três “Pai Nosso” e ao final da “Oração de Mesa” canta-se três vezes o hino “Tucum” em forma de chamado e o ritual termina com a “Salve Rainha”. Dona Percília ressalta ainda que no fechamento é necessário oferecer os trabalhos ao Mestre, à Virgem e Soberana Mãe e ao Senhor Tucum. Percília diz que o fechamento deve-se fazer ainda em nome “das chagas que apaixonou Senhor Jesus e para Nossa Senhora do Desterro, para que seja desterrado todo o mal que estiver perturbando aquela pessoa ou aquelas pessoas” (MOREIRA; MACRAE, 2011).

¹⁴ Local onde o *Santo Daime* é confeccionado.

Diversos relatos apontam que os *Trabalhos de Cura* ocorriam desde o início da doutrina na década de 30, embora algumas pessoas afirmem que Mestre Irineu desenvolveu este trabalho quando aproximava de sua morte (MOREIRA; MACRAE, 2011). Adália Grangeiro me relatou em campo que Mestre Irineu orientava Francisco Grangeiro a realizar trabalhos de cura. Nestes trabalhos, os participantes assentados cantavam hinários pequenos, como os de Germano Guilherme, Maria Damião, Antônio Gomes e João Pereira. Jair Facundes afirma que Mestre Irineu não participava dos trabalhos de cura. É possível que Mestre Irineu estivesse preparando seus seguidores para dar continuidade à doutrina, pois ele não precisava de rituais para curar. Diversas curas ocorreram sem a necessidade de trabalhos.

1.8 –Cosmologia

Neste tópico faço uma representação da cosmologia construída a partir da minha interpretação do hinário “O Cruzeiro”, de Mestre Irineu. Busco analisar a quem se refere cada pronome dos hinos. Busco associar estes pronomes a pessoas e ações específicas. Este método nos revela personagens do universo daimista e algumas de suas ações no mundo.

A primeira pessoa do singular pode ser considerada Mestre Irineu, pois muitos hinos contam sua história. Ela se apresenta como filho de Deus e da Mãe Divina. No entanto, em muitos momentos dos trabalhos, os participantes cantam como se fossem eles próprios a primeira pessoa. Ao cantar frases como “eu devo ter amor”, o participante compreende que ele próprio é quem deve ter amor. A primeira pessoa apresenta os deveres dos Irmãos e se apresenta como cumpridora das normas recebidas do mundo espiritual. A primeira pessoa do plural se refere à Irmandade, aos membros da doutrina que se consideram Irmãos enquanto filhos de Deus.

A segunda pessoa do singular é utilizada quando a primeira pessoa se dirige a ela. A segunda pessoa (tu) do singular ou terceira do singular (você) geralmente estão associados a ações que desviam das instruções da primeira pessoa. As primeiras pessoas (singular e plural) ensinam a segunda pessoa do singular. Em muitas situações a segunda pessoa do singular é utilizada para se dirigir a seres divinos e neste caso a primeira pessoa não ensina, mas pede, roga, louva, agradece, dentre outros. Quando a segunda pessoa do singular se refere aos seres

divinos o verbo geralmente passa para o plural, como na frase “tu sois”. Os seres divinos são tratados na segunda pessoa do plural (vós), mesmo nas frases em que o pronome está no singular.

A terceira pessoa do singular é utilizada quase sempre quando a primeira pessoa fala sobre os seres divinos. A terceira pessoa do plural se refere principalmente a seres que não fazem parte da Irmandade, a seres que podem fazer mal aos Irmãos (ex: os rebeldes, os malfazejos).

Dentre os seres divinos citados no hinário de Mestre Irineu, encontramos representações humanas como Jesus e a Virgem Maria. No entanto, a lua, o sol e outros astros também são tratados como seres divinos. Assim como Jesus e a Virgem Maria, os astros estão nas alturas iluminando pensamentos e corações. O Daime (a bebida) também é considerado um ser divino. O corpo de um ser divino, quando faz a passagem, é reduzido a pó e entregue à Mãe, Terra criadora. O espírito, por sua vez, é entregue ao Divino.

Os seres divinos encarnados e desencarnados curam, conhecem, compreendem, têm firmeza, têm força, são bons alunos, são leais, fazem o bem, são bons professores, cumprem seus deveres, cumprem a palavra que juraram, são verdadeiras, respeitadas, não ofendem, não pecam, não zombam, não temem, são fieis, são gratos, são felizes, seguem o bom caminho, dizem a verdade, cumprem a dieta (três dias antes e depois do ritual sem sexo e álcool), perdoam, amam, trabalham, vencem, rezam, e identificam os mentirosos. No entanto, os seres divinos também sofrem, apanham, disciplinam, se sentem fracos, se sentem cansados, são tratados com ingratidão e vem a Terra.

Mestre Irineu se refere à Mãe Divina como Virgem da Conceição, a Rainha, a Rainha da Floresta, minha Mãe, dentre outros. A Mãe Divina é também associada a elementos da natureza como a lua, a luz prateada, a flor mais bela e delicada do país, um jardim, estrela do universo, estrela d'alva e a Terra. A Mãe Divina é um ser estimado por Deus, por Mestre Irineu e por todos os participantes do Santo Daime. Ela é a Terra, que dá o pão, a Mãe que criou a todos. A Virgem da Conceição media a relação com o divino Pai rogando a Deus para que faça suas vontades. O segundo hino, Tuperci (filho de Deus), faz referência a Jaci, a Deusa da Lua na cosmologia Tupi, o que nos permite associá-la à Virgem da Conceição. O hino Tarumim também faz referência à Mãe D'água. A Mãe Divina é também Mãe do coração e sua agencia é sentida neste órgão através do amor, do perdão, da luz, dos primores, da alegria, da beleza e do conhecimento. A Mãe Divina é comparada a uma advogada que

defende as pessoas de seus crimes, comparação esta igualmente presente na oração católica Salve Rainha que também é rezada no Daime. A Rainha da Floresta se apresenta também como aquela que enviou e ordena Mestre Irineu e é também quem lhe ensina e lhe dá poderes. A Rainha manda Mestre Irineu rezar, ensinar seus filhos a rezar para os Irmãos, para a humanidade e para os inocentes.

Mestre Irineu se refere a Deus como o criador. É apresentado como quem enviou Mestre Irineu e lhe ordena, assim como lhe ensina e lhe dá poderes. O Deus Pai é soberano senhor, criador, salvador, redentor, soberano e onipotente. O Pai é associado também ao seu filho, pois Mestre Irineu afirma que “Jesus Cristo é o nosso pai” (Hino “Equior Papai me chama”). Mestre Irineu também se apresenta como Jesus Cristo, enviado de Deus e da Virgem Mãe, Irmão dos que o acompanham. Mestre Irineu é apresentado também como Juramidã e B.G, o próprio Jesus Cristo que veio ao mundo para ensinar a verdade. Ele é o professor de uma escola e ensina o que aprendeu com a Virgem Maria. Outros seres do panteão Daimista são chamados de Pai, como Papai Paxá e Papai Velho. Mestre Irineu afirma que obedece ao Papai Paxá e irá até ele quando chegar seu dia. Papai Velho é apresentado junto à Mamãe Velha. Mestre Irineu pede o bastão a estes seres, para que ele possa se levantar com sua caducação (Hino “Papai Velho e Mamãe Velha). Vemos assim, que Mestre Irineu se apresenta também como um Velho que é ao mesmo tempo filho do Rei de Amor. Mestre Irineu se identifica também com o Velho Juradimidã. Papai Samuel é outro ser que guia Mestre Irineu para junto de Jesus e da Virgem Maria (É possível que seja uma referência ao Samuel bíblico). Jesus e Mestre Irineu, ao mesmo tempo em que são filhos de Deus, são manifestações do próprio criador.

Alguns seres que não possuem nome específico vivem no mar da escuridão. Estes seres são considerados fracos de coração. Passaram suas vidas no mundo de provação sem jamais se arrepender de seus pecados e pedir perdão (Hino “A Virgem Mãe é soberana”). Estes seres são especialistas do fingimento e eles não cumprem com o dever e a obrigação (Hino “Palmatória”). São jogadores, caluniadores, trapaceiros, blefadores e só espalham má notícia. Eles podem parecer Irmãos na presença de outras pessoas, mas quando estão nas sombras se esquecem da palavra que juraram. Estes seres não se escondem apenas nas sombras, mas se escondem também nas luzes. São amantes do ilusionismo e muitas vezes estão logo ao lado, porém disfarçados.

No hinário de Mestre Irineu parece haver uma fusão entre as características dos seres humanos encarnados e desencarnados, seres divinos, corpos celestes, vegetais, animais e seres das sombras. Mestre Irineu é ao mesmo tempo um ser humano e um ser divino. Mestre Irineu, que era um ser divino, em muitos momentos se ocultava nas matas sombrias. O Sol, a Lua, e as Estrelas são Deuses que estão no céu, Jesus filho de Maria, Mestre Irineu. A Lua e as Estrelas, ao mesmo tempo em que são Jesus, Mestre Irineu e o Pai, são também a Virgem Maria e suas variantes. Assim como a Virgem Maria, Deus Pai é criador, dá o pão, os ensinamentos divinos, o perdão, a força e o poder. A Virgem Mãe é soberana e foi quem mandou Mestre Irineu vir ensinar, compreender, ter amor, ser filho, mas o Divino Pai Eterno e Jesus Cristo também o mandaram. Os seres humanos também são associados ao ser divino, uma vez que o próprio Mestre Irineu era um ser humano encarnado. Ao cantar o hinário, os participantes do ritual afirmam as mesmas coisas que Mestre Irineu. Quando Mestre Irineu diz “Sou eu, filho do Rei de Amor”, “A minha mãe é a Santa Virgem” ou “a Virgem Mãe é soberana, foi ela quem me mandou”, as pessoas podem compreender que elas mesmas são filhas de Deus e da Santa Virgem e que foram enviados por estes seres para difundir a verdade. No entanto, são poucos os seres humanos que realmente foram considerados seres divinos. Os seres divinos, assim como os seres humanos, podem gerar sofrimento às pessoas, mas ao contrário dos seres humanos que frequentemente fazem o mal, os seres divinos agem sempre fazendo o bem, embora possam causar dor. Embora gerar sofrimento seja considerado uma má ação, os seres divinos batem nos seres humanos para que estes possam apanhar para obedecer (Hino “Disciplina”).

1.9 - Concepções e práticas de saúde e cura

Desde tempos imemoriáveis a *ayahuasca* é utilizada pelos povos da região amazônica como uma ferramenta para controlar forças invisíveis. Entre os indígenas Siona da Colômbia, estas forças invisíveis podem provocar doenças, escassez de alimentos, terremotos, enchentes, conflitos sociais e desvio de comportamento (LANGDON, 1994). O xamã Siona, ao consumir ‘*iko* (*ayahuasca*) é capaz de controlar estas forças de forma que resultem em consequências benéficas para a comunidade. A *ayahuasca* é frequentemente utilizada para curar doenças, mas pode também fazer aumentar a caça, fortalecer a produção agrícola, corrigir os desvios de conduta, evitar catástrofes naturais e acabar com conflitos sociais. É interessante notar que

todas estas atividades estão relacionadas à saúde, uma vez que a falta de alimentos, enchentes, a derrota na guerra e conflitos sociais produzem consequências danosas para a mesma. De forma análoga, no Santo Daime a busca por saúde é apenas um dos objetivos pelo qual os seguidores desta doutrina tomam a bebida em questão. Mestre Irineu e seus seguidores também tomavam Daime para estudar, aprender, corrigir, ganhar força, cantar, concentrar, obterem a salvação, dentre outros. Ouvi relatos em campo indicando que Mestre Irineu controlava as forças da natureza não apenas curando doenças. Concebe-se que o líder do Santo Daime tinha poderes como interromper uma chuva ou descobrir a localização de uma caça.

A concepção de que a *ayahuasca* pode auxiliar as pessoas a enxergarem forças invisíveis também é comum entre diversas tradições amazônicas, como, por exemplo, os Ashaninka do Rio Amônia (Acre) e os Kaxinawa do Peru. Os Ashaninka afirmam que o *kamarampi* (*ayahuasca*) lhes permite ver¹⁵(LESSIN, 2011), já os *Kashinawa* tomam o *nixipae* (*ayahuasca*) para perceberem o lado oculto da realidade (LUZ, 2002). No Santo Daime, os seguidores da doutrina, ao consumirem esta bebida, também são capazes de enxergar uma verdade que está para além da vida cotidiana (*mundo da ilusão*). Ao *enxergarem* esta realidade oculta, os daimistas podem compreender a causa de seus problemas (incluindo os de saúde) assim como saber a solução para os mesmos.

É possível que as primeiras concepções de cura desenvolvidas por Mestre Irineu tenham sofrido influências de expressões de sua terra Natal como o Tambor de Mina, o Tambor de Crioula, a pajelança e de rituais indígenas do tronco linguístico Tupi. Nestes contextos é comum a ideia de que doenças podem ser provocadas por feitiçaria ou por um desvio de conduta. É possível que ao chegar ao Acre, estas ideias tenham sido reforçadas no contato que Mestre Irineu teve com os imigrantes nordestinos André e Antônio Costa e também com vegetalistas e indígenas da tradição Pano. Interlocutores contemporâneos de Mestre Irineu me relataram que enquanto o líder daimista servia ao exército na comissão de limites, este andava acompanhado por um índio. Foi através do contato com este índio que *Mestre Irineu* aprendeu a utilizar o mureré (*Eichhorniapaniculata*) para combater o reumatismo.

Além dos chamados, é possível listar uma série de outros elementos comuns ao Santo Daime e às tradições vegetalistas como o tabaco, a erva cidreira, a *caçuma* e o rapé

¹⁵ Neste sentido, ver significa perceber as forças invisíveis.

(MOREIRA; MACRAE, 2011). O líder daimista utilizava tabaco em seus rituais para realizar curas ou diminuir mirações muito intensas. Para realizar curas, Mestre Irineu assoprava fumaça de tabaco artesanal ou de charutos no copo de Daime, tapava com a mão, fazia uma breve concentração e dava para o enfermo beber. Para diminuir a miração ele assoprava fumaça e passava a mão na cabeça do participante. Mestre Irineu produzia seu próprio rapé com cravo (*Caryophyllus aromaticus*), erva doce (*Anethum foeniculum*), imburana de cheiro (*Amburana cearensis*), pião do Paraguai (*Jatropha curcas*), cabacinha (*Luffa operculata*) e tabaco (*Nicotianasetacea*). O rapé era utilizado para a prevenção de resfriado. Paulo Serra me relatou que Mestre Irineu costumava usar o rapé antes do banho. O rapé era utilizado também no ritual de feitio, no qual os participantes são expostos a altas temperaturas (MOREIRA; MACRAE, 2011). A erva-cidreira remete à dieta de oito dias na mata, pois neste momento Mestre Irineu também consumia este chá. A *caçuma* é uma bebida de origem indígena muito utilizada pelos grupos do tronco linguístico Pano. Para produzir a *caçuma*, a macaxeira é cozida, acrescenta-se erva doce e cravo e deixa-se passar quatro dias. Outro elemento comum ao Daime e às tradições vegetalistas é a Cruz de Caravaca. Esta cruz foi introduzida na região amazônica na época colonial e foi posteriormente absorvida pelos xamãs do vegetalismo. Esta cruz é hoje um símbolo central dentro da doutrina e está presente em frente às sedes do Daime, assim como em cima da mesa, ao centro do salão. No contexto daimista, esta cruz é chamada de cruzeiro. Antes de adotar a Cruz de Caravaca, Mestre Irineu utilizava a cruz de um braço (MOREIRA; MACRAE, 2011).

Ao chegar a Rio Branco, Mestre Irineu já havia acumulado grande conhecimento sobre cura em função das diferentes práticas de saúde que experimentou durante sua vida. Em Rio Branco, Mestre Irineu conheceu Germano Guilherme, seu primeiro seguidor. A história de Germano revela que a cura para Mestre Irineu não se limitava apenas ao corpo, à *matéria*. Germano viveu no Daime um caso conhecido por sentença. Nestes casos a pessoa não recebe a cura da matéria, mas recebe a cura do espírito. Germano Guilherme andava de cadeira de rodas e buscava no Daime a cura para uma ferida na perna (MOREIRA; MACRAE, 2011; SOUZA, 2012). Em miração Germano viu que sua ferida na perna era uma consequência de sua vida passada, na qual ele fora um cruel senhor de escravos. Mesmo com sua ferida na perna, Germano Guilherme realizou o que muitas pessoas que andam não realizaram. O hinário deixado por Germano Guilherme é utilizado até os dias atuais para curar os Irmãos. Mais do que ser curado, Germano Guilherme auxiliou e segue auxiliando outras pessoas a serem curadas. A doença na perna de Germano Guilherme, no lugar de ser um fator limitante

para sua vida, provavelmente foi o que possibilitou sua libertação de um coração sofredor. É interessante notar que a história de Germano Guilherme traz uma visão negativa dos senhores de escravos e traz uma memória de sofrimento da raça negra. Ao mesmo tempo em que esta história trazia coerência para a ferida na perna de Germano Guilherme, ela valoriza a raça e as origens da maior parte dos daimistas daquela época. É importante citar, no entanto, que o Daime passou por um processo estratégico de embranquecimento (MOREIRA; MACRAE, 2011).

Uma cura realizada por Mestre Irineu no Seringal Empresa se contrasta com a história de Germano Guilherme. Germano recebeu a cura do espírito, ao passo que a cura realizada na região em questão se dá principalmente na matéria. Quando Mestre Irineu foi viver nesta localidade, as pessoas estavam morrendo de um mal inexplicável (MOREIRA; MACRAE, 2011). Mestre Irineu orientou a sua esposa, Dona Francisca, que não bebesse da água do rio que passava por ali e foi então procurar a vertente. Chegando à vertente, Mestre Irineu encontrou uma planta chamada *capança* (*Patrisiaacuminata*; *Ryaniaacuminata*) que estava envenenando a água. Ele tirou a capança da água e as pessoas pararam de morrer.

À medida que Mestre Irineu ia ficando conhecido como um grande curador, um grupo de seguidores se formou em torno dele. As pessoas procuravam Mestre Irineu buscando principalmente a cura. Em 1934, Percília Matos sofria de malária e foi curada por Mestre Irineu (MOREIRA; MACRAE, 2011). Para realizar a cura, Mestre Irineu tomou Daime e em sua miração enxergou o remédio adequado, que no caso eram as pílulas de ararem. Mestre Irineu curou várias pessoas tomando Daime e mirando os remédios. Dentre os remédios que Mestre Irineu indicava podem ser encontradas infusões, compressas, escalda pés, urina, pílulas e xaropes de farmácia. A urina poderia ser indicada para beber ou passar no corpo, já os ossos eram cozidos, coados e o líquido era dado ao doente para beber. Dona Percília relata que um senhor chamado João de Sena foi curado de uma pedra na uretra após ingerir este preparado de ossos. No entanto, nem sempre era necessário indicar estes remédios.

Algumas curas foram realizadas com a pessoa doente tomando apenas Daime, como no caso de Antônio Gomes, outro conhecido seguidor já falecido. Adália Grangeiro relata que seu pai (Antônio Gomes) estava com uma doença que era parecida com *macumba* e que começou a vender seus pertences para viajar para Santarém (MOREIRA; MACRAE, 2011). Neste período (1938) Antônio Gomes conheceu Zé das Neves, que lhe informou que Mestre Irineu poderia ajuda-lo. Adália relata que seu pai se sentiu bem só de ir conversar com o

Mestre. Nesta ocasião, Mestre Irineu convidou Antônio Gomes para fazer o trabalho da quarta-feira. Alguns dias após este trabalho, Antônio Gomes se curou. Quando Antônio Gomes faleceu na década de 40, Mestre Irineu passou a dedicar atenção paterna a seus filhos. Na ocasião da morte de Antônio Gomes, Mestre Irineu recebeu o hino “Só eu cantei na barra”, no qual explicita sua convicção na existência de outra encarnação. É possível interpretar ainda que Mestre Irineu pede às pessoas para prepararem seus corações para que não se tornem espíritos “vagabundos” após o desencarne. Dona Percília relata que ao receber este hino, Mestre Irineu lhe disse que havia recebido a cura de Antônio Gomes, mas estava se referindo à cura eterna, que é a morte. Entre os Kaxinawa a ingestão de *nixi pae* também é fundamental na preparação da pessoa para a morte (LUZ, 2002). É através da ingestão de *nixipae*, que a pessoa percebe a separação que há entre o seu corpo e o seu *bedu yuxin* (corpo espiritual). Enquanto mais o indivíduo se dá conta desta separação, mais ele está preparado para enfrentar os obstáculos no caminho do seu *bedu yuxin* até a aldeia celestial. Vejamos o hino “So eu cantei na barra”.

Só eu cantei na barra

Só eu cantei na barra
 Que fiz estremecer
 Se tu queres vida eu te dou
 Que ninguém não quer morrer

A morte é muito simples
 Assim eu vou te dizer
 Eu comparo a morte
 É igualmente ao nascer

Depois que desencarna
 Firmeza no coração
 Se Deus te der licença
 Volta a outra encarnação

Na terra como no céu
 É o dizer de todo mundo
 Se não preparar o terreno
 Fica o espírito vagabundo

Daniel Pereira de Matos, fundador da Barquinha, também foi curado do alcoolismo por Mestre Irineu. Irineu Serra não costumava convidar ninguém para tomar Daime, mas quando soube que seu amigo estava sofrendo com o alcoolismo, pediu que três pessoas fossem buscá-lo. Mestre Irineu convidou Daniel para morar em sua casa, para que ele pudesse

melhorar de vida. Daniel passou a frequentar os rituais da quarta-feira, se curou do alcoolismo e se tornou um músico conhecido na doutrina. Quando Mestre Irineu transferiu os rituais para o Igarapé Fundo, Daniel seguiu realizando os rituais de Daime em sua casa, na Vila Ivonete. Este grupo funcionava como uma filial do Centro de Mestre Irineu e recebia Daime deste. Um ano mais tarde Daniel passou a desenvolver um ritual próprio conforme uma revelação que tivera. Daniel abriu espaço em seus trabalhos para a incorporação de espíritos curadores, de forma similar ao que acontece na Umbanda. A partir deste momento o centro de Daniel se desvinculou de Mestre Irineu. As incorporações no Santo Daime só tinham lugar nos Trabalho de Mesa¹⁶. Nestes casos os espíritos eram maléficos e deviam ser esconjurados. Para fins benéficos, Mestre Irineu lidava com a irradiação e não com a incorporação. A irradiação é a capacidade que um espírito tem de influenciar as pessoas, estando próximas a elas. Um exemplo que ilustra a convicção de Mestre Irineu na irradiação são os relatos que dizem que o líder daimista incentivava seus seguidores a chamar pelo espírito de Daniel, após o falecimento deste, para que lhes ensinasse a tocar violão (MOREIRA; MACRAE, 2011).

O hinário de Mestre Irineu revela muitas das concepções de saúde e cura presentes no Daime¹⁷. Em seu hinário, Mestre Irineu se apresenta como o professor de uma escola, que recebeu o seu conhecimento da Virgem da Conceição. Assim, os participantes do ritual devem prestar atenção ao conteúdo do hinário para que possam compreender os *ensinamentos*. A pessoa doente está no mundo da ilusão e neste estado não consegue compreender as causas da doença. Os rituais do Santo Daime, quando seguidos com atenção, podem *iluminar o pensamento* dos participantes e revelar as causas das doenças assim como as possibilidades de cura através da miração. Os hinos clamam com frequência por força, firmeza, paz e luz. Em oposição a estas palavras estão os terrores, o sofrimento, o apanhar, o esmorecimento, etc.

O estado de doença e suas possibilidades de cura estão relacionados ao merecimento de cada pessoa. Os terrores aparecem em função da *rebeldia*¹⁸. O sofrimento é visto como um mal necessário para que as pessoas sigam a doutrina, pois nem sempre as pessoas estão dispostas a aprenderem com amor. Para estarem curadas as pessoas devem ser Irmãs. Para ser um Irmão legítimo é necessário não brigar com o Irmão e nem mudar o pensamento (Hino “Todos Querem”). Para serem curadas as pessoas devem seguir as normas do grupo. Os seguidores são aconselhados a se absterem do álcool e do sexo três dias antes e três dias

¹⁶ Veremos no capítulo 3 que se trata de um fenômeno complexo e não uma simples incorporação.

¹⁷ Faço uma análise mais detalhada no capítulo três.

¹⁸ O não seguimento das normas do grupo.

depois dos rituais. Os seguidores devem amar todas as criações de Deus, se arrepender de seus pecados, rezar pelos Irmãos falecidos, ouvir muito, falar pouco, não espalhar má notícia, praticar a caridade, não mentir, dentre outros. Mestre Irineu incentiva a firmeza no coração dos participantes. Esta firmeza parece se referir a uma postura corporal firme assim como a prontidão para seguir as normas e o calendário do grupo. Em seu hinário, Mestre Irineu considera as pessoas que não cumprem o dever como fracas de coração, não unidas ao Irmão e fora da união (Hino “Palmatória”). No hino “Linha do Tucum”, a primeira pessoa (eu) recebe uma lição de sua Mãe para sempre ser Irmão. A primeira pessoa enxota os malfazejos (eles) que não querem lhe ouvir, que escurecem o pensamento e que nunca podem ser felizes. Neste caso os malfazejos são “eles”, aqueles que não querem ouvir a lição, não querem ser Irmãos. É interessante notar que muito dos seguidores de Mestre Irineu se uniram a Irmandade após ter recebido a cura. Tornar-se um Irmão é também uma forma de obter a cura. Abaixo estão os três hinos citados neste parágrafo.

22 – PALMATÓRIA
(Mestre Irineu)

Porque todos não cumprem
Com o dever e obrigação
Conhecer esta verdade
Para chamar meu Irmão

Na presença todos são
Na ausência aqui deixou
Não se lembram da firmeza
E da palavra que jurou

Não cumprindo este dever
Está fora da união
Não são firme a meu Deus
E nem leal ao meu irmão

Só existe é fingimento
Fraqueza no coração
Não são firme a meu Deus
E nem unido ao meu Irmão.

Não cumprindo este dever
É melhor se retirar
Que não é traço de baralho
É melhor não vir pra cá
Que aqui é muito sério
É preciso respeitar

Todos Querem
(Mestre Irineu)

Todos querem, todos querem
Todos querem eu vou dizer

Todos querem, todos querem
É preciso compreender

Vou seguir na minha linha
E vou deixar recordação
Todos querem, todos querem
Todos querem ser *Irmãos*

Para ser *Irmão* legítimo
É preciso um juramento
Não brigar com seu *Irmão*
E nem trocar seu pensamento

Linha do Tucum
(Mestre Irineu)

Eu canto aqui na terra
O amor que deus me dá
Para sempre, para sempre
Para sempre, para sempre

A minha mãe que veio comigo
Que me deu esta lição
Para sempre, para sempre
Para sempre eu ser irmão

Enxotando os malfazejos
Que não querem me ouvir
Que escurecem o pensamento
E nunca podem ser feliz

Esta é a linha do tucum
Que traz toda lealdade
Castigando os mentirosos
Aqui dentro desta verdade

O uso da *ayahuasca* para auxiliar nas atividades guerreiras aparece no Santo Daime de forma distinta ao contexto indígena. A batalha no Santo Daime é espiritual e o seguidor da doutrina se cura após vencer esta guerra. No Santo Daime também ocorre uma batalha no plano terreno, no entanto, esta guerra não se dá através da violência. Tanto no contexto indígena como no daimista, as batalhas aumentam o poder político do grupo fortalecendo o seu corpo social. Os imigrantes nordestinos que chegaram ao Acre no primeiro e segundo ciclo da borracha viviam em condições análogas à escravidão e a obediência lhes era imposta através da violência. As condições de trabalho resultavam em diversas doenças para os seringueiros. Assim como no contexto da escravidão, uma luta pela liberdade era necessária. Os cultos ayahuasqueiros e de matriz africana ou indígena eram perseguidos pelas autoridades brasileiras gerando um contexto no qual os seringueiros se viam ainda mais privados de sua liberdade. A vida comunitária no Alto Santo, a partir de 1945, permitiu que os imigrantes

nordestinos saíssem da vida miserável que viviam nos seringais e passassem a trabalhar de forma coletiva na agricultura. Esta nova realidade trouxe condições de trabalho mais saudáveis para estes trabalhadores, assim como trouxe maior liberdade para estas pessoas de manifestarem práticas religiosas mais próximas do seu contexto de origem. Após mais de 50 anos de início do Santo Daime, a batalha no plano físico resultou na regulamentação desta religião e a garantia da liberdade de culto para seus seguidores.

Outras ações de Mestre Irineu que contribuíram para o fortalecimento político do Daime foram estratégias utilizadas para proteger o seu grupo da perseguição do Estado. É evidente que estas perseguições colocavam em risco a vida, a saúde e a existência do Daime e de outras tradições ayahuasqueiras, indígenas e de matriz africana. Estas tradições adotaram diferentes ações para garantirem a saúde do grupo. O uso de fardas, a organização dentro do salão, a aproximação ao cristianismo, a amizade com políticos influentes, as referências militares e nacionalistas, a não publicitação dos trabalhos e a escolha de locais afastados para realização dos rituais foram algumas das estratégias utilizadas por Mestre Irineu para proteger a si e a seus seguidores destas perseguições. Estes elementos também contribuíram para a inserção do Daime no contexto urbano e para sua regulamentação nas décadas seguintes. Através destas ações, o Daime criou para si uma imagem que se apresentava como uma doutrina adequada aos valores patrióticos e ordeiros reforçados pelos governos empossados nas primeiras décadas de sua existência.

Os primeiros seguidores do *Daime* chegaram à doutrina motivados pela fama de Mestre Irineu como um grande curador e não especificamente pela bebida sagrada. Para eles, Mestre Irineu era quem tinha o poder de curar. Com o passar dos anos a figura de Mestre Irineu foi se associando ao Santo Daime de forma que os dois passaram a ser visto como indissociáveis. O próprio Mestre Irineu afirmava ser o Daime. Na ocasião de seu rompimento com o CECP ele teria dito: “Se não querem o meu Daime, também não me querem, eu sou o Daime e o Daime sou eu” (MOREIRA; MACRAE, 2011). Para os seguidores desta doutrina, mesmo após sua passagem, Mestre Irineu segue presente, ensinando e curando sob a forma desta bebida.

2. LINHAS DO ALTO SANTO

Neste capítulo apresento as informações colhidas em campo. Estas informações foram colhidas através da minha estadia de três meses no Centro Livre, em Rio Branco. Pude igualmente participar de rituais do CEFLI e CEFLIMMAVI, além de estabelecer contato com participantes do CICLU Alto Santo. As informações aqui apresentadas buscam focar nas concepções e práticas de saúde e cura. Abordo também outras temáticas para além da cura, no intuito de trazer maior compreensão para os leitores a partir destas relações.

2.1 - CICLU Alto Santo

Pelo relato de Antônio Alves (Retratos da fé, 2014) notamos que o CICLU Alto Santo busca realizar apenas os trabalhos estabelecidos por Mestre Irineu. O hino nº 24 de Francisco Grangeiro que diz “o enfeite da casa dos outros, a tua não pode enfeitar” é utilizado para explicitar esta ideia. Abaixo segue o relato de Antônio Alves.

“Mas nós não colocamos na nossa casa enfeite da casa dos outros, é sempre uma recomendação que o Mestre fazia. Aqui ele tem a doutrina dele, ele tem o trabalho dele, nós não ficamos pegando coisas, copiando de outros lugares pra trazer aqui. Aqui a gente tem o ensinamento dele e a gente segue o ensinamento dele”.

Antônio Alves (Retratos da fé, 2014) reforça que o CICLU Alto Santo não tem filial e que as pessoas que fundaram outros centros estão fazendo por contra própria. Cabe notar ainda que Antônio Alves coloca o Alto Santo como um local específico, a sede do CICLU Alto Santo, no caso. Vejamos:

“Nós não somos filiais de ninguém e nem temos filiais, cada pessoa que fundaram um centro, tendo passado por aqui, está fazendo isso por sua própria conta. Ela obtém a sua permissão perante Deus pra fazer isso, mas não é uma determinação daqui do Alto Santo.”

É possível perceber que a Madrinha Peregrina é associada ao próprio Mestre Irineu por características em comum notadas por seus seguidores. É enfatizado também que o relacionamento entre Mestre Irineu e Madrinha Peregrina não se dava por um desejo físico, mas sim por questões espirituais. Na concepção do CICLU Alto Santo, Madrinha Peregrina foi escolhida pelo próprio Mestre Irineu para dar continuidade à sua doutrina. Vejamos o relato de Francisco Costa (2014) concedido ao programa “Retratos da fé” da TV Brasil.

“A gente não diz que a Madrinha Peregrina é a viúva do Mestre Irineu, quem conhece ela diz que a Madrinha Peregrina é a esposa do Mestre Irineu porque quando ele casou com ela, ele era já com seu 64 anos e ela tinha 18. Não era aquela parte física que chamava um ao outro, mas a parte espiritual, porque ele sabia que ele ia embora e que alguém tinha que ficar para continuar com a doutrina e foi exatamente ficou na mão dela. No começo ela era muito nova, outras pessoas assumiram até que ela chegou ao ponto de assumir definitivamente e pra quem conheceu o Mestre Irineu, vê que tem muita coisa parecida dele com ela. Ela escolhe as palavras que vai dizer, ela não conversa muito e ela também ensina pelo exemplo.”

Através do relato do Senhor Vítor Lima (Retratos da fé, 2014), é possível perceber que os membros do CICLU Alto Santo consideram Madrinha Peregrina uma Mãe e concebem que o Mestre Irineu depositou nela o poder necessário para dar seguimento aos trabalhos. Este relato concedido ao programa “Retratos da fé” me levaram a imaginar que possivelmente os participantes do CICLU Alto Santo consideram Madrinha Peregrina a própria Virgem Maria, uma vez que Mestre Irineu é frequentemente associado a Jesus. Perguntei para pessoas de outros centros se havia esta concepção entre alguns seguidores e me disseram que realmente existe. Vítor Lima (2014) expressa estas ideias no relato abaixo:

“Uma honra muito grande ter ela como chefe do serviço, nossa Mãe dirigindo um trabalho de suma importância na terra que só ela mesmo, com o poder que o *Mestre* depositou, pra poder dar conta deste trabalho.”

Ainda na reportagem da TV Brasil, Antônio Alves explica que o Daime é considerado um veículo de contato com a divindade. O Daime é considerado a própria pessoa do Mestre Irineu, por isso, ao transporta-lo, é necessário um respeito. Antônio diz que da mesma maneira que as pessoas tratam o Daime, elas serão tratadas por ele. Francisco Costa diz que quando uma pessoa toma Daime, ela fica sensitiva, os sentidos ficam aguçados e com isso também se desenvolve o sexto sentido. Gilda Gomes considera que na doutrina as pessoas aprendem com o Daime e não através de uma pessoa que fica dando sermão, doutrinando e

dizendo o que deve ser feito. Para ela o Daime cura tudo e, quando não cura, ele mostra o caminho para a pessoa ser curada. Gilda aponta que o desenvolvimento da pessoa no trabalho se dá através da correção dos erros cometidos no passado. Diz ainda que quando está triste, o Daime lhe dá entendimento e ela procura ver e pedir perdão pelas “coisas erradas” que fez no passado. Vitor Lima reforça esta ideia no relato abaixo (Retratos da fé, 2014).

E o Daime vai me mostrar primeiramente porque que eu adoeci, a causa da doença até chegar na cura pra quando eu ficar bom não reincidir, que a coisa não acontece por acaso. Existe uma razão.

No programa “Retratos da fé” da TV Brasil, Francisco Costa nos explica a forma como vê a recepção de novas pessoas no Alto Santo. Ressalta que Mestre Irineu recomendava não convidar ninguém para o Centro e que o grupo ainda mantém esta prática, no entanto diz que o Centro acolhe de braços abertos quem ali chegar.

O Mestre Irineu ele tinha por lema e por norma, conduta ética, não chamar ninguém pra tomar Daime. O correto é não convidar quem quer que seja aqui pro nosso centro, mas o nosso centro tá de braços abertos pra receber.”

Maria Gilda Gomes (Retratos da fé, 2014) também aborda a questão das “pessoas que vem de fora”. Para ela estas pessoas estão “procurando é uma paz de espírito que ele sente quando chega aqui, procurando mudar a sua vida, porque muitas pessoas têm uma vida desequilibrada, e quando ele chega aqui, ele muda a sua vida”. No entanto, a recepção aos “de fora” não é tão “de braços abertos” assim. Em fevereiro de 2014 fui à casa de Madrinha Peregrina com Antônio de Macedo. Antônio me apresentou e disse que eu era pesquisador e que eu gostaria de conversar com ela. Eu disse meu nome e pedi para apreciar, observar os trabalhos. Madrinha Peregrina respondeu que não estava recebendo “gente de fora”. Eu disse que, apesar disso, era importante para mim, conhecer a esposa do Mestre Irineu. Ela fez sinal de positivo com a cabeça e não disse mais nada.

Há anos escuto que para participar de trabalhos no Alto Santo, dependendo da pessoa, não é fácil. Até mesmo Paulo Serra, participante deste grupo, diz ser criticado por receber todo mundo em sua casa (Relato concedido a mim e Antônio de Macedo). Um participante do Daime que segue a doutrina em outros centros deve antes pedir permissão para apreciar os trabalhos. A princípio não é permitido que a pessoa vá ao trabalho de farda e geralmente se aconselha que primeiramente se observe o ritual. Com a frequência nos trabalhos a pessoa

passa a tomar Daime e bailar. Para conquistar o direito de usar a farda o processo pode durar até um ano. Nos demais Centros, eu não tive problema para usar a farda e participar normalmente dos trabalhos. Vitor Lima diz que “a farda representa obrigação, responsabilidade. Pra envergar uma farda desta tem que tomar conhecimento do que vai fazer. No dia que ele recebe a farda ele passou a ser soldado da rainha.” (Retratos da fé, 2014).

A pessoa do CICLU Alto Santo com quem pude conversar com maior proximidade foi Paulo Serra (filho de criação de Mestre Irineu). Ele é uma das poucas pessoas do Daime que nunca recorre ao médico. Ele vai fazer 76 anos e aparenta estar em perfeito estado de saúde. Em relato concedido a mim e a Antônio de Macedo, Paulo diz que só foi se interessar de verdade pelo Daime por volta de cinco anos após a *passagem* do Mestre. Disse que começou a se interessar pelo Daime por influência de Luís Mendes e hoje lamenta que Seu Luís tenha pulado “para outro canto”. Paulo Serra disse que Mestre Irineu utilizava rapé meia hora antes de tomar banho, para evitar o resfriado. Disse achar estranhos os rapés que as pessoas fazem hoje, com “casca de pau”. Em relação ao tabaco, Paulo Serra disse que Mestre Irineu fumava, mas não nos relatou nenhum tipo de ritual com o mesmo. Paulo disse que quando alguém se sente aliviado em função de uma reza que alguém realiza em sua cabeça, isso se deve ao pedido do rezador. Disse que a cura quem dá é Jesus, ela não ocorre porque a pessoa sabe rezar. Seu Paulo disse ainda que hoje em dia não se faz mais chamados no Alto Santo e que não acredita nas pessoas que dizem fazer. Paulo Serra nos narrou a importância de manter os rituais da forma que o Mestre deixou e disse o que pode acontecer quando não se segue por esta linha.

Digo, amanhã vai acontecer com este povo. Vão pra mata atrás de jagube e não encontrar, vão fazer o *Daime*, faz num dá *miração*, vai acontecer isso mesmo. Porque o dono disso daí é ele [Mestre Irineu]. Ele faz o que ele quer, não é o que o pessoal quer. Então é isso que eu penso hoje, tanto que você, qualquer um chega lá em casa, as vezes o pessoal reclama que eu recebo todo mundo, eu recebo todo mundo. Deixa a *maconha* lá na baixa... pode entrar lá em casa, não tem problema não. Não quero que fume lá dentro da minha casa. Bebida eu não quero. Entendeu? Quero respeito, do jeito que eu respeito você, eu quero que também me respeite. Né? Tô errado?

2.2 - CENTRO LIVRE

O Centro Livre Caminho do Sol é uma comunidade localizada às margens da rodovia AC 40 em Rio Branco. É formado por uma sede, onde ocorrem os trabalhos de Daime, uma casa de feitiço, e seis casas, onde vivem famílias ligadas à doutrina. O Centro foi fundado pelo falecido Francisco Grangeiro Filho, figura de grande importância da história e da atualidade do Daime. Sua esposa, Adália Grangeiro, vive no Centro Livre e participa ativamente dos trabalhos, assim como do cotidiano da comunidade. Em função da experiência adquirida junto ao Padrinho Irineu e aos postos de confiança que o *Mestre* confiou a ela, Adália é hoje reconhecida como comandante do Centro Livre. Não há como falar no Centro Livre sem se referir à família Grangeiro. Na comunidade vivem filhos, netos e pessoas que se juntaram à família formada por *Seu Chico* e *Dona Adália*. Há também os filhos do casal que não moram na comunidade, mas que frequentam os rituais e que ocupam cargos no Centro. Outros membros da família não vivem no Acre, fazem visitas esporádicas e seguem a doutrina nas cidades onde estão. Valcívrio, Leonel, Guilherme e Aldemir Grangeiro (filho de Valcívrio) formam um grupo musical muito conhecido dentro da doutrina. Atualmente Guilherme vive em Minas Gerais e está empreendendo esforços para ajudar uma nova filial do Centro Livre em Divinópolis. Nem todas as pessoas da comunidade participam dos rituais de *Daime* e há também pessoas que são membros do Centro Livre, mas que não vivem na comunidade.

Adália Grangeiro (Adália Gomes anteriormente) é filha do casal Antônio e Maria Gomes e chegou ao Daime em 1938, aos cinco anos, logo após o Mestre Irineu ter curado seu pai. O hinário de Antônio Gomes se destaca no Daime, sendo cantado em trabalhos oficiais deixados pelo Mestre Irineu. Em 1946 Irineu Serra havia suspenso os trabalhos de Daime e Antônio Gomes buscou reunir a Irmandade para pedir ao Mestre que voltasse a realizar as sessões (Moreira, 2011). Pouco após este episódio um boi chifrou Antônio Gomes pelas costas e este então foi acamado. Prevendo que Antônio Gomes não resistiria, Mestre Irineu recebeu o hino n.º 74, “Só eu cantei na barra”, no qual explicita há existência de outra encarnação para dar conforto ao seu seguidor. Em relato concedido a Antônio de Macedo, Dona Percília nos conta que, ao receber este hino, Mestre Irineu afirmou ter encontrado a cura para Antônio Gomes. Percília pensou que Antônio Gomes não faleceria, mas após a passagem dele, dois dias depois, ela percebeu que Mestre Irineu se referia à cura eterna. Antes de seu falecimento, Antônio Gomes recebeu o hino “A minha mãe me mandou”, no qual pede a

Mestre Irineu que cuide de sua família, assim como reflete sobre o fechamento das sessões daquela época.

Mestre Irineu atendeu ao pedido do seu companheiro Antônio Gomes e passou a cuidar de sua família e segue cuidando até hoje, de acordo com a comandante do Centro Livre. Anos mais tarde Dona Adália passou a ser a *zeladora do hinário* do seu pai. Após o falecimento de Antônio Gomes sua família foi viver próximo ao Mestre Irineu no Alto Santo, num local concedido por ele. Vivendo ao lado do Mestre Irineu, este pôde aconselhar e cuidar mais de perto da família. No entanto, os cuidados domésticos e com a alimentação eram garantidos por Dona Maria Gomes e por *Seu Chico Martins*, com quem Dona Maria Gomes veio a se casar posteriormente. Adália nos relatou a maneira como Mestre Irineu cuidava da família.

Eu morava com a minha mãe, perto dele, aí, mas antes dele [Antônio Gomes] fazer a *passagem* dele, ele pediu a ele pra ele tomar conta de nós né? Tem até um *hino* que fala, entregando a família, né? Ele sempre prometeu de cuidar da família. Até hoje né? [...] A mãe que trabalhava. Ele [Mestre Irineu] só orientando, aconselhando os filhos até. Aí a mamãe casou né? De novo. Casou de novo aí pronto. Mas o cuidado dele, sempre como era. O cuidado espiritual. Os cuidados né? Mas dizer que ele ia levar comida, levar isso que a gente tava precisando em casa não. Isso não. A mãe sempre trabalhava né? Só tinha eu, o outro meu irmão tinha morrido, um outro já tava homem feito, trabalhava fora, ficava só eu e ela em casa.

Adália Grangeiro recebeu do Mestre Irineu o posto de *enfermeira espiritual*. Neste posto Dona Adália participava das sessões de cura discretamente em seu lugar. Quando Dona Adália percebia que uma pessoa estava necessitada, ela fazia seus rogos com aquela pessoa em mente. Adália Grangeiro nos conta ainda que durante a miração era possível ver de que maneira a pessoa recebia a cura. Abaixo segue o relato.

Quando ele chamou a gente lá pra entregar e disse: [...] a mamãe ela era a comandante geral né? E saiu falando pras outras né? E falou você é enfermeira espiritual. Meu trabalho era assim. Na hora, tinha a sessão de cura, eu tomava Daime e ficava lá no meu canto, aí me concentrava, fazia meus rogos para as pessoas que estavam doentes e eu vi, o meu trabalho que eu vi era espiritual. Não era eu que saía fazendo nada. Eu ficava lá no meu canto... se a pessoa não tava bem, tava passando mal. O pessoal fala que passa mal, né? Eu não acho que é passando mal. Então. Eu aqui já fazendo minha concentração com aquela pessoa na mente né? A beneficio daquela pessoa e a pessoa recebia né? Conforto. Ia melhorando. Aí a gente tando mirando a gente vê como é. Como é que passa para a pessoa. Era assim.

Dona Adália nos relatou uma cura recebida por Dona Lurdes Carioca. Dona Lurdes estava com uma operação marcada, mas decidiu tomar Daime pela primeira vez durante uma sessão de cura com o Mestre Irineu. Em um dado momento Dona Lurdes Carioca começou a fazer barulho no salão e então as pessoas levaram-na para dentro de um quarto. Durante sua miração, Dona Adália pode presenciar médicos e enfermeiras realizando uma operação em Dona Lurdes. Os médicos e enfermeiros também apareceram na miração de Dona Lurdes e ela identificou uma das enfermeiras como sendo Dona Adália. Adália Grangeiro explica este processo como sendo o espírito se separando da matéria. Enquanto ela permanece sentada em sua cadeira o seu espírito viaja até o local onde a cura está sendo realizada. Vejamos o relato de Adália sobre a cura de Dona Lurdes Carioca.

Ela [Dona Lurdes Carioca] foi tomar Daime pela primeira vez. Ela tava marcada um consulta, uma operação né? Ela ia se operar de um quisto, não sei que, que ela vivia passando mal e tudo, aí levaram ela pra lá, primeiro, faltando uns três dias pra se operar. – “Vai lá no Mestre Irineu primeiro pra ver o que que é isso”. Aí ela foi. Aí eu tava mirando e eu vi. Levaram ela lá pro quarto que ela tava fazendo zuada lá no salão. Aí tiraram ela do salão e levaram ela pro quarto. E eu tava mirando tanto que eu vi. Aí eu tava lá, onde ela tava. Eu tava no hospital. Ela tava dentro do hospital e eu presenciei tudinho, a operação dela, que fizeram tudinho. E ela tava vendo. Ela disse que viu as enfeiras lá com ela. Com o médico. Junto com o médico. E ela disse que uma era eu. Eu sei que ela disse que viu né? E eu tava me vendo lá, no trabalho. Aquilo a matéria da gente fica lá né? A gente tá sentado né? Mas, o espírito tá lá. Foi assim que eu presenciei um trabalho de cura.

Francisco Grangeiro Filho chegou ao Alto Santo na década de 50 e ganhou rapidamente a confiança de Mestre Irineu. O Mestre foi quem indicou o casamento entre Francisco Grangeiro e Adália Gomes e foi testemunha do casamento civil que ocorreu um ano mais tarde. Antes de Seu Chico Grangeiro se tornar o feitor oficial, Zé das Neves era a pessoa responsável por *trabalhar no Daime*. Primeiramente Francisco Grangeiro se tornou *fiscal dos trabalhos da Rainha* e mais tarde tornou-se o *chefe da equipe da mata*. Como fiscal, Seu Chico ensinava a equipe a reconhecer o jagube e a chacrona, já como chefe da equipe da mata, ele ensinou uma equipe de 12 pessoas todo o processo relacionado ao feitio do Daime. Nesta lista constam nomes como Sebastião Mota, Luís Mendes, Seu Louredo, João Facundes, Antônio José Rodrigues, Júlio Carioca, Chico Martins, Pedro Fernandes, Galego, Valdemar e outros. Seu Chico também recebeu do Mestre Irineu a responsabilidade de zelar pelo hinário de João Pereira.

Desde que chegou ao Daime, Seu Chico sempre demonstrou grande vontade de aprender. Sua proximidade com o Padrinho Irineu era tanta, que o Mestre se levantava durante a noite para recebê-lo em suas visitas que iam até de madrugada. Dona Adália nos relata um pouco sobre este período.

Ele queria aprender né? Ela queria aprender alguma coisa. Porque quem quer aprender todo dia ele pergunta, vai lá perguntar. Ele saía de casa de noite, quando eu pensava que o Chico tava dormindo, quando ele chegava: - “Tu tava pra onde?”. - “Eu tava lá pro Padrinho, fui lá conversar com lá”. Chegava lá o povo tava todo mundo dormindo, ele só batia assim na porta. - “Padrinho”. Aí ele dizia “Chico, é tu?”. Aí ele dizia “É”. Aí ele se levantava, abria a porta e mandava ele entrar e eles ia conversar até de madrugada. Mas lá eu não sei o que ele perguntava, o que que ele perguntava tanto a ele, né? Só sei que aí ele foi pegando, aprendendo né? Pegando as experiências dele, que ele ensinou pra ele e gravou, nunca esqueceu.

Francisco Grangeiro era grande devoto de São José. Sempre que inaugurava uma casa, Seu Chico gostava de cantar um hinário em homenagem a São José. Uma das inspirações que Seu Chico teve para realizar as festas de São José foi o hino “Amigo velho” do Mestre Irineu, no qual há um verso que diz “patriarca São José, todo mundo se esqueceu”. Primeiramente o Mestre permitiu a Seu Chico Grangeiro realizar trabalhos em casa com todos sentados. O trabalho passou a ser conhecido pela comunidade e a casa de Seu Chico ficou pequena para tanta gente. Mais tarde este trabalho se tornou oficial, sendo bailado na sede do Alto Santo, com a execução de “O Cruzeiro” do Mestre Irineu e com os participantes portando a farda branca de *feira*. Atualmente no Centro Livre se canta o hinário de Seu Chico Grangeiro (O Apuro) após “O Cruzeiro”. A execução deste hinário neste dia é feita exclusivamente pelo Centro Livre, os demais Centros cantam apenas “O Cruzeiro”. Foi também Dona Adália que nos relatou o desenvolvimento da festa de São José.

É que ele sempre gostava de mudar de casa, fazia uma casa nova, e gostava de inaugurar a casa dia de São José. Ele marcava, escolhia logo o dia de São José. - “Vamos inaugurar a casa dia de São José, mas eu vou pedir o Padrinho”. - “Padrinho o Senhor deixa eu inaugurar minha casa dia de São José, da véspera pro dia?”. Porque ele ouvia cantar o hino “Patriarca São José todo mundo se esqueceu”, aí ele disse: - “Mas eu não me esqueci dele não”. A mãe dele era muito devota né? E ele ia no mesmo caminho. Aí o Padrinho: “pode cantar”. Neste tempo a gente podia cantar, assim sentado, em casa, sem farda mesmo, né? O cruzeiro. Nem todo mundo tinha farda, aí convidava os vizinhos o pessoal pra eles, aqueles que mais gostava de ir, festejava. Fazia a inauguração com São José. E foi fazendo. Aí em todo canto que ele fazia uma casa, ele escolhia logo São José pra fazer a inauguração. Aí ficou enchendo, o pessoal foi começando a saber,

tendo conhecimento, aí começaram ir, aí ficava muito cheia a casa que ninguém tinha onde botar menino pra dormir, era tanta gente, aí Padrinho Irineu disse: “Chico”. Depois que passou o São José ele disse: “Sabe duma coisa? Sabe o que foi que São José ganhou?”. Ele disse: “Não Padrinho, o que foi?”. Ele disse: “Chico, ele ganhou que tá oficializado, agora o São José é na sede, com farda branca, todo mundo tem farda agora né?”. Pois é, botava farda branca. “Só que a caçuma é com vocês, se quiser que faça caçuma, compre vela, compre tudo que precisar pro dia de São José”. Aí assim a gente fazia.

Outra confiança que Mestre Irineu depositou em Francisco Grangeiro foi a condução de Trabalhos de Cura em sua casa às quartas-feiras. Para realização dos trabalhos, Seu Chico contava com o auxílio de amigos para a execução de hinários. Mestre Irineu pedia que se cantasse um hinário que não fosse muito longo, como o de Antônio Gomes, João Pereira e Maria Damião (acrescento Germano Guilherme à lista). Vinham pessoas de diversas cidades do Acre para participarem dos trabalhos de cura e muitos deles não voltavam mais depois que ficavam boas. Os hinários eram executados com todos os participantes sentados. Ao final da sessão, Seu Chico levava a ocorrência dos trabalhos para Mestre Irineu. Dona Adália Grangeiro nos explica como eram estes trabalhos.

Mandava lá pra casa. Mandava dizer. Mandava a pessoa avisar o *Chico*, mandava o Chico lá pra dá as ordens pra ele. Diz: -“ Chico, vai uma pessoa pra lá, você convida seus irmãos que lhe ajudam, e dê *Daime* pra ele, faça um *trabalho* lá, você canta os *hinários*, aí um *hinário* que não seja muito grande, né?”. Por exemplo: nós cantava o hinário do meu pai, cantava João Pereira, cantava Maria Damião, assim, que terminava, que dava pra terminar 10 horas, e assim a gente fazia um *trabalho de cura*. E era cantando né? Todo mundo sentado, sentado e cantando. [...]

Muita gente que ia, aí *ficava bom*, não voltava mais nem lá. Vinha gente de Brasiléia, vinha gente de Sena Madureira, vinha gente de Cruzeiro do Sul, não sei da onde. Aparecia gente de todo canto lá. Também o pessoal tomava *Daime*, *ficava bom* e ia embora. Outros passavam de mês lá em casa, agente dando *Daime* todo dia. Toda quarta feira, tinha o *trabalho* pra aquela pessoa. A pessoa *ficava boa* e ia embora. Deles que nunca mais voltou.

Antes de seu falecimento em 1971, Mestre Irineu indicou Leôncio Gomes, irmão de Dona Adália Grangeiro, como Mestre Imediato. Mestre Irineu permaneceu sendo o Mestre Imperador, mesmo após o seu falecimento. Neste período a família Gomes-Grangeiro continuou frequentando os rituais do Alto Santo, mas após o falecimento de Leôncio Gomes houve um desentendimento entre a nova presidência e a família de Francisco e Adália Grangeiro. Após deixarem o Alto Santo, os Grangeiros passaram a participar dos rituais do

CICLU (atual CRF), com a presidência de João Facundes e a vice-presidência de Seu Chico Grangeiro. A família permaneceu no CICLU até meados de 1996 e em 1997 Seu Chico fundou o Centro Livre. O nome do Centro remete às origens, pois Seu Chico dizia que este era o nome que Mestre Irineu queria dar a seu Centro, que acabou sendo batizado CICLU. Centro Livre é também o nome do hino nº 39 de Mestre Irineu. No ano 2.000 Seu Chico Grangeiro fez a passagem e deixou seu filho Guilherme Grangeiro na presidência do Centro. Mais tarde Guilherme mudou-se para Manaus e posteriormente para Belo Horizonte. A presidência do Centro passou para Leonel. Guido Carioca é proveniente de uma família que exerceu e ainda exerce grande influência no CICLU Alto Santo, e é atualmente o secretário do Centro Livre.

Em Belo Horizonte, onde conheci o Daime, as pessoas se referem à família de Adália e Francisco como “Os Grangeiros”. Isso fez com que eu não percebesse de antemão, que eu estava dentro da família Gomes. Embora soubesse que Adália Grangeiro era filha de Antônio Gomes, foi só após ter entrado em campo que ficou claro para mim que estava dentro desta família. No Centro Livre Antônio Gomes é chamado de “Vô” pela maior parte das pessoas, exceto por Dona Adália, que o chama de “Papai”. Assim é com o resto da família. Escutamos as pessoas dizer “vó Maria”, “Tio Leôncio”, “Tio Zé Gomes”, “Tio Raimundo Gomes” e assim por diante. Um dos rituais realizados apenas no Centro Livre é o aniversário do tio Zé Gomes, sendo executado o hinário “O Ramalho”, do tio Raimundo Gomes. Pude participar também da celebração do aniversário do tio Leôncio Gomes, no qual é cantado “O Cruzeiro” do Mestre Irineu. Conforme abordado anteriormente, a primeira grande separação ocorrida no Daime envolveu Leôncio Gomes e Sebastião Mota. Dessa forma, festejar o aniversário de Leôncio Gomes é uma marca do Alto Santo. O único Centro que é ligado ao Alto Santo que não comemora o aniversário de Leôncio Gomes é o CRF.

No primeiro mês que vivi no Centro Livre estive a maior parte do tempo na casa de Nazaré Grangeiro e Guido Carioca. Nazaré me disse que o Centro Livre segue a linha do Alto Santo, da Madrinha Peregrina. Percebo neste comunicado a representação que se busca fazer do Centro Livre como um dos centros tradicionais, que seguem a linha do Mestre Irineu. A sede da comunidade também reflete esse aspecto, pois segue o modelo quadrado do Alto Santo, que se contrasta com as igrejas hexagonais do CEFLURIS. Outro elemento que costuma evidenciar a linha do Alto Santo é a utilização de gravatas e sapatos pretos na farda, em oposição ao CEFLURIS que utiliza gravata azul e o calçado não é padronizado. Dentro da sede há um quadro com a imagem da Madrinha Peregrina, reforçando o caráter tradicional

que o centro busca valorizar. No entanto, o Centro Livre possui suas diferenças em relação ao CICLU Alto Santo, começando pelo calendário. A saída de Francisco e Adália Grangeiro do centro presidido pela Madrinha Peregrina também reflete a cisão entre os grupos. Apesar das divergências há um clima de respeito entre o Alto Santo e o Cento Livre. Adália Grangeiro é tia da Madrinha Peregrina. No comando das duas sedes está uma descendente da família Gomes. A esposa do Mestre Irineu surpreende muitos dos seus seguidores quando estende a mão a Adália e lhe pede a benção.

Sebastião Mota, como se sabe, é muito criticado dentro das linhas mais tradicionais do Daime. O fato de Sebastião Mota ter incluído a *cannabis sativa* em seus cultos é um dos motivos para que seu grupo seja alvo de críticas por muitas pessoas da *linha do Alto Santo*. Nazaré Grangeiro me disse que quem segue a linha do Mestre não fuma maconha. Cecília Grangeiro comentou comigo que acredita que na linha do Mestre Irineu, hinos não podem ser recebidos sob o efeito de *maconha*. Escutei algumas histórias e diversos argumentos que buscavam evidenciar que a *cannabis* não faz parte do caminho do Mestre Irineu. Adália contou que uma pessoa procurou o Mestre para dizer que vendendo maconha eles poderiam se enriquecer. Relata ainda que o Mestre disse que isso dá dinheiro, mas dá morte. Pouco tempo depois esta pessoa foi assassinada em sua casa. Adália contou ainda que Francisco Grangeiro fez uma experiência ao plantar um pé maconha que fora oferecido pelo falecido Cabo Morales. Seu Chico ficou muito doente e tomando Daime percebeu que a doença lhe acometera por ter plantado aquele pé. Seu Chico então optou por não se envolver com esta planta. Adália conta que Seu Chico arrancou, picou e enterrou o pé de maconha. O principal argumento utilizado no Centro Livre é o fato de que no estatuto, deixado por Mestre Irineu, no artigo 19º do capítulo IX há um paragrafo em que diz ser vedada a morfina, a heroína, a cocaína, a maconha, a cachaça, o LSD e outras substâncias deletérias para os membros da doutrina. Embora não exista incentivo ao consumo do tabaco no Centro Livre, é permitido fumar desde que não seja na sede. O rapé é utilizado para tratar resfriado. Este produto é preparado na comunidade e se desaconselha os que são vendidos em mercados, assim como o uso no curipi¹⁹. Apesar disso, é possível ver participantes que utilizam outros tipos de rapé, mas não observei o uso de curipi em nenhum momento.

Luís Mendes, embora se afirme como linha do Alto Santo, também possuiu uma relação difícil com alguns centros desta linha. Parte das críticas dirigidas a Luís Mendes se

¹⁹ Objeto em forma de “V”, utilizado para inalar o rapé.

deve ao fato de ter adotado trabalhos propostos por Sebastião Mota. Outros centros consideram que Luís Mendes se afasta da linha do Mestre ao adotar estes trabalhos. Outro fator de polêmica com o CEFLI é o fato de realizarem trabalhos de Daime durante o carnaval. No Centro Livre os trabalhos são suspensos e comenta-se que Dona Percília dizia que o Mestre Irineu não permitia nem mesmo assobiar hinos durante o carnaval. Antônio e Cecília me aconselharam inclusive interromper meus estudos durante este período, já que os mesmos se tratavam do Daime. Dessa forma, algumas pessoas não consideram adequado dizer que Luís Mendes segue a linha do Alto Santo. Esta não consideração se expressa através do termo *linha do Luís Mendes*.

Mesmo seguindo a linha do Mestre Irineu, membros da família Grangeiro costumam visitar igrejas do CEFLURIS em comitivas enviadas a outros estados. O primeiro contato que tive com esta família foi através de uma destas comitivas que foram tocar e cantar o “O Apuro” na igreja Flor de Jagube, da linha do CEFLURIS, em Belo Horizonte. Participei também de trabalhos na igreja Céu de Lagoa Santa, na região metropolitana de Belo Horizonte, em que Guilherme Grangeiro tocava sua sanfona. Guilherme foi músico desta igreja por alguns anos, mas atualmente está auxiliando na primeira filial do Centro Livre em Divinópolis/MG. Guilherme é muito querido nas igrejas do CEFLURIS e é frequentemente convidado para tocar. Maria de Lurdes e Neuris Grangeiro (filhos de Guido e Nazaré) também estão morando em Divinópolis para ajudar no desenvolvimento dos trabalhos da linha do Mestre. A família mantém contato também com Eduardo Gabrich, presidente do centro Flor do Céu, em Belo Horizonte. Este centro também busca seguir a linha do Alto Santo e é visível a influência da linha do Luís Mendes. Nazaré e Guido estiveram neste centro em fevereiro e me disseram que este grupo busca cada vez mais se enquadrar nas normas do Alto Santo. Nesta ocasião foi cantado o hinário de Antônio Gomes nesta sede e Nazaré conta que os membros da casa perguntavam a ela se estavam cantando da forma correta.

O casal Francisco Souza (Seu Chagas) e Dona Maria da Conceição são membros do Centro Livre e vivem numa casa a poucos metros do Centro Livre com seu filho Samuel. Este casal conviveu com o Padrinho Irineu em vida e são respeitados por isso. Atualmente o Seu Chagas possui a função de servir o Daime no Centro Livre. A distância da casa do Seu Chagas e Dona Maria para o Centro Livre é análoga à distância que este casal tem na forma de seguir à doutrina. São membros do Centro, vivem perto da sede, seguiram Seu Chico Grangeiro desde o falecimento do Mestre, mas possuem suas pequenas diferenças. Seu Chagas é irmão de Riselda, esposa de Luís Mendes. Seu Chagas e Dona Maria costumam

frequentar, além do Centro Livre, trabalhos do CEFLI e também na Colônia 5.000, que é ligada ao CEFLURIS. O casal também tem o hábito de tomar Daime em casa às quartas feiras ou sábados e os hinários que escutam nem sempre são do Alto Santo. Dona Maria e seu Chagas me contaram que Sebastião Mota curou Vicente, filho do casal. Nesta ocasião, Dona Maria conta que Vicente estava com um *quebranto* e *Mestre Irineu* chamou alguns de seus seguidores para intermediarem a cura, mas estes não tiveram sucesso. A cura só veio a acontecer quando Mestre Irineu chamou Sebastião Mota e esse rezou por horas na criança. Além do Seu Chagas e Dona Maria, identifiquei ao menos oito participantes do Centro Livre que frequentam trabalhos ligados ao CEFLI, CEFLURIS ou ambos. Dona Maria relatou a mim e Antônio de Macedo duas curas que recebeu com o Daime, um com Mestre Irineu em vida e outro quando o fundador da doutrina já havia feito sua passagem. A entrevista foi filmada na casa de Dona Maria e solicitamos a ela que nos narrasse alguma cura que ela já havia recebido do Daime. Vejamos os relatos de Dona Maria.

1º relato - Eu quebrei o resguardo por sete vezes, conta de mentiroso. Não tinha como eu escapar também, eu escapei por causa do *Daime*. Mande-me valer dele e digo: - ‘Chagas vá lá no *Padrinho*, eu mando pedir que eu quero viver, que ele me *cure*’. Ele disse: - ‘Chagas, leve este purgante de água ardente e dê pra ela. Se ela quebrar o resguardo desse purgante de água ardente pode comprar o caixão’. Porque não tem jeito. Eu tomei o purgante de água ardente, não quebrei o resguardo do purgante de água ardente e eu *fiquei boa*. Eu pra me levantar de cima da cama era agarrada na parede, se não tivesse quem me levantasse, eu não me levantava. Pra andar dentro de casa era agarrada na parede. Por isso, o *Tonho*, eu digo que foi uma *cura* que ele me deu. Foi uma *benção*, um *milagre* que ele fez na minha vida. Não tô aumentando nem diminuindo, todo mundo conhece como foi que eu *fiquei*.

2º relato - Eu me levantei de manhã e vou ao banheiro, quando eu cheguei no banheiro, deu um estralo na minha nuca, aí eu já *fiquei*, com o pescoço já, balançando pra um lado e pra outro, ia pra frente e ia pra trás como uma galinha do pescoço quebrado. Aí eu cheguei e disse: - “Chagas, me acode, pelo amor de Deus me acuda”. Ele disse: - “O que foi?” Eu digo: - “Chagas eu não aguento mais, com tanta dor de cabeça e dor na minha nuca, me dá um pouco de *Daime*”. Ele me deu. Aí começou a chover eu digo: - “Me leva pra rua”. Aí ele me deu daime eu digo: - “Me leva pra rua, vamos sair”. Nós tava com 5 horas de viagem pra pegar um transporte, um carro. Nós tava lá no Limoeiro, lá perto do Limoeiro, a colônia. Aí ele foi e disse: - “Maria, não tem como nós sair não, tá chovendo muito, e não tem”. Eu digo: “É me pegar com Deus e com o *Daime*”. Passei o dia todinho, de vez em quando eu tomava *Daime*, o *Daime* batia dentro batia fora, eu provocava e muita dor de cabeça, muita dor na minha nuca, aí passamos o dia todinho, quando foi de noite chegou um casal lá em casa, aí ele foi, o Chagas foi chamar eles. Seu Manoel mais Dona Luiza, vamos lá em casa que a Maria está ruim. Aí eles vieram e já trouxeram mais *Daime*, trouxeram mais um litro de Daime. Eu passei a noite, de vez em quando eu tomava um pouco, de vez em quando eu tomava um pouquinho, de vez em quando eu tomava um pouco.

Quando foi de madrugada, aí meu senhor, a dor apertou mesmo. Aí ele aumentou mais a dose do *Daime* e deu quase três quartos de *Daime* e eu tomei. Aí foi quando eu consegui *mirar* um pouquinho. Eu só sentia *afluído*, a *força*, e não *mirava*. A dor era tão grande que eu não conseguia *mirar*. Quando foi de manhã eles me estiraram na rede pra mim pegar um transporte pra ir lá pro hospital. Quando eu cheguei no hospital o Doutor Barral, era quem tava de plantão no pronto socorro, não era nem pronto socorro porque não tinha, nesse tempo era hospital mesmo. Aí ele foi e disse assim: - “Que foi do Carmo?”. Aí eu fui e disse: - “Doutor Barral, eu tô com uma dor na minha nuca, que eu não aguento sustentar minha cabeça, o meu corpo”. Aí ele foi e disse: - “Maria do Carmo, vamos fazer exame, que tu tá toda pintada como ovo de capote”. E vamos. Aí ele foi, meteu uma agulha no fim da minha espinha dorsal e puxou um líquido, aí foi e disse: - “Do Carmo, você está com meningite, mas tá isolada. O que foi que você fez?” Ele disse: - “Eu já sei, não precisa você me dizer não que eu conheço de onde você é”. Eu digo: - “Pronto, o senhor conhece, não conhece?” Ele disse: - “Conheço”. Eu digo: - “Pois é, foi o *Daime* que me *curou*”. Foi isso e ela já me atacou duas vezes e eu tomo é *Daime*, não é outra coisa não.

Não pude acompanhar nenhum trabalho de cura no tempo que fiquei no Centro Livre. Explicaram-me que quando uma pessoa está necessitada pode-se abrir um Trabalho de Cura para ela. A pessoa escolhe o hinário que deseja ouvir e um ritual é feito em benefício dela. No entanto, os antigos trabalhos de mesa realizados pelo Mestre não são mais realizados. Dizem que apenas Dona Percília e Dona Lurdes Carioca receberam instruções do Mestre Irineu para realizar este trabalho e que não foram autorizadas a repassar este conhecimento. Dona Percília é falecida e Dona Lurdes foi vítima de um AVC. Guido e Juarez me disseram que para abrir um trabalho de mesa, a pessoa deve ser preparada. Guido Carioca tentou sem sucesso aprender este trabalho com sua mãe, dona Lurdes Carioca. Antônio de Macedo me contou que uma vez pediu a Dona Percília que lhe contasse sobre como proceder nestes rituais, mas Percília disse que o Padrinho Irineu não havia permitido ensinar o ritual para ninguém. No entanto, as pessoas concebem que podem se curar numa sessão de concentração, em um bailado ou de outras formas com o *Daime*. Os presentes nos trabalhos podem dizer o nome de pessoas que estão doentes para que o ritual seja feito em intenção destas. Há também pessoas na comunidade que são consideradas rezadores e que podem interceder por uma cura. O *Daime* é utilizado também para curar no dia a dia. Quando uma pessoa está com algum problema de saúde ela recorre ao *Daime*, independente de estar ou não no ritual.

Os moradores e frequentadores do Centro Livre, assim como em qualquer lugar, possuem doenças e dificuldades com as quais têm que lidar. Hipertensão, diabetes, infecção urinária, transtornos psiquiátricos, conflitos familiares e dificuldade financeira são alguns

exemplos. Além do Daime, os membros do Centro Livre utilizam outras formas de tratamento para as doenças, incluindo a medicina tradicional. Observei que em alguns casos as pessoas buscaram primeiramente o Daime para se tratar e em outros o médico. É importante observar que as pessoas recorrem ao Daime de forma periódica ao seguir o calendário, no entanto, nem sempre se recorre ao Daime nos momentos de dor ou mal estar. Em caso de transtornos psiquiátricos a família prefere desaconselhar o uso do Daime e tratar com fármacos. Nestes casos, a família age com naturalidade quando acontecem alterações durante o trabalho e a ordem é rapidamente reestabelecida. Certo dia Leonel expressou a importância dada ao médico ao me dizer que algumas pessoas nunca procuram o médico e acabam morrendo.

Adália Grangeiro toma Daime há 76 anos, tem atualmente 81 anos e está firme nos trabalhos da doutrina e da sua casa. Sua presença assídua nos trabalhos bailando e *puxando hinos* é uma confirmação para a comunidade de que tomar Daime e seguir na linha do Mestre faz bem pra saúde. Em certos momentos dos trabalhos bailados, Dona Adália se assenta numa poltrona reservada para ela. Apesar da boa saúde, Adália convive com hipertensão e diabetes e para lidar com estas questões ela recorre a médicos e fármacos, além do Santo Daime. Em um dia em que Adália se sentia mal o tratamento médico foi priorizado. As pessoas da comunidade teorizavam que o mal estar era resultado da preocupação que Dona Adália vivia naqueles dias. Quando Dona Adália voltou do médico as pessoas disseram que a “diabetes aumentou” em função de muita preocupação.

Antônio de Macedo é membro do CRF e sua esposa Cecília Grangeiro é membro do Centro Livre. O casal estava vivendo por um tempo no Centro Livre enquanto eu realizava minha pesquisa de campo. A partir deste momento Antônio de Macedo passou a ser meu principal interlocutor. Em uma ocasião de muita dor, Antônio recorreu por dias seguidos ao Daime. Recorreu também a uma terapia alternativa conhecida por auto-hemoterapia. Mais tarde chamou seu filho Henrique, que é formado em medicina na Bolívia. Henrique diagnosticou Antônio com infecção urinária e lhe receitou alguns remédios. Antônio disse que já estava bom, mas Henrique teorizou que o Daime estava mascarando os sintomas da infecção. Antes de sair, Henrique que não é daimista, disse a seu pai que se ele não tomasse aqueles remédios, a bactéria não morreria e talvez ele não ficasse bom. Na concepção de Antônio, uma das possibilidades para a causa da infecção foi um pensamento que teve para a realização de um programa de televisão. Seu Chico Grangeiro havia lhe advertido que Mestre Irineu não queria nada do Daime no rádio, mas em um determinado momento Antônio pensou

em levar o projeto a cabo. Observamos aqui a concepção de que as doenças podem ser provocadas como uma forma de *disciplina*.

Adália Grangeiro teve seus filhos em casa e foi acompanhada por parteiras e Daime. Adália passou por 11 partos dos quais nove filhos sobreviveram. Uma das crianças viveu apenas um ano e a outra já estava morta. Adália recorreu ao médico apenas para retirar o feto no caso da criança que “nasceu morta”. É importante ressaltar que nessa época Mestre Irineu já havia falecido, caso contrário, Adália poderia ter recorrido a ele. Vejamos o relato concedido a mim e Antônio de Macedo.

Foram 11. Se criou 9. Então, essa aí [Cecília Grangeiro] nasceu em casa, num lugar bem longe, lá no barro vermelho, lá perto do Louredo, por acolá. Porque antes dela foi que nasceu um morto, aí ele tinha saído de casa pra ir lá pra casa da minha mãe, que eu morava muito longe dela e ela andava meio adoentada aí tal, ela disse que era melhor eu ir pra casa dela, aí eu fui. E lá aconteceu de eu ter lá um susto lá, uns ratos que caiu em cima de mim, eu tava deitada, aí eles escapuliram lá e caiu em cima de mim, aí eu dei um pulo assim de mal jeito né? Acho que foi nessa hora que machucou, aí eu fui pra maternidade, que a mãe ficou muito nervosa lá e me levaram. Depois eu fui pra casa e tal, quando eu fiquei boa. Quando foi pra ele vim, pra ela nascer eu disse: ‘Eu não vou mais sair de casa. Se eu tiver que ter essa menina, ou menino, eu não sabia o que era, vai ser em casa, eu não vou pra lugar nenhum’. Tinha uma vizinha que todo dia: - ‘Mulher você vai fazer pré-natal, você vai na maternidade, você vai não sei pra onde’. – ‘Eu num vou, vou ficar é aqui, nem vou pra maternidade, não vou fazer pré-natal, não vou fazer nada, ela vai nascer aqui, tomando daime’. Toda semana, toda quarta feira eu tomava Daime, mas num fui mesmo.

Dona Adália relatou ainda que Cecília nasceu fácil, mas demorou um pouco a chorar. A criança chorou após receber palmadas nas nádegas e em seguida deram Daime para a recém-nascida, antes mesmo da amamentação. De acordo com Dona Adália este procedimento é para fazer a criança vomitar e limpar a garganta. Já no nascimento de Leonel, Dona Maria Gomes foi buscar a ajuda de Mestre Irineu, pois acreditava que Dona Adália estava levando muito tempo para ter o bebê. Seu Chico Grangeiro foi correndo procurar Mestre Irineu e quando estava a caminho, a criança nasceu. Ao chegar à casa do Mestre este já sabia do ocorrido, pois tinha visto mesmo estando em sua casa. Mestre Irineu viu que quando a criança parecia que ia nascer o sol nascia, mas quando o parto apresentava dificuldades o sol se escondia, até que finalmente a criança nasceu e o sol resplandeceu. Dona Adália comenta este episódio na sequência do seu relato.

Eu tive um parto que a mamãe se agoniou porque tava demorando muito e ela achou que eu tava assim esmorecendo né? Ela viu assim que tava chegando a hora do menino nascer e eu, parece que eu esmoreci, ela: “Chico, Chico, vem, vem cá, num sei que. Aí o Chico chegou e desceu a escada na carreira, correndo assim, lá do Alto Santo né? Quando ele pulou embaixo assim, e aí é como daqui ali em casa, aí o menino nasceu, aí quando a mãe dela nasceu ela disse: “Chico, num vai mais não”. Já tava era o Chico chegando lá no Alto Santo, aí quando ele chegou lá, que bateu na porta, era umas cinco horas da manhã, umas seis horas, por aí assim, aí o Padrinho Irineu: “Chico, é você?”. Aí ele disse: “É eu”. Aí ele abriu a janela e ele disse: “Padrinho eu vim aqui porque”, ele foi contando logo, ele disse: “Não, fique tranquilo, já nasceu, neste instante eu tava aqui pelejando com ele. Ele vinha o sol vinha, quando ele ia aparecendo aí voltava. Aí eu firmava ali de novo. Aí lá vinha ele, lá vem, lá vem, lá vem, até que ele resplandeceu”. Esse Leonel.

Dona Maria da Conceição passou por oito trabalhos de parto e recorreu a médicos em apenas uma ocasião. Dona Percília, Maria Gomes e Dona Ana eram pessoas que assumiam dentre outras funções, o posto de parteira. A única vez que Dona Maria buscou o auxílio de médicos foi em razão da necessidade de se fazer uma cesariana. Uma das crianças nasceu morta e Maria corria risco de vida. Nesta ocasião Dona Maria da Conceição procurou o Padrinho Irineu e considera que recebeu uma cura (2015, Relato concedido a mim e Antônio de Macedo). Atualmente o hábito de se ter filhos em casa está diminuindo. Dentre as filhas e netas do casal Grangeiro, a maioria teve filhos na maternidade. Disseram-me que atualmente é difícil encontrar pessoas que assumam o posto de parteira. Na época em que Mestre Irineu era vivo, Rio Branco era considerado um local isolado e a dificuldade de acesso a médicos era grande. Acredito que a maior facilidade no acesso ao hospital atualmente, combinado com a quantidade reduzida de parteiras contribui para a diminuição do hábito de se ter filhos em casa.

As histórias de cura povoam a cosmologia do Centro Livre. Mesmo após a passagem do Mestre Irineu o Daime continuou curando. Nazaré conta que já foi curada de um cisto no ovário e que seu filho Ludson também já obteve uma cura quando ainda era um bebê. Cecília e Antônio me narraram a cura de um *cobreiro* e uma verruga contraída por Taina, filha do casal. O procedimento para se chegar à cura foi tomar Daime e orar no túmulo do Mestre Irineu. No caso da verruga, Taina já havia passado por médicos que disseram ser necessária uma cirurgia. No entanto, tomar Daime e fazer orações foi considerado pelo casal como um método eficaz para a cura da verruga e do cobreiro.

Conforme pudemos observar até aqui, o Daime ocupa um papel central para a saúde da comunidade. No entanto, o Daime não é apenas um preparado a base de jagube, chacrona e água. O feitiço é realizado de forma ritualizada e possui as suas regras. Assim como em outros centros, é necessário que os homens estejam de calça comprida e blusa para qualquer trabalho relacionado à doutrina. A participação das mulheres só é permitida na colheita das folhas. Dona Adália me relatou que quando Mestre Irineu estava em vida, as mulheres não iam à casa de feitiço nem para entregar a comida. Esta é uma diferença que pude notar entre o Centro Livre e o CEFLI, já que na linha de Luís Mendes existem feitiços nos quais homens e mulheres cantam hinários na casa de feitiço. Neste contexto apenas os homens participam da *bateção* do jagube. No Centro Livre é enfatizado que o feitiço é realizado de acordo com as *origens*, considerando que Seu Chico Grangeiro era o feitor oficial do Daime na época em que Mestre Irineu estava em vida. O atual feitor é Juarez, e este aprendeu os conhecimentos do feitiço diretamente com Seu Chico Grangeiro. Nos centros vinculados ao CEFLURIS e ao CEFLI pude observar a prática de se *aproveitar*, ou *apurar o Daime*. Esta prática coloca o Daime a diversos cozimentos com folha e jagube. A cada novo cozimento se diz que o Daime aumenta um *grau*. Assim, no CEFLURIS, há Daime de primeiro grau, segundo grau e assim sucessivamente. No Centro Livre, para ser considerado Daime, só é permitido o cozimento do Daime com folha e jagube, além do outro cozimento que é chamado *dobra*. Guido Carioca comentou que acredita que o Daime aproveitado, como é o do CEFLURIS, possa fazer mal à saúde.

Antônio de Macedo me disse que seu Chico Grangeiro, Antônio Cancão e João Facundes lhe disseram que primeiramente o jagube era batido num único caule de árvore estendido no chão. As pessoas se sentavam neste caule e ali mesmo apoiavam e batiam o jagube. Seu Chico Grangeiro sonhou que estava batendo o jagube colocado sobre um toco. Ao relatar o sonho para o Mestre Irineu, Seu Chico perguntou se ele poderia bater o jagube em um toco. Mestre Irineu disse a Seu Chico que colocasse doze tocos na casa de feitiço em referência aos 12 apóstolos. Estes tocos servem para que o jagube seja colocado em cima e possa ser batido com os participantes assentados em um banco. Estes doze tocos são utilizados até os dias atuais em centros de todas as linhas.

Conversando com Guido e Leonel, pude saber que a concepção de que nem todas as doenças podem ser curadas e que estas são chamadas de sentenças, também está presente no Centro Livre. Disseram ainda que algumas pessoas miram que vão morrer. Numa destas ocasiões, após mirar a própria morte, a pessoa se estendeu no chão até que a morte chegasse.

2.2.1 Resumo sobre as concepções de saúde e cura no Centro Livre

Pude observar que na cosmologia do Centro Livre as doenças acontecem em função da pessoa ou grupo se desviar do caminho do Mestre. Este afastamento do caminho se dá quando a pessoa adota hábitos e rituais alheios ao que Mestre Irineu deixou. Dentre os hábitos estão o não cumprimento da dieta e o uso de *drogas*. O afastamento do ritual se dá quando se acrescenta ou se retira um trabalho que não foi deixado pelo Mestre Irineu. A pessoa também se afasta da linha quando não realiza os trabalhos nos dias corretos e altera a melodia e letra dos hinos. A combinação de Daime com substâncias ilícitas influencia a qualidade da miração, que sempre é falha neste caso. Com a miração comprometida, a pessoa se afunda no mundo da ilusão e atrai doenças para si. A doença pode acontecer também em função de uma sentença. O afastamento da linha do Mestre compromete tanto a cura física quanto a cura espiritual. Esta é, no entanto, a visão predominante sendo possível encontrar participantes que estão à margem e que possuem outras concepções.

O Daime ocupa um papel central para a saúde individual e coletiva do Centro Livre. É necessário, no entanto, que o feitio ocorra da maneira que o Mestre Irineu deixou. O fato de Seu Chico Grangeiro ter sido o feitor oficial do Mestre Irineu é um argumento eficaz para que a qualidade do Daime do Centro Livre seja apreciada, uma vez que o atual feitor, Juarez, aprendeu a trabalhar no Daime diretamente com Seu Chico. É necessário igualmente que os participantes do Centro estejam cumprindo com a dieta sem álcool e sexo, três dias antes e três dias depois dos trabalhos. Assim como a figura do Mestre Irineu, no Alto Santo, Dona Adália exerce um papel crucial no equilíbrio do grupo. Muita fé é depositada no poder de suas orações, uma vez que trabalhava como enfermeira espiritual junto ao Mestre Irineu. Como comandante do Centro, Dona Adália conhece as necessidades e interesses de cada pessoa, a maioria familiares, e trabalha como uma juíza, conciliando os diversos interesses e garantindo a unidade do grupo. Não há grande quantidade de pessoas doentes que procuram o Centro Livre. O Daime parece fortalecer principalmente o seu corpo de participantes. O Daime, assim como os vínculos familiares são centrais para a saúde do grupo, já que estimulam a cooperação e a interdependência, contribuindo para um maior bem estar na comunidade. A aceitação de pessoas de perfis variados tem contribuído para o fortalecimento do corpo de seguidores, ao mesmo tempo em que é sentida também como uma ameaça. A unidade criada em torno dos princípios do discurso preponderante protege o grupo das influências “externas”

que já se encontram às margens da comunidade e que já são sentidas na própria família. A perda da linha do Mestre é sentida como uma ameaça ao equilíbrio da comunidade, uma vez que o discurso de origem é eficaz para uma família que possui também fortes laços de parentesco com o Mestre Irineu. Neste sentido, o comando de Dona Adália é de extrema importância para que o Centro Livre continue se curando na linha do Mestre.

O Centro Livre possui vários conceitos de saúde e doença que são muitas vezes comuns a outros centros de Daime. Dentre os conceitos de saúde e cura encontramos sentença, disciplina, passagem, cura física, cura eterna, miração, sonho, afluído, força, cuidado espiritual, enfermeira espiritual, médicos e hospital. Dentre as memórias acerca das atividades de cura de Mestre Irineu encontramos dar conforto aos sentenciados, realizar sessões de cura, convocar os seus seguidores para intermediar uma cura, ensinar seus seguidores a fazer trabalho de cura, preparação dos seus seguidores para trabalhar em benefício de pessoas necessitadas, ouvir sugestões de seus seguidores em relação a novos rituais, indicar dieta de água ardente alemã, realização de partos com Daime e com parteiras, auxiliar em complicações no parto. Identifiquei diversas práticas de cura com e sem ayahuasca como a utilização de fármacos, realização de concentração e hinários, tomar Daime e ouvir hinário em casa, rezas, rogos, cirurgia espiritual, parto com Daime, dedicar o trabalho em intenção de alguém necessitado, tomar Daime no dia a dia, dar Daime para curar animais, passar Daime em ferida, dieta de álcool e sexo, dieta com purgante de água ardente, dar Daime para recém-nascidos, fazer oração no túmulo do Mestre Irineu, auto-hemoterapia e a união da família para se proteger de influências externas. Dentre os outros produtos, além do daime, utilizados para cura, pude identificar o chá de capim santo, chá de erva cidreira, caldo da caridade, caiçuma e rapé.

2.3 - CEFLI (Centro Eclético Flor do Lotus Iluminado)

Ao entrar no *website* deste grupo a primeira informação que encontramos é enfática em relação a seus objetivos. O CEFLI foi fundado em 1998 por Luís Mendes e seu propósito expresso é “cultivar a doutrina do Santo Daime conforme legado do mestre imperador Raimundo Irineu Serra”. Atualmente o grupo nos informa ainda que há duas sedes para a realização do culto do Santo Daime nas imediações de Rio Branco. A sede matriz se chama

Estrela D’Alva e localiza-se na comunidade Fortaleza, no município de Capixaba, onde vive Luís Mendes. A sede Luzeiro da Manhã está localizada no município do Bujari e é coordenada pelo Sr. Emílio Furtado. Existem ainda três centros amigos do CEFLI em outros Estados, um no Mato Grosso do Sul e dois em São Paulo.

Saturnino relatou a mim e a Antônio de Macedo que o tronco da sua família, dentro da doutrina, vem de sua mãe, Dona Riselda. Seus avós maternos (Seu Elias e Dona Ana de Souza) chegaram ao Acre para trabalhar nos seringais, da mesma forma que Mestre Irineu e muitos dos seus companheiros. Com a decadência do segundo Ciclo da Borracha os seringueiros foram automaticamente desapropriados, uma vez que a principal atividade referente aos seringais não existia mais. Seu Elias e Dona Ana ficaram então sem local para residir. Buscando um local para se estabelecer, Seu Elias obteve a informação que Mestre Irineu havia conquistado uma grande gleba de terras e que era uma pessoa muito solidária. Seu Elias foi então conversar com Irineu Serra e dessa forma foi acolhido. Mestre Irineu ofereceu uma porção de terra para a família cultivar, assim como uma casinha velha para a família viver, no entanto não disse nada sobre a doutrina. Saturnino considera que isso evidencia a personalidade bondosa do Mestre, já que ele não vinculou a concessão da casa e do terreno à participação no Daime, embora seu objetivo fosse formar uma comunidade religiosa no local.

Seguindo em seu relato, Saturnino nos conta que a família se estabeleceu na casinha e com o tempo passou a frequentar a casa do Mestre Irineu. Em uma ocasião em que o Mestre e seus seguidores realizavam um trabalho na mata, a família recém-chegada escutou os hinos sendo cantados. Posteriormente perguntaram ao Mestre Irineu do que se tratava aquela reunião e assim vieram a tomar consciência do Daime. Saturnino nos relatou ainda que o fato dos seus avós terem chegado ao Alto Santo por estarem sem local para morar pode ser considerado um motivo secundário. A principal causa para que a família buscasse o Mestre Irineu foram doenças motivadas pelo sofrimento de ter deixado a família no Ceará. Eles não traziam nenhuma doença física, mas sim uma doença espiritual que era a tristeza de estar longe da família, sem notícias daqueles que haviam ficado no Ceará. Somado ao fato da família estar desabrigada, a carência em que viviam se tornou um grande peso. Saturnino aponta que estas condições propiciaram o surgimento de doenças. Com a caminhada dentro do Daime as curas foram acontecendo e as pessoas da família encontraram “o caminho pra

poder realmente se encontrarem um pouco mais na frente, como de fato aconteceu”. A família se reestabeleceu na alegria de viver.

Luís Mendes é atualmente a única pessoa das doze convocadas por Francisco Grangeiro, na época do Mestre Irineu, para fazer parte da equipe da mata. Foi com seu Chico Grangeiro que Luís Mendes aprendeu a trabalhar no Daime. Em função disso, a figura de Seu Chico é de extrema importância no CEFLI, ganhando inclusive um quadro dentro da sede deste grupo. Nos ensinamentos propagados no CELI o nome de Seu Chico aparece com grande frequência. Luís Mendes deixou o Alto Santo junto com Tetéu e a família Facundes, após o falecimento de Leôncio Gomes. Luís Mendes chegou ao posto de presidente do CICLU, mas foi afastado posteriormente. Foi após sua passagem pelo CICLU que Luís Mendes buscou um local mais afastado para criar a comunidade Fortaleza.

Estive na Fortaleza nos dias 10, 11 e 12 de janeiro para participar de um feitiço. Fui com Seu Chagas, Vinícius e Cristiano, participantes do Centro Livre. Para se chegar à Fortaleza é necessário pegar um ônibus até o município de Capixaba e em seguida se deslocar até a zona rural. A Fortaleza está afastada o suficiente do município de Capixaba para que não sofra com os ruídos da cidade durante seus rituais e nas atividades cotidianas, de forma análoga ao que era o Alto Santo nos seus primórdios. O terreno é cercado por uma mata tão grande que algumas pessoas já se perderam nela. O feitiço estava sendo realizado na sequência do chamado *encontrão*, que ocorre sempre nos primeiros dias do ano. O encontrão aconteceu no período de 30/12/2014 a 09/01/2014. Lendo a programação deste evento, pude ver que nestes dias a proposta era realizar a concentração do dia 30/12, o trabalho de passagem do ano, atividades culturais, trabalhos na mata, aniversário do Luís Mendes, Festa de Santo Reis, Trabalho de Cura, *Trabalho de Estrela do Padrinho Sebastião* e encerramento do encontro. No encontrão deste ano vieram aproximadamente 300 pessoas. A família de Luís Mendes, com seus filhos e netos, participa ativamente da organização do encontrão e divide as responsabilidades para conseguir dar conta da quantidade de pessoas que vão à Fortaleza neste período.

Quando cheguei à Fortaleza muitas pessoas já haviam ido embora e outras optaram por ir apenas após o feitiço. Mesmo assim, a quantidade de pessoas que ainda estavam na Fortaleza era grande. Conheci pessoas da Holanda, Estados Unidos, Chile, São Paulo, Maranhão, dentre outras localidades. Membros do CEFLURIS também participam destas atividades e alguns dizem que o encontrão mimetiza os festivais desta linha e comparam a

Fortaleza ao Céu do Mapiá²⁰. A comunidade possui várias casas para abrigar os participantes do encontro, assim como os moradores fixos da Fortaleza, como Seu Luís Mendes e parte da sua família. Há também um grande refeitório no qual são oferecidas quatro refeições diárias durante o período do encontrão e feitio. Há uma loja de artesanato na comunidade e seus produtos podem ser vistos sendo usados por muitas pessoas. São usados não apenas artesanatos da loja, mas também alguns produzidos por diferentes comunidades indígenas e grupos não indígenas. Para se instalar nas casas e fazer as refeições é cobrada uma diária de R\$ 60, no entanto há uma flexibilidade em relação à contribuição. Pessoas que não podem contribuir com este valor podem optar por trabalhar durante o encontro.

Um símbolo utilizado pelo CEFLI que chamou minha atenção, assim como de muitas pessoas que vão à primeira vez à Fortaleza foi o Cruzeiro de três braços. Saturnino relata que um novato perguntou a Luís Mendes o que significava o Cruzeiro de dois braços (SATURNINO, sd.). Luís Mendes não sabia dar a resposta e foi perguntar diretamente ao Mestre Irineu. O Mestre disse que o primeiro braço representa o velho testamento que é o mundo do pai, dos tempos de Moisés e que o segundo braço representa o segundo testamento, que faz referência ao filho e à mãe. Para Luís Mendes o terceiro braço é o *novo tempo, a nova era, o novo horizonte* que se encontra no mundo do Divino Espírito Santo. Em 1997, Luís Mendes teve a visão com o Cruzeiro de três braços e logo se preocupou com o que a comunidade do Daime poderia achar. Seu Luís pediu então que se confeccionasse um cruzeiro de três braços e guardou consigo, apresentando apenas ao Seu Tufi Rachid. Finalmente, no ano de 2001 o CEFLI passou a utilizar o cruzeiro de três braços em frente à sede e em cima da mesa da mesma. Saturnino relata ainda que em sua visão é possível interpretar os três braços como sendo o primeiro, o segundo e o terceiro milênio. Saturnino ressalta que o Mestre é um ser unificado, quando passa o domínio para o Espírito Santo ele continua no mesmo domínio, chefiando e dando atenção. O temor de Luís Mendes se confirmou e atualmente muitas são as vozes que criticam a utilização deste símbolo.

No dia em que cheguei à Fortaleza iria acontecer uma bateção. Momentos antes, eu participei do trabalho de limpeza do jagube, já na casa do feitio. Este trabalho é feito com pequenas lascas de madeira e deve-se buscar apenas limpar o jagube, evitando raspar a casca. Vi diversas pessoas utilizando rapés de diferentes tipos com frequência, com e sem curipe. Chamou-me a atenção um rapaz que parecia ter transtornos psiquiátricos. Ele sugeriu que

²⁰ Comunidade Matriz do CEFLURIS fundada por Sebastião Mota.

limpássemos o jagube de forma ritmada, como acontece durante a bateção. Um grupo de pessoas riram, outras pediram silêncio e seguiram o trabalho normalmente. Neste dia homens e mulheres cantaram o hinário de Antônio Gomes e Francisco Grangeiro. Do lado de fora do cercado destinado à bateção homens e mulheres se separaram em lados distintos, mas apenas os homens participam e batem o jagube. Neste dia estava sendo realizado o aproveitamento do Daime. Conforme abordado anteriormente, este processo consiste em cozinhar o Daime já feito com mais jagube e chacrona. Vinícius comentou comigo que no CEFLI o aproveitamento não é feito de forma tão intensa como no CEFLURIS.

No segundo dia que estive na Fortaleza pude acompanhar Saturnino em funções do feitio. Primeiramente pegamos os jagubes que estavam plantados nas proximidades do refeitório. Em um dado momento eu tirei a camisa em função do calor que fazia, mas Saturnino me advertiu que é necessário estar de calça e de blusa para executar tarefas relativas ao Daime. De acordo com Saturnino esta orientação era dada pelo próprio Mestre Irineu. Posteriormente levei os jagubes para que Jorge (um chileno que vive na comunidade) pudesse cortá-lo em pequenos pedaços, para que fossem levados para a bateção. Na sequência carreguei um saco de jagube já cortado para a casa de feitio. Uma vez neste lugar, os pedaços de jagube foram empilhados ao lado dos tocos para serem batidos. Neste dia executamos o hinário de João Pereira. Após a execução do hinário, enquanto a bateção ainda seguia, alguns participantes do ritual cantaram hinos próprios. Chamou-me a atenção os hinos de Daví, que possui grande ênfase em São Miguel e também alguns cantos executados por *Maranhão*, que remetia a entidades de matriz africana, assim como à figura de Caiano, personagem conhecido no contexto da UDV (União do Vegetal). Após a bateção, Miriam, uma musicista de São Paulo, começou a tocar hinos em sua sanfona. Em seu repertório havia hinos próprios, assim como hinos já conhecidos na doutrina como alguns de Lúcio Mortimer e Glauco Vilas Boas. Para o dia 13 de janeiro estava programado cantar o hinário de Maria Damião na parte da tarde, no entanto o dia foi de muita chuva e o trabalho foi adiado para a noite. Cantamos o hinário na casa de feitio com homens e mulheres presentes. Neste dia não houve bateção, mas ainda sim havia Daime sendo preparado nas panelas. Antes da bateção o rapaz que parecia ter problemas psiquiátricos começou a ficar bastante agitado e então umas meninas me pediram para chamar Saturnino. Após uma conversa Saturnino conseguiu acalmar o rapaz, que acabou não participando do trabalho.

No dia 24 de janeiro fui à sede Luzeiro da Manhã no município de Bujarí. O trabalho era a festa de São Sebastião e o hinário executado foi “O Acessor”, do Tetéu. Este é um

trabalho comum nas igrejas da linha do CEFLURIS, no entanto nesta linha se executa o hinário do Padrinho Sebastião. A analogia entre São Sebastião e o Padrinho Sebastião se dá tanto em função do nome ser igual, mas também pelo fato do Padrinho ter falecido no mesmo dia do festejo no Rio de Janeiro, cidade em que São Sebastião é padroeiro. Seu Luís Mendes, Saturnino e demais participantes da sede Estrela Dalva se deslocam até o Bujari para o festejo de São Sebastião. Os participantes do CEFLIMMAVI também costumam participar deste festejo realizado no Luzeiro da Manhã. Este trabalho está longe de ser unanimidade nos centros da chamada linha do Alto Santo. O CICLU Alto Santo, o CRF e Centro Livre não realizam esta festa por considerarem fora do calendário proposto pelo Mestre. Ouvei também críticas ao fato de se estar comemorando a festa de São Sebastião no dia “errado”. Pela tradição católica a festa de São Sebastião acontece no dia 20 de janeiro. Como o dia 20 de janeiro caiu numa terça-feira, o CEFLI optou por realizar a festa no sábado dia 24, para facilitar para as pessoas que trabalham durante a semana. Um arranjo semelhante ocorreu no Centro Livre, no dia da celebração do aniversário de José Gomes.

O terço foi rezado momentos antes de começar a festa de São Sebastião. A oração é feita num ritmo mais lento, se comparado ao Centro Livre. O sinal da cruz é feito com o nome *virgem mãe amantíssima* sendo acrescentado. A frase fica então da seguinte forma: - “Em nome do Pai, do Filho, da Virgem Mãe Amantíssima e do Divino Espírito Santo, Amém”. Esta frase me parece uma relação direta ao cruzeiro de três braços, no qual o primeiro é o pai, o segundo o filho e a mãe, e o terceiro o Espírito Santo. Após o terço houve um breve intervalo e passou-se então a execução do hinário. Foram cantados os cem primeiros hinos do Tetéu e em seguida houve um intervalo. Havia mesas do lado de fora da sede e comida para ser servida em comemoração ao aniversário de um irmão de Luís Mendes. Antes da volta para a segunda parte aconteceu um batizado. A criança foi batizada com água, sal e Daime. Ao final do batismo Luís Mendes pediu que fosse executado o hino “Peço que vós me ouça”, do Padrinho Sebastião, no qual há um verso que diz que “aquele que aqui batiza, batizou no rio de Jordão”. Antes que o hino fosse executado Luís Mendes disse que São João Batista foi muito bem representado aqui na terra, numa clara referência ao Padrinho Sebastião²¹.

Após o batismo deu-se sequência ao hinário do Tetéu até o hino 132. Neste momento Saturnino explicou que no Alto Santo (se incluindo dentro deste termo) há o hábito de não receber mais de 132 hinos, que foi a quantidade que o Mestre recebeu. No entanto, após

²¹ Nos centros ligados ao CEFLURIS é muito difundida a ideia de que *Padrinho Sebastião* é uma reencarnação de São João Batista.

receber 132 hinos, Tetéu seguiu recebendo outros, e para evitar constrangimentos encerrou o seu hinário e passou a ofertar os novos hinos para seus amigos. Após esta explicação foram cantados alguns hinos que Tetéu ofertou a amigos. Esta tradição de se ofertar hinos se expandiu de forma intensa no CEFLURIS, mas atualmente as pessoas não esperam chegar ao hino 132 para ofertá-los. Depois disso foi cantada a Oração de São Francisco com os participantes de mãos dadas. Foram realizadas as orações finais e a ordem de fechamento do trabalho. Luís Mendes realizou uma fala exaltando o trabalho de São Sebastião e o encontrão que havia acontecido há poucos dias. Luís Mendes estava presente no ritual, porém não estava bailando. Permanecia sentado em sua cadeira e chegava mesmo a dormir. No entanto, como tinha a função de dar vivas, realizar batizado e fazer uma breve fala ao final, Seu Luís se levantava nos momentos necessários para cumprir com suas funções. A simples presença de Seu Luís Mendes no salão é motivadora para os participantes do trabalho. Ao final Saturnino informou que na semana seguinte haveria uma sequência de três trabalhos de cura.

No dia 28/1 fui passar três dias na Fortaleza. Nestes dias o ambiente estava bem diferente, pois não havia tanta gente como no encontrão. Lá chegando, fui recebido por Rosa, filha de Luís Mendes, que me instalou em uma das casas. Pouco tempo depois encontrei Samuel (um jovem peregrino capixaba) que havia acabado de sair da mata. Ele me contou que ficou perdido na mata por duas horas e acabara de encontrar a saída. No tempo em que esteve perdido Samuel se hidratou com água de taboca. A busca de Samuel por aprender a se locomover na mata e aprender a trabalhar com a flora local remete à valorização dada pelo CEFLI ao contato com a natureza e à sustentabilidade. Esta valorização pode ser vista no chamado trabalho da mata, que é um dia destinado a um passeio no Parque Ambiental Encantos da Floresta. Este trabalho começa de manhã com os participantes seguindo por uma trilha e ao chegar ao chamado *Terreiro São Pedro* cantam uma seleção de hinos em louvor à natureza. Em seguida partem para uma nova caminhada até o *Salão da Copaíba* onde cantam os hinários “Mistérios da Natureza”, do irmão Solon Brito e “O Valor de quem ensina” do irmão Holderness, ambos filhos de Luís Mendes. Uma nova caminhada é realizada até o *Terreiro do Cipó* com a execução do hinário “Alvorada” da já falecida irmã Ana de Souza.

No dia seguinte fui à casa de Luís Mendes e uma das primeiras frases que ele disse foi que acreditava que plantar é uma atitude muito nobre. Disse que quando colhe o fruto de uma árvore logo pensa em plantar outra. Enquanto eu ouvia Luis Mendes falar, Samuel lhe fazia perguntas frequentes, sempre relacionadas a plantas. Luís Mendes me narrou a ocasião da

passagem²² do Padrinho Sebastião, no Rio de Janeiro, no dia do trabalho de São Sebastião, e fez referência ao difícil traslado do corpo até o Céu do Mapiá. Luis Mendes me contou que já foi no Mapiá e ressaltou a coragem do Padrinho Sebastião em erguer esta cidade no meio da floresta amazônica. Contou ainda que no período em que Padrinho Sebastião esteve no Rio do Ouro e se transferiu para o Céu do Mapiá os casos de falecimento eram poucos. Disse lembrar apenas do falecimento de uma mulher que se deu em função de uma complicação no parto e que depois disso não ocorreram mais problemas. Luís Mendes me contou ainda que já foi a Belo Horizonte, no centro conhecido por Flor do Céu, coordenado por Eduardo Gabrich. Disse que nesta ocasião começou a chover muito na região e as estradas ficaram alagadas deixando os participantes do trabalho ilhados no terreno do centro. Uma mulher que estava grávida começou a entrar em trabalho de parto e este foi realizado com sucesso no próprio centro. Neste dia Luís Mendes me falou ainda que o Mestre Irineu não aconselhava ninguém a fumar, mas o Mestre fumava tabaco artesanal e charuto e desaconselhava os cigarros industriais. Luís contou que durante alguns trabalhos, Mestre Irineu ia fumar charuto na varanda. A fumaça do charuto entrava na sede e Seu Luís disse que o cheiro era muito especial. Contou ainda que quando ia visitar o Mestre, em alguns casos não era possível vê-lo, pois estava encoberto pela capoeira, mas era possível sentir o cheiro do charuto e assim saber que o Mestre estava ali. Seu Luís me disse já ter fumado tabaco por alguns anos, mas abandonou o hábito. Por fim, Seu Luís me contou que enfrenta problemas de pressão e que utilizava fármacos para controlar. Nestes dias, Seu Luís e a família estavam se preparando para uma viagem a um centro amigo no estado de São Paulo.

Eu e Antônio de Macedo fomos à casa de Saturnino no Alto Santo para gravarmos uma conversa que tivemos sobre cura e outras temáticas acerca do Daime. Nesta ocasião Saturnino nos relatou a chegada da família ao Daime, assim como nos contou um pouco sobre os trabalhos e concepções de cura no CEFLI. Saturnino nos contou que geralmente se realiza uma sequência de três dias de cura, mas quando não é possível fazer em três dias seguidos se busca um dia no fim de semana para completar os trabalhos. Relatou ainda que o CEFLI tem o compromisso de realizar estes trabalhos de cura todos os meses, embora tenha reconhecido que em raros momentos, quando a família não está no Acre, os trabalhos podem não ocorrer. Disse que paciente nunca falta e também se incluiu na categoria de paciente. Saturnino nos relatou que não há um roteiro específico para a sequência de três dias. Disse que utiliza trabalhos de cura que já existem e considera que todos têm o mesmo valor, embora diga que

²² Termo utilizado como falecimento, mas que reforça a ideia de que a pessoa segue vivendo em outro lugar.

certos hinários aprofundaram mais na temática da cura. A escolha dos hinários que serão cantados se baseia nesta profundidade. O hinário de João Pedro e Francisco Ribeiro são hinários que Saturnino diz serem adequados para se cantar em um trabalho de cura, já que a busca destes personagens dentro da doutrina estava relacionada às suas próprias curas. Vejamos como Saturnino nos relatou esta busca de João Pedro e Seu Chico Ribeiro.

O João Pedro já chegou desenganado e esse se estabeleceu totalmente em cima da cura. Se estabeleceu totalmente em cima da cura. Até porque, para este não houve cura na matéria, com o mesmo mal que ele chegou, com muitos anos que ele ainda com Mestre Irineu e depois o Mestre Irineu fez a passagem ele ainda continuou vivo, mas finalmente, com o mesmo mal que ele chegou foi o mesmo mal que acometeu a matéria dele. Agora, acometeu a matéria, porque quando ele chegou ele entendeu que vinha como um sentenciado pra cumprir aqui dentro do trabalho do Mestre uma sentença e se aplicou então dentro desse tema da cura. Com a remissão, sabendo que a matéria ia voltar pro pó, mas o espírito esse sim tinha que ser preservado. Aí ele se estabeleceu assim, dessa forma. E por causa disso o hinário dele é assim bem aplicado. Devido à busca dele, um hinário totalmente aplicado no tema da cura. Seu Chico Ribeiro também a mesma coisa.

Outro trabalho de cura que é realizado pelo CELI é o Trabalho de Estrela, proposto pelo Padrinho Sebastião. Saturnino relata que ele não precisa tentar criar outro recurso de cura porque no hinário do trabalho de estrela já existe toda uma assistência, “toda uma divindade por trás que atua”. Este hinário é composto por uma seleção de hinos do Padrinho Sebastião, chamado de oração. Na sequência se canta duas seleções de hinos de diversas pessoas que abordam a temática da cura. Outro trabalho de cura no CEFLI consiste na execução do hinário de Dona Percília, seguido por outra seleção de hinos. Saturnino diz que nestes trabalhos as pessoas vão acompanhando os hinários e cada qual vai buscando a sua cura. O último trabalho de cura que Saturnino nos relatou foram os chamados recebidos por Luís Mendes. Estes chamados são expressos, embora os chamados silenciosos também sejam executados. Saturnino nos relatou que para se realizar estes chamados é necessária uma real necessidade, caso contrário o ser espiritual pode vir e disciplinar a pessoa que o chamou. Saturnino contou ainda que todos os chamados recebidos por seu pai vieram em situações conflituosas. Na cosmologia do CEFLI, quando Luís Mendes executa seus chamados, há um determinado ser que vem e realiza a cura. A única exigência que este ser faz para que seja chamado é que haja a necessidade. Vejamos um pouco como Saturnino nos narra a situação em que os chamados foram recebidos.

E todas as vezes que papai recebeu os chamados, são quatro, foi assim desta forma. Desse jeito. Adoecia e ainda tentava dar aquele arrodio por aqui por acolá. É tanto que numa dessas vezes a mamãe chegou pra ele e disse: - “Luis toma Daime”. Ele disse: - “Mas eu já tô tomando, tô tomando”. – “Mas tem que tomar mesmo”. Aí foi da vez que ela saiu até seguindo ele até o quartinho e diz ele que foi muito bom ela ter seguido porque senão ele morreria. Ela seguiu ele até o quartinho, quando chegou lá ela encheu o copo de Daime lá na risca, talvez, talvez não, ele mesmo fala, se ela não tivesse seguido ele, ele não teria tomado, mas como ela disse pra ele que tinha que ser assim, botou ele no rumo do quartinho e ele diz que quando chegou lá encheu o copo, aí recebeu e aí finalmente... aí que que acontecia? O que que acontecia era isso. Vinha este ser, um determinado ser, realizava então aquela cura com ele, então por força disso deixava com ele as chamadas para quando tivesse necessidade. Um destes chamados ele recebeu quando o Mestre ainda estava vivo, o Mestre ainda estava em vida, aí ele veio e cantou pro Mestre, ele veio e cantou pro Padrinho, e ele disse que na época que ele cantou ele num tinha nem a intensão de nada não. Ele tinha recebido um chamado. Uma coisa assim que ele interpretou como um chamado até porque é diferente da linhagem do hinário. Ele interpretou como um chamado. Aí ele veio e cantou pro Mestre. Aí o Mestre foi, quando ele terminou de cantar o Mestre foi e disse assim para ele. Disse: - “Luís tu guarda isso aí que isso ainda vai te servir tanto!”. Só que ele disse – “Tu guarda... tu guarda isso aí que isso ainda vai te servir tanto”. Aí diz ele que não sabia o que viria pela frente. Que uma coisa se formaria em torno disso. O Mestre já tinha dito lá atrás, aí aconteceu. Olha, e com relação aos seres, é o seguinte rapaz. É aquilo que a gente já sabe. A única imposição que existe por parte deles pra poder fazer o atendimento é exatamente a necessidade. É a necessidade. Havendo a necessidade aí estes invocados vem sempre pra fazer o bem. Sempre sempre pra fazer o bem.

Questionei Saturnino sobre a causa das doenças e sobre o que deve acontecer para que a cura se realizar. Saturnino dividiu as doenças em dois tipos. As doenças do primeiro tipo acontecem de forma voluntária e involuntária. Este tipo de doença acontece quando a pessoa é sadia e depois se torna doente. Estas doenças ocorrem de forma voluntária quando a pessoa se abre e acaba enfraquecendo e perdendo energia do corpo. Nestes casos a pessoa perde energia por cultivar maus pensamentos. A pessoa se torna *prisioneira de si* ao achar que nada está bom, que nada presta. A doença ocorre de forma involuntária quando a pessoa age sob a influência de algo externo. O outro tipo de doença se refere àquelas que são ligadas ao *karma* de cada um. Saturnino explica o termo *karma* como sendo a missão e o destino de cada pessoa. Nestes casos a pessoa não se torna doente, ela já se encontra doente. Disse que a doutrina *assessora* as pessoas ao lhe trazer conhecimento sobre os motivos do sofrimento. A pessoa que está sofrendo entra em um processo de remissão e faz a cura principal, que é a do espírito. Saturnino disse ainda que a cada dia estão surgindo novas doenças. Encerrando a explicação, Saturnino disse que os hinários são muito atuais porque profetizam ao falar de

coisas que anteriormente não existiam. Como exemplo, Saturnino cita o hino nº 16 de João Pedro que fala sobre epidemias. Vejamos este relato nas palavras do próprio Saturnino.

O que poderia levar uma pessoa a ficar doente é só querer. Este é um lado. Quando eu digo querer porque é o seguinte a pessoa muitas vezes nem é portador daquela doença, aí vai se abrindo, vai se enfraquecendo, vai perdendo energia por fora do seu próprio corpo muitas vezes se enfraquecendo, perdendo energia, achando que nada tá bom, que nada presta. Isso faz muitas vezes a pessoa se tornar prisioneiro de si próprio. O cara acha que nada tá bom, que nada presta, tá sempre olhando, tá caminhando numa doutrina como essa, mas sempre olhando por esse lado. E vai se enfraquecendo, vai perdendo energia e finalmente, dentro desse mundo de ilusão. Existe aí um campo vasto de doenças e que, aquela história, a gente pode até nem ser doente, mas no transcurso da trajetória, por isso ou por aquilo, ou por aquilo outro, a gente pode se transformar em pessoas doentes. Não precisa dizer qual é o tipo de doença. Você se transforma muitas vezes ou de forma involuntária ou alguma coisa que te leva a você proceder daquela maneira e vai e adocece. E também tem as doenças que são próprias do karma de cada um, própria da missão de cada um. Muitas vezes é aquilo que já está até escrito dentro do seu destino. E por aqui pela doutrina passaram muitos assim. Vou te citar um exemplo. Germano Guilherme era tido como o discípulo mais antigo até onde se tem conhecimento. É o discípulo mais antigo do Mestre Irineu que conheceu esta doutrina até antes mesmo do Mestre em 30 começar. Germano Guilherme por uma circunstancia já tinha se encontrado com o Mestre, porque ele tem toda uma história. Já tinha se encontrado com ele, numa instituição a Guarda Territorial[...]. O fato é que em 30 quando o Mestre começou, Germano Guilherme já estava porque já tinha tido esta iniciação, antes, se não me falhe a memória em 28. Este foi um que até canta no hinário dele “meu pai, foi quem me deu, para mim esta missão”. Uma pessoa doente, já chegou doente, mas pelo cumprimento de uma missão, até porque tinha algo maior. Aí existe esses que tem essas doenças que são karmicas. Do próprio karma aonde a doutrina assessora da seguinte maneira, traz o conhecimento pra pessoa, porque que a pessoa tá sofrendo. Geralmente com quase todos acontece assim. Aí por isso a pessoa já entra dentro de um processo de remissão e faz a cura principal que é a cura do seu espírito. Então doenças Josué, estão aí, manifestadas. Inclusive cada dia que passa tá aparecendo mais. Tem novas doenças. Inclusive Joao Pedro tem um hino que fala numa determinada parte assim. Lá fala assim [...] A estrofe anterior fala que a gente deve pedir para que a Virgem Maria nos livre dessas epidemias. Aí fala que “as doenças vem chegando e é preciso nós fastar” [...] Por sinal até atualiza tudo né? Os hinários são muito bem atualizados porque na época que ele recebeu ele não tinha, não tinha tantas epidemias. Profetizando o que vinha porque a gente também tá vivendo agora.

2.3.1- Resumo sobre as concepções de saúde e cura no CEFLI

Na cosmologia do CEFLI as pessoas podem se tornar doentes ou já chegam doentes. A pessoa pode se tornar doente em função de maus pensamentos (achar que nada está bom) ou

de alguma influência externa. Neste caso a pessoa perde energia do corpo e se enfraquece em função destes pensamentos, ainda que esteja caminhando na doutrina do Daime. As pessoas consideradas sentenciadas já chegam com uma doença e neste caso não há cura para a matéria. A sentença é entendida como o karma, a missão e o destino de cada pessoa.

A cura acontece em função do assessoramento dado pela doutrina ao trazer compreensão para a pessoa sobre o motivo do seu sofrimento e isso envolve *conhecer a si mesmo*. Os hinos que aprofundam na temática da *cura* auxiliam nesta busca. Os seres espirituais invocados nos chamados, nos hinos e nas preces pessoais de cada pessoa também participam do processo de cura. A presença de Luís Mendes nos rituais assim como suas falas e ensinamentos no dia a dia também é de fundamental importância no CEFLI. Outro fator que influencia na saúde dos participantes do CEFLI é a aceitação e acolhimento de pessoas de diversos perfis. A aceitação da bagagem espiritual de cada participante fortalece o conhecimento do grupo sobre distintas práticas de cura, assim como fortalece o corpo social do grupo ao reunir muitos participantes em torno de si. Pessoas que vêm de outros países e estados, ao chegar ao Acre lidam com a discriminação do CICLU Alto Santo, que lhes nega o direito de participação nos rituais e não permitem sequer observar sem antes *se humilharem*. O CEFLI, por outro lado, se mostra aberto para atender diferentes demandas e fortalece o sentimento de pertença nos daimistas que vêm “de fora”. O acolhimento proporcionado pelo CEFLI e o sentimento de pertença despertado por este grupo parecem contribuir para a saúde e o bem-estar do grupo como um todo. Apesar do ecletismo, o discurso de origem adotado pelo CEFLI também é eficaz, já que muitas pessoas se deslocam de outros estados e países e vão à Fortaleza de Luís Mendes na busca de conhecer as origens do Daime. O discurso ambientalista do CEFLI se adapta aos debates que vêm ganhando força nas últimas décadas e com isso o grupo se legitima ante ao Estado e recebe apoio do governo. O discurso ambientalista também permite que os participantes do centro se instrumentalizem através do conhecimento de plantas medicinais amazônicas. O CEFLI parece se beneficiar como um todo pela sua maior flexibilidade com rituais e dogmas se adaptando aos novos horizontes que se apresentam, mas sempre buscando os princípios básicos deixados por Mestre Irineu. Em função destes fatores o CEFLI consegue se expandir para além do núcleo familiar e sua cosmologia está presente em outros centros em Rio Branco e em outros espalhados pelo Brasil.

Os conceitos de doença e cura encontrados no CEFLI foram doença física, doença espiritual, doenças motivadas pelo sofrimento, pela tristeza, pela carência e pelo isolamento da família, tornar prisioneiro de si, se perder no mundo da ilusão, se transformar em pessoa doente, se encontrar, se abrir, desenganados, sentença, karma, missão, destino, matéria, espírito, perder energia do corpo, enfraquecer, achar que nada está bom, influencia, epidemias. Em relação às memórias acerca das atividades de cura do Mestre Irineu, pude identificar o acolhimento das pessoas que buscavam local para se instalar, cura de doenças físicas e espirituais, trabalhos na mata, cheiro do charuto, orientações para futuros trabalhos. As práticas de cura utilizadas no CELFI que identifiquei são trabalhos na mata, trabalhos de estrela, chamados expressos e silenciosos, acolhimento das pessoas, aceitação de pessoas com diversos perfis, conversa, aproveitamento do Daime, busca por manter tradições deixadas por Mestre Irineu, recebimento de práticas de cura através da miração, permissão para expressão da espiritualidade pessoal, dar as mãos, abraços, presença do Seu Luís, fala do Seu Luís, conhecimento de produtos medicinais da floresta, sustentabilidade, parto com Daime, uso de fármacos, execução de hinários que abordam de forma mais profunda a temática da cura, adoção de trabalhos já existentes e sabidamente eficazes, utilização de seleção de hinos, intermediação de seres espirituais na cura. Além do Daime, identifiquei o uso de rapé e xaropes de plantas amazônicas.

2.4-Centro Eclético Flor do Lotus Iluminado Maria Marque Vieira (CEFLIMMAVI ou Centro Maria Damião)

A primeira vez que fui a este centro foi apenas para me apresentar, pegar o cartão da *sede* e conferir o nome completo de Zé da Miriam (José Silva Souza). Neste dia eu estava acompanhado por Antônio de Macedo. Nós passamos uma segunda vez, aproveitando o fato de já estar no Alto Santo, para ver se Seu Zé da Miriam poderia conversar um pouco. Neste dia ele estava ocupado, mas deixou o telefone e disse para ligar na segunda. Dias mais tarde, Guilherme Grangeiro e Carla Soraia chegaram ao Centro Livre, vindos de Belo Horizonte e me informaram sobre o aniversário de Saturnino que ocorreria no CEFLIMMAVI. Neste dia eu estava particularmente afetado pelo campo, me sentia muito triste e via neste trabalho a oportunidade de me sentir melhor. Minha doença se assemelhava àquela citada por Saturnino. Era a distância da família, a carência e a tristeza de estar hospedado em um lugar que

frequentemente lançava críticas à minha forma de seguir a doutrina. Fui então sozinho para o trabalho, no entanto, pessoas com quem eu tenho amizade, como Vinícius, Cristiano, Seu Chagas, Dona Maria e Clóvis (participantes do Centro Livre) estavam presentes. Este foi o único trabalho do qual participei no CEFLIMMAVI.

O fato do aniversário de Saturnino ter sido comemorado neste centro evidencia os laços entre os grupos. Luís Mendes veio com os participantes da Fortaleza, assim como o Seu Emílio com os participantes do Luzeiro da Manhã. Neste dia foi cantado o hinário “Pequeninho” de Saturnino, o hinário de Holderness e por fim o hinário da *Dona Miriam*. A *sede* ficou pequena para tanta gente. Apesar do forte estreitamento entre o CEFLI e o CEFLIMMAVI, este segundo grupo não adota o cruzeiro três braços. No entanto, ao fazer o sinal da cruz, a frase “e da virgem mãe amantíssima” é acrescentada. Um momento no ritual que me chamou a atenção foi quando todos deram as mãos para cantar o hino “somos todos iguais”, de Saturnino. Vivendo no Centro Livre, uma comunidade que busca não alterar o ritual deixado pelo Mestre Irineu em 71, eu percebi que este ritual seria facilmente criticado. No entanto, para mim que buscava um alívio para a tristeza daquele dia, o contato mais próximo com as pessoas auxiliou para um maior sentimento de bem-estar. Pude ganhar conforto igualmente com as palavras de Luís Mendes ao final do trabalho. Depois de já encerrado o trabalho, vi um senhor que rezava com a mão nas pessoas em frente ao cruzeiro. É possível que este senhor não tivesse o direito de exercer esta atividade em outros centros. As pessoas faziam fila para receber as orações. Entrei na fila e pedi ao senhor que rezasse em mim. Ele fez o sinal da cruz na minha testa e pouco tempo depois levou a mão na altura do coração, onde realmente eu sentia estar precisando de conforto. Senti uma leve melhora após ter passado pela reza e nos dias seguintes senti que a tristeza foi passando.

2.5 – Conclusão sobre as práticas de saúde e cura nas linhas do Alto Santo

De acordo com as informações apresentadas acima é possível concluir que todos os centros estudados se beneficiam da proximidade dos seus comandantes com o Mestre Irineu, enquanto este estava em vida, para reivindicar a eficácia de suas práticas. O CICLU Alto Santo, ao utilizar a sede erguida por Mestre Irineu, por ser comandado pela Madrinha Peregrina e por possuir vários contemporâneos do Mestre Irineu em suas fileiras, é visto por muitos daimistas como o centro mais ortodoxo, o que busca manter o legado de Mestre Irineu

com maior fidedignidade. Neste sentido, na perspectiva de muitos seguidores do CICLU Alto Santo, a cura consiste em se alinhar cada vez mais com os trabalhos e instruções deixadas por Mestre Irineu. A alteração dos trabalhos, o uso de medicinas e outros elementos que não foram sugeridos por Mestre Irineu são vistos como danosos para saúde dos participantes deste centro.

O Centro Livre, de forma similar ao CICLU Alto Santo, busca não alterar os trabalhos deixados por Mestre Irineu. O grupo reconhece o CICLU Alto Santo como a origem do Santo Daime, no entanto, se reconhecem também como pertencente à origem. Francisco Grangeiro era o feitor oficial de Daime e Dona Adália conviveu com Mestre Irineu desde os cinco anos. O conhecimento acerca do feitio, deixado por Francisco Grangeiro garante a qualidade do Daime produzido neste centro e contato estreito do casal com Mestre Irineu garante a fidedignidade dos ritos. A cura no Centro Livre também é buscada através do alinhamento das pessoas com os rituais e instruções deixadas por Mestre Irineu. No entanto, o grupo se mostra mais aberto para a recepção de novas pessoas em comparação ao CICLU Alto Santo e a influência das outras linhas do Daime se torna visível no Centro Livre. Apesar de vários membros deste centro frequentar rituais de outras linhas, chegando a enviar caravanas para outros Estados, o Centro Livre busca não adotar rituais que surgiram após o falecimento do Mestre Irineu. A origem das doenças reside exatamente no desvio do caminho proposto por Mestre Irineu. É importante lembrar que esta visão é a hegemônica e que outras noções acerca da saúde e cura aparecem nas margens da ortodoxia. O Centro Livre parece estar contribuindo com a saúde do núcleo familiar e de um pequeno grupo que se juntou ao grupo comandado por Dona Adália, principalmente.

O CEFLI também reivindica ser um centro ligado às origens, ao Alto Santo. A figura de Luís Mendes, um contemporâneo importante do Mestre Irineu, no comando do centro, é um símbolo eficaz para que o CEFLI se afirme enquanto seguidor do legado deixado por Mestre Irineu. O alinhamento com as instruções e rituais propostos por Mestre Irineu também é visto como algo que garante a saúde dos membros desta casa, no entanto, o grupo está aberto a novos rituais sem, contudo, sentir que isso é um desvio do caminho do Mestre. A aceitação de novos rituais e a abertura para novos participantes permite que o CEFLI atenda diversas pessoas em busca da cura. Além do núcleo familiar e dos moradores de Rio Branco, o CEFLI recebe muitas pessoas vindas de outros Estados e países. A abertura do CEFLI para novos trabalhos e medicinas tem propiciado uma troca entre pessoas com diversas visões de mundo o que implica no conhecimento de novos conceitos e práticas de cura. De forma

contrária ao CICLU Alto Santo e ao Centro Livre, os participantes do CEFLI e do CEFLIMMAVI buscam sua saúde através destas novas práticas, sem, contudo, excluir as práticas já estabelecidas por Mestre Irineu.

3 – EFICÁCIA TERAPÊUTICA

Neste capítulo faço uma revisão histórica acerca do conceito de eficácia na antropologia e em seguida realizo um diálogo entre as informações de campo com as teorias antropológicas buscando responder às questões levantadas nesta dissertação. Busco analisar a eficácia das curas realizadas por Mestre Irineu assim como a eficácia das curas que acontecem durante os trabalhos de concentração e hinário. Através destas análises busco mostrar de que forma a cosmologia das linhas do Alto Santo influenciam na eficácia das práticas que buscam a cura através do consumo da *ayahuasca*.

3.1 - Algumas noções sobre eficácia na Antropologia

Na primeira metade do século XX, Rivers e Ackerknecht realizaram os primeiros estudos acerca do que chamaram de medicina indígena (LANGDON, 2007). Estes autores buscavam enquadrar suas pesquisas ao paradigma das ciências naturais e neste sentido as práticas de cura dos povos indígenas eram consideradas quase sempre falhas, uma vez que estes rituais se embasariam em leis incorretas da natureza. Para Rivers, quando existe a presença da medicina naturalista (ocidental) nestas sociedades, esta é pouca e está embutida nas matrizes de crenças mágicas ou religiosas da cultura destes povos (LANGDON, 2001). No entanto, este autor antecipou certas noções que ainda hoje são importantes para antropologia. O autor apontou que a medicina nas sociedades ditas primitivas é uma instituição social interligada a outros aspectos da cultura. Para entender estas medicinas é necessário examiná-las dentro destas culturas. Rivers se preocupava também em estabelecer esta medicina como pensamento lógico, uma vez que os ditos nativos buscavam identificar a causa das doenças antes de tratá-las. Muitos dados utilizados por Rivers foram obtidos em expedições em que o próprio autor estava presente. Embora autores como Mauss, Hubert e Lévy-Bruhl considerassem eficazes os ritos mágicos de cura, foi só na segunda metade do século XX que a ideia de que estes rituais forneciam frequentemente resultados positivos foi aceita. Antropólogos como Lévi-Strauss, Victor Turner, Geertz, dentre outros, começaram a estudar mais detidamente a eficácia destes rituais. Atualmente o diálogo entre as práticas terapêuticas indígenas, biomédicas e psicológicas vem se tornando cada vez mais comum (LANGDON, 2007).

Mauss e Hubert analisaram os relatos de diferentes sociedades ditas primitivas e adotaram o conceito melanésio de *mana* para explicar a causa das doenças, da morte, da saúde e a eficácia dos atos mágicos (MAUSS E HUBERT, 2003 [1902]). O *mana* é considerado uma força mística e material presente em todas as pessoas, coisas e atos mágicos. Os autores concebem como mágicos apenas os atos assim considerados por toda uma sociedade. É igualmente necessário que esta sociedade em sua totalidade creia na eficácia destes atos para que eles sejam assim considerados. Nesta visão, os atos concebidos como mágicos por apenas um indivíduo são tratados como supersticiosos e logo, desprovidos de *mana*. Embora Mauss e Hubert enfatizem o aspecto social da magia (representações mágicas), enfocam também os indivíduos (agentes) e os ritos (os próprios atos). Os mágicos são os indivíduos que realizam ritos mágicos. A eles cabe manipular o *mana* das coisas uma vez que é esta força que garante a eficácia dos seus atos. A eficácia dos gestos mágicos é comparada a eficácia dos gestos de um artesão (eficácia física). Ambas são eficazes, mas a primeira diferencia-se da segunda por poder agir a distância e por ter em torno de si um mundo de ideias com a presença de espíritos e outras forças ocultas. Mais tarde Mauss e Hubert foram acusados de ter cometido desvios irracionais por terem adotado o conceito de *mana* para determinar a eficácia.

Inspirado nas reflexões de Mauss e Hubert, Durkheim (2003 [1912]) discute a diferença entre eficácia das forças religiosas (eficácia moral) e das forças naturais (eficácia física). Diferentemente de Mauss e Hubert que condicionaram a eficácia ao *mana*, Durkheim propôs que a sociedade é a origem da força capaz de realizar mudanças. As religiões, assim como as sociedades e demais representações coletivas, se dão a partir da cooperação existente no espaço, no tempo e na associação de ideias, saberes, experiências e sentimentos de uma multidão de indivíduos. Para Durkheim as representações coletivas são diferentes das representações individuais. Para o autor as segundas são muito mais ricas e mais complexas que as primeiras. Os ritos suscitam, mantêm ou refazem certos estados mentais destas coletividades. Durkheim propôs que a ideia de forças naturais é derivada da ideia de forças religiosas. Para Durkheim a eficácia física é derivada ou contingente da eficácia moral (MALUF, 2013). As sociedades e religiões possuem leis e constituem um reino natural.

Influenciado por Durkheim, Lévy-Bruhl (2008[1922]) não realizou trabalho de campo e conduziu um estudo comparativo através de relatos de viajantes e missionários sobre diversas sociedades ditas primitivas da América do Norte, da Austrália, da África austral, equatorial, ocidental e oriental. Para o autor, estas sociedades atribuem a doença e a morte

menos a causas naturais e mais a ação de uma potência mística, ainda que a pessoa tenha sido picada por uma serpente, atingida por um raio ou atravessada por uma lança. O autor afirma que em geral a morte é atribuída a ação de algum feiticeiro. A serpente, a lança e o raio não levariam uma determinada pessoa à morte se não fosse ação das forças ocultas. As causas consideradas naturais na perspectiva ocidental são percebidas pelos ditos primitivos, mas estes possuem pouco interesse nestas causas, uma vez que para eles estas são apenas instrumentos de ação das forças ocultas. Os povos primitivos se contentariam em saber “porque” as coisas acontecem, mas não se importariam em saber “como” os eventos se dão. Lévy-Bruhl aponta ainda que estes povos não distinguem o mundo natural (real sensível) do sobrenatural (além). Segundo o autor estes povos vivem de fato com os espíritos invisíveis e impalpáveis. O fato de os nativos não explicarem os eventos a partir da lei de causa e efeito não se deve a uma incapacidade destes povos. Lévy-Bruhl considera que esta “mentalidade primitiva” produz uma adaptação tanto intelectual quanto física que implica no desenvolvimento de engenhosidades, da reflexão e da sagacidade para que estes povos atuem no meio de forma que atinjam os fins desejados.

Para compreender a magia e sua eficácia, Malinowski (1976 [1922]) se apoiou em seu trabalho de campo entre os Trobriandeses e buscou criar teorias gerais. Embora vários antropólogos tenham realizado trabalho de campo antes de Malinowski, este autor se consagrou por seu método que unia o trabalho teórico ao trabalho de campo. Para Malinowski, “viver numa aldeia com o único propósito de observar a vida nativa permite acompanhar repetidamente costumes, cerimônias e transações e acumular exemplos das suas crenças e do modo como são realmente vividas”. O autor incentivava além da observação a participação, muito embora reconhecesse que muitos antropólogos teriam dificuldades em realizar tal tarefa. O objetivo da pesquisa para o autor é conhecer o ponto de vista nativo, a sua relação com a vida e perceber a sua visão de mundo. O autor criticava tanto os autores que não iam a campo quanto os que permaneciam pouco tempo, embora reconhecesse parte das teorias de Frazer e Rivers, dentre outros.

Para Malinowski (1984 [1957]), os povos ditos nativos conhecem as forças naturais, consideradas profanas, e as manipulam para atingirem seus objetivos. Segundo o autor, a magia, considerada sagrada, só é evocada quando os nativos buscam manipular os eventos que estão para além de suas explicações naturais. A ideia de bruxaria só é evocada quando, apesar de todos os esforços para atingir os objetivos através da manipulação da natureza, os resultados não são alcançados. Nos casos de doenças os primitivos buscarão trata-la através

dos seus métodos científicos optando pela magia apenas nos casos em que o primeiro procedimento falha. As causas das doenças podem ser atribuídas a fatores naturais ou mágicos, dependendo do caso. Os primitivos teriam a tendência de atribuir causas mágicas para as doenças quando a pessoa acometida é alguém próximo e causas naturais para pessoa afastadas. De acordo com Malinowski, isso se deve ao fato de que as pessoas sempre consideram que estão tomando as devidas precauções para a manutenção de sua saúde ao passo que seus vizinhos mais distantes não observam tais profilaxias.

Para Malinowski (1984 [1957]) os nativos mantêm os conhecimentos científicos e mágicos separados. Segundo o autor, existem coisas que apenas a magia pode realizar, por esta razão, a magia não pode ser conhecida estudando as leis da natureza, mas sim através do estudo da tradição e do desejo dos indivíduos. Malinowski diz que um nativo não aprende magia observando a natureza e sim através de regras rígidas de filiação, iniciação e instruções mágicas. Através deste argumento, Malinowski considera equivocadas as teorias que colocam o *mana*, e outros conceitos similares, na base da magia. Para o autor estas ideias incluem todo tipo de forças e poderes para além da magia e constituem uma generalização precipitada de um conceito metafísico, importante para o conhecimento da mentalidade primitiva, mas que para os seus dados apenas abre problemas como a relação entre os conceitos de “força”, “sobrenatural” e “poder da magia”. O autor se afasta também da visão de Durkheim, na qual Deus, a força por traz das transformações no mundo, é a própria sociedade. Para Malinowski a religião tem suas fontes em grande parte no âmbito individual, a efervescência coletiva é principalmente de natureza secular, a tradição engloba o sagrado e o profano e a ideia de sociedade como alma coletiva carece de fundamentação. Para o autor a magia nunca se manifesta na força física e seus efeitos sobre as qualidades do homem são estritamente definidas e limitadas.

Malinowski (1984 [1957]) apesar de sua empatia com os Trobriandeses, considerava quase sempre ineficazes os ritos mágicos, incluindo aqueles que buscavam a cura. Para o autor os nativos seguiam acreditando na eficácia da magia porque o sucesso de um rito compensava o fracasso dos demais. Os fracassos poderiam ser igualmente explicados dentro da própria lógica da magia, por exemplo, em função da quebra de um tabu ou a pronúncia errada do encantamento. Outra razão para a crença dos nativos seria o poder dos bruxos de realizar performances convincentes. Apesar de considerar a magia ineficaz, Malinowski considera os rituais e demais práticas sagradas como modos eficientes de transmitir valores

culturais aos indivíduos, sendo essenciais para adesão à vida coletiva e para a continuidade da existência do grupo. Os ritos mágicos, assim como a religião, são principalmente controladores da moral. Malinowski concebe que a magia surge quando um indivíduo se vê tomado por uma emoção em função de um infortúnio. O indivíduo pronuncia frases e realiza gestos que revelam seu desejo de forma natural através de um mecanismo psico-fisiológico universal. Quando a tensão se desgasta em palavras e gestos, o fim desejado parece encontrar-se mais próximo e o indivíduo reconquista o equilíbrio, a harmonia com a vida. Para o autor, os rituais coletivos são variações deste impulso natural, uma vez que nos ritos mágicos a verbalização da intenção é acompanhada de uma performance emotiva. O autor afirma ainda que os rituais evocam mitos e que estes possuem uma eficácia relativa sobre as pessoas que neles creem.

Evans-Pritchard (2005 [1937]), aluno de Malinowski, buscou analisar certas proposições de Levy-Bruhl acerca da mentalidade primitiva. Diferentemente de Lévy-Bruhl e influenciado por seu professor, Pritchard conduziu seu estudo através de uma pesquisa de campo entre os Azande do atual Sudão do Sul. Para esta sociedade a doença e a morte são explicadas pela ação da bruxaria, da magia negra (feitiçaria)²³ ou a quebra de tabus. Em consonância com as percepções de Bruhl, Pritchard aponta que as relações de causa e efeito (causas naturais) são percebidas pelos azandes, no entanto, é a bruxaria ou a magia que determina se algo vai ou não acontecer. A magia branca, por sua vez, é utilizada pelos adivinhos para descobrir os bruxos responsáveis por infortúnios e para curar doenças. O rito destes adivinhos é marcado por danças e o consumo de drogas secretas produzidas a partir de plantas locais. Os Azande demonstram certo ceticismo em relação aos adivinhos baseados em suas próprias concepções de mundo, no entanto, o ceticismo em relação a alguns adivinhos aumenta a fé em outros. Um bom feiticeiro possui drogas boas e a substância chamada *mangu* em seu corpo além de seguir os ritos da forma considerada tradicional. Na opinião dos adivinhos o que cura realmente são as drogas, mas isso é um segredo da confraria dos mágicos. Para explicar a eficácia da cura Pritchard recorre principalmente a teorias sociológicas construídas em torno do conceito de tradição e a categorias psicológicas como crença. Embora não se aprofunde na química das drogas e venenos utilizados pelos Azande, Pritchard parece considerar a possibilidade de uma eficácia física (ou química) ao apontar que os adivinhos azande administram drogas na boca e nas feridas de seus pacientes. O autor

²³A bruxaria se caracteriza por matar sua vítima aos poucos, diferentemente da feitiçaria que é capaz de produzir uma morte súbita.

denuncia a prática dos adivinhos de retirar a substância bruxaria do corpo dos enfermos como um charlatanismo. A substância bruxaria é algo sólido que cresce dentro do corpo dos bruxos e estes podem enviá-la para os corpos de outras pessoas gerando infortúnios. Os adivinhos retiram esta substância do corpo da pessoa e as expõe para mostrar a causa da doença. Pritchard percebeu que, através de prestidigitações, os adivinhos enganam o público, uma vez que a substância não é retirada de dentro do corpo do doente e sim de alguma parte do corpo do adivinho. No entanto, o autor afirma que apesar da cirurgia azande ser falsa (eficácia física) a clínica (eficácia do rito) é honesta.

No primeiro capítulo de “As estruturas elementares do parentesco” ([1949]) Lévi-Strauss discute os conceitos de natureza e cultura, oposição esta debatida por todos os autores aqui citados. A forma como os autores pensam natureza e cultura está diretamente associada a como estes concebem a eficácia dos procedimentos que buscam a cura. A oposição feita até aqui entre eficácia física e eficácia dos ritos atenta para esta questão. Para Lévi-Strauss o ser humano é um ser biológico e social. Certos comportamentos dos seres humanos dependem de sua natureza e outros dependem de sua cultura, no entanto, geralmente os comportamentos são uma integração das fontes biológicas e sociais. O autor atenta para diversos tipos de comportamentos, incluindo alterações fisiológicas no corpo humano que são estimulados pela cultura. Estas alterações fisiológicas são fatores importantes para a análise de rituais de cura desenvolvida em outros textos. Lévi-Strauss estabeleceu que tudo o que é universal depende da ordem da natureza e é caracterizado pela espontaneidade. A cultura, por sua vez, está ligada a normas e apresenta atributos do particular e do relativo. Apesar disso, Lévi-Strauss propõe que a proibição do incesto é uma regra universal que ultrapassa a barreira das culturas. Ao mesmo tempo em que possui a universalidade do instinto, a proibição do incesto possuiria o caráter coercitivo das leis e instituições.

Em seu artigo, “A eficácia simbólica”, Lévi-Strauss (1975 [1949]) descreve um ritual entre os *cuna* envolvendo o tratamento de uma mulher que tivera complicações no parto. O xamã interveio através dos seus cantos, ordenando a experiência caótica e dolorosa que a mulher tivera. Lévi-Strauss sugere que o canto é um tipo de manipulação psicológica do órgão doente, e que a cura é esperada desta manipulação. O canto, os objetos e os gestos executados pelo xamã promovem uma analogia com os órgãos da mulher e seus órgãos então respondem instantaneamente aos estímulos. Não há separação entre o símbolo e o objeto (o corpo da mulher). Lévi-Strauss argumenta que uma tradição cultural compartilhada, um pensamento

mítico estrutural, a fé no xamã, assim como o processo psicanalítico de ab-reação resulta na eficácia simbólica da performance ritualística. A fé no xamã, no entanto, é relativizada por Lévi-Strauss em *O feiticeiro e sua magia* ao apresentar um poderoso feiticeiro que sempre duvidou dos métodos da feitiçaria. A ab-reação é um conceito intenso que se refere a uma vivência intensa e violenta da situação que está na origem da perturbação. Ela é observada na performance do xamã assim como nos efeitos fisiológicos no corpo da mulher. Lévi-Strauss compara a atuação do xamã e a do psicanalista e aponta que em ambos os casos a doença está fundamentada na existência de um mito (MALUF, 2013). Na psicanálise este mito é individual e na cura xamânica o mito é coletivo. A eficácia simbólica presente nas duas terapêuticas é a capacidade de induzir uma transformação no nível inconsciente que traz a compreensão da situação e a experiência de cura (LANGDON, 2007). Para o autor a cura consiste em “tornar pensável uma situação dada inicialmente em termos afetivos, e aceitáveis para o espírito as dores que o corpo se recusa a tolerar” (1975, p. 228).

Victor Turner (2005) foi outro autor que dedicou grande parte de sua obra ao estudo dos rituais, principalmente entre o povo Ndembu, do noroeste da Zâmbia. O autor assim como Lévi-Strauss, dá grande importância à manipulação dos símbolos e sua ação no nível inconsciente para explicar a eficácia dos rituais. O conceito de estrutura social também é relevante para Turner, no entanto, a anti-estrutura, ou *communitas*, ganha aqui uma importância fundamental para se compreender o processo ritual. O conceito de anti-estrutura permite abordar momentos conflituosos como a doença e analisar o seu impacto na estrutura social. O momento que melhor ilustra a anti-estrutura, segundo o autor, são os ritos de passagem, principalmente a iniciação, muito embora as práticas de cura também apresentem as mesmas características. A anti-estrutura é vivenciada principalmente na segunda fase dos ritos de passagem, conhecida por liminaridade.

O período liminar se inicia após a separação de uma pessoa ou de um grupo da estrutura social para que posteriormente possa ser reagregado à mesma, mas já em outro estado (TURNER, 2005). A liminaridade é um momento em que a pessoa se encontra *Betwixt and Between* (nem lá nem cá). Ela ainda não é um iniciado, mas já está vivenciando processos não conhecidos pelos leigos. Esta condição faz com que a pessoa liminar seja considerada impura, pouco clara e imprecisa. Para que um neófito se torne puro como um iniciado é necessário que os valores da estrutura social sejam reforçados durante seu período liminar. Para isso os neófitos são submetidos à autoridade absoluta dos anciãos e vivenciam performances carregadas de simbolismo. A comunidade ou comunhão de indivíduos

submetidos à autoridade de anciãos rituais é o que Turner chama de *communitas* ou anti-estrutura. Os símbolos utilizados na liminaridade são multivocais, carregados de emoção e promovem a ação dos indivíduos. No entanto, como o autor considera as pessoas agentes conscientes, estes símbolos podem ganhar novos significados durante o período liminar e impactar a estrutura social quando do retorno dos neófitos à sociedade secular. Os símbolos eficazes promovem a transformação tanto da estrutura social quanto dos indivíduos. Estas transformações podem ser a passagem do estado de má para boa saúde.

Turner (2005) manteve a diferenciação entre natureza e cultura argumentando que a primeira existe independentemente da atividade e experiência dos homens. Os sistemas culturais, ao contrário, dependem de agentes humanos conscientes e volitivos e das relações continuadas e cambiantes estabelecidas entre estes. Estes dois níveis estão em constante interação uma vez que as estruturas individuais e de grupo estão na cabeça (pensamento) e no “sistema nervoso” (natureza) das pessoas impondo a elas um grau de ordem. Não é por acaso que Turner divide os referentes dos símbolos rituais em fenômenos fisiológicos (natureza) e valores normativos (cultura). O autor afirma que a dança, a festa, a pintura corporal, as roupas, o uso de álcool ou alucinógenos, dentre outros, ocasiona uma troca na qual os referentes biológicos são enobrecidos e os referentes normativos são carregados de significado emocional. Os referentes fisiológicos, ou biológicos, relacionam-se com a vontade, desejo, apetite e sentimento das pessoas e podem reforçar nestas o desejo de obedecer às regras sociais. Turner explica que esta troca de qualidades estabelece uma relação de direitos entre sentimentos involuntários e exigências da estrutura social tornando o que é desejado pelo indivíduo o mesmo que é socialmente necessário. O comportamento simbólico do ritual cria a sociedade (estrutura e anti-estrutura) impelindo não apenas o pensamento, mas também a ação.

Jeane Favret-Saada (2005) pesquisou a feitiçaria na região do Bocage (França) através de um método de pesquisa pouco alinhado aos modelos de etnografia até aqui apresentados. A autora critica antropólogos como Evans Pritchard por utilizar noções como “verdade”, “observável”, “real”, “fato”, “ato” e “comportamento”. De acordo com Favret-Saada, estas noções servem para invalidar as teorias nativas e reduzi-las aos conceitos opostos como o “inobservável”, o “erro” e a “crença”. Para a autora a etnografia é uma espécie de alinhamento entre programas de verdade (GOLDMAN, 2005). A autora se opõe também a Malinowski e ao conceito de empatia como a experiência dos sentimentos, percepções e

pensamentos de outra pessoa. De acordo com Favret-Saada (2005) a empatia pressupõe distancia, pois é justamente pelo fato de não estar no lugar do outro que o autor busca representar o que é estar lá. Favret-Saada critica também a noção de observação participante afirmando que esta ideia enfatiza o antropólogo enquanto observador. A autora propõe a noção de participação observante, na qual a participação passa a ser enfatizada. A autora não busca encontrar o ponto de vista do outro através da empatia, mas propõe colocar-se no mesmo lugar do nativo, isto é, ocupar um lugar dentro de uma rede e ser afetada pelas mesmas intensidades. Ao se permitir ocupar este lugar e se deixar agitar pelas sensações, percepções e pensamentos, Favret-Saada estabeleceu uma relação com os nativos através de uma comunicação involuntária e não intencional que considera mais rica que a simples troca verbal. Estas relações, que em etnografias passadas eram camufladas para parecerem comunicações verbais intencionais, adquirem estatuto epistemológico para Favret-Saada. A maneira como as relações se estabelecem resultam em afetos que podem estar além ou aquém de uma representação. O cientista deve ser suficientemente maleável para ver suas certezas se quebrarem e para deixá-las se transformar pelos afetos vivenciados em campo.

Favret-Saada (2005), antropóloga e feiticeira ao mesmo tempo, propõe uma teoria na qual a eficácia terapêutica é análoga à eficácia das teorias antropológicas. Em ambos os casos os resultados dependem dos afetos representados por feiticeiros e antropólogos. Os afetos não representados estão na origem das doenças e a eficácia terapêutica, quando ocorre, é resultado de um trabalho realizado sobre os mesmos. Para a autora a vitória sobre a crise depende de um dispositivo que afeta as pessoas, mas que não pode ser observado. Esse dispositivo, que também pode ser chamado de inconsciente, se refere à opacidade que as pessoas possuem frente a si mesmas e deve, segundo Favret-Saada, ser colocado no centro das análises da antropologia das terapias. A autora aponta que no Bocage o feiticeiro agia como um duplo (representa o inconsciente) para os seus clientes auxiliando a vítima da feitiçaria a representar seus afetos e a combater os seus inimigos (GOLDMAN, 2005). A ideia de inconsciente neste contexto não se presta a representar a população nativa como pessoas sem consciência dos seus atos, mas o contrário. Os desenfeitadores conhecem bem estas intensidades, o antropólogo é quem deve deixar-se afetar para que possa compreender esta força eficaz.

Marilyn Strathern (2013) reflete sobre a eficácia das teorias antropológicas, tema que neste momento se torna de grande importância para o presente trabalho uma vez que a analogia entre a eficácia das teorias e a eficácia dos ritos de cura foi apresentada. Para a autora, a eficácia das teorias está no jogo de contextos que cada autor realiza entre os grupos

representados e os leitores e, também, entre o autor e seu tema. Resgatando a obra de Frazer, Strathern aponta que este autor escrevia para um grande público de leitores não antropólogos. A autora afirma que a celebridade de Frazer era um espantoso fenômeno. A obra deste autor teve efeitos não apenas sobre o seu tempo, mas ainda ecoa entre os antropólogos contemporâneos, seja para resgatá-lo ou para negá-lo. Strathern aponta que Frazer se dirigia a leitores cristãos europeus que julgavam muito estranhos os comportamentos do povo judeu descrito na Bíblia e não conseguiam compreender como aquele povo podia ser eleito por Deus. A obra de Frazer foi eficaz ao tornar coerentes os hábitos judeus para seus leitores, ao propor e demonstrar como estes hábitos são recorrentes em diversos povos ditos primitivos. Dessa forma, os judeus da Bíblia seriam a representação de uma espécie do passado, similar a povos primitivos que vivem no presente. O pensamento evolucionista era preponderante na época e Frazer deve parte da eficácia da sua teoria à adoção das ideias vigentes à época, ao invés de buscar afastar-se das mesmas. Beneficiando das ideias em voga, Frazer foi eficaz em apresentar suas novidades.

Ao abordar a eficácia das teorias, Strathern (2013) está preocupada em como os contextos são analisados no momento da escrita e como os contextos de produção de uma obra são ou não devidamente relevados em sua apropriação por gerações posteriores. Strathern aponta que em cada época, existe uma forma preponderante na antropologia para falar sobre o outro. A cada novo estilo as relações entre a tríade observador/observado/leitor sofre profundas mudanças. Segundo a autora, Frazer escrevia para um grande público de não antropólogos e as obras de Malinowski foram voltadas principalmente para os antropólogos. Strathern aponta que em tempos mais recentes existe uma maior preocupação em produzir textos voltados também para os grupos com os quais e dos quais falamos. Para a autora, estas descrições requerem a construção de uma ficção persuasiva. Ficção para Strathern não se relaciona a algo falso, mas a estratégias literárias específicas. Nem o estilo científico nem o estilo literário, podem evitar completamente a ficção. De acordo com a autora, o texto etnográfico é sempre literário, porque busca um efeito (eficácia) sobre o leitor. Na produção de texto o antropólogo sempre joga com contexto, mas para Strathern este jogo necessita de regras. Para a autora os autores não podem modificar ou distorcer fatos aparentes com vista a produzir um efeito particular. Strathern defende que o antropólogo deve ter um engajamento profundo com aqueles sujeitos sobre os quais e com quem falam. De forma similar a Favret-Saada, Strathern sugere que as ideias (representações) eficazes não podem divorciar-se de relacionamentos.

Baseado nas ideias de Despret e Stangers, também em estreito diálogo com os conceitos de Favret-Saada e Strathern, Bruno Latour (2009) propõe uma abordagem para se pensar natureza e cultura. Para o autor a realidade (natureza) e a artificialidade (cultura) são sinônimos, não antônimos. As transformações que ocorrem no mundo (eficácia) não são pensadas apenas como causas naturais ou culturais. O autor não nega a existência da unidade (natureza), mas afirma que as unificações devem ser feitas com muito cuidado. A eficácia se deve a boas articulações que possuem uma posição, mas não possuem uma autoridade. Latour se opõe tanto a ideia de distanciamento quanto de empatia, conceitos esses que podem ser usados para justificar a autoridade dos cientistas. De acordo com Latour, a explicação científica não pode servir para validar certas teorias e invalidar outras. Por isso as articulações, além de possuírem uma posição e não possuírem autoridade, devem também ser capazes de formar composições. As proposições não podem ser rígidas, elas devem ser capazes de se combinar. Teorias bem articuladas são afetadas, influenciadas e postas em movimento pelas diferenças. No entanto, proposições mal articuladas são chatas, repetitivas, redundantes, deselegantes, meramente corretas e estéreis. Tais proposições são autoritárias e excluem outras formas de saber.

Uma das consequências da teoria de Latour (2009) para a antropologia e para a compreensão da eficácia dos rituais de cura é a forma como a pessoa e o corpo são vistos nesta concepção. O corpo para Latour é a aprendizagem de ser afetado, “ou seja, movido, posto em movimento por outras entidades, humanas ou não-humanas”. Um sujeito só se torna interessante, profundo ou válido quando é afetado, influenciado por novas entidades cujas diferenças se registram de forma inesperada. Ao definir corpo desta maneira, Latour se afasta de ideias de corpo como essência ou substância. O meio sensorial e o meio sensível são produzidos à medida que humanos e não-humanos vão progressivamente adquirindo corpo. O autor aponta que encarar o corpo apenas biologicamente sempre remeterá a sua compreensão à fisiologia e à medicina. A doença ou a morte não são apenas questões fisiológicas. Para Latour, um corpo morto é aquele que não participa da aprendizagem de ser afetado e não é posto em movimento pelas diferentes entidades humanas e não-humanas. De forma análoga a Favret-Saada, Latour atribuiu a eficácia das teorias científicas, assim como a saúde do corpo, aos afetos.

Latour dá grande ênfase a agência dos não-humanos em sua teoria. Para o autor os não-humanos são parte integrantes do coletivo²⁴. Na perspectiva de Latour os não-humanos deixam de ser meros intermediários que transportam e refletem a ação humana e passam a ser mediadores da ação. Segundo o autor, um intermediário transporta o significado ou a força sem ocasionar transformações, diferentemente dos mediadores que alteram, distorcem e modificam o significado daqueles que estão representando. Os não-humanos não se comportam da forma esperada ou desejada pela ciência, diferente dos seres humanos, que quando confrontados pela ciência, frequentemente produzem resultados redundantes. A ação não é totalmente controlada pela consciência e deve ser definida como um conjunto de agências que são surpreendentes e que vão sendo desenredadas à medida que as ações acontecem (CAMILLIS; BUSSULAR; ANTONELLO, 2016).

Eduardo Viveiros de Castro (1996), a partir da comparação entre diversos povos ameríndios, expõe a maneira que os humanos, animais e espíritos veem a si mesmo e aos outros, assim como a concepção ameríndia de natureza e cultura. Para estes grupos, de forma geral, natureza e cultura não representam os mesmos conteúdos e nem o mesmo estatuto que os ocidentais. Natureza e cultura não são províncias ontológicas, mas indicam contextos relacionais, perspectivas móveis e pontos de vista. Para o autor o perspectivismo ameríndio concebe a existência de diversas naturezas e uma só cultura (multinaturalismo), ao contrário do relativismo cultural, que pressupõe a existência de uma só natureza e diversas culturas (multiculturalismo). Abaixo Viveiros de Castro demonstra como, no perspectivismo ameríndio, a natureza pode ser mutável ao passo que a cultura permanece a mesma.

Tipicamente, os humanos, em condições normais, veem os humanos como humanos, os animais como animais e os espíritos (se os veem) como espíritos; já os animais (predadores) e os espíritos veem os humanos como animais (de presa), ao passo que os animais (de presa) veem os humanos como espíritos ou como animais (predadores). Em troca, os animais e espíritos se veem como humanos: apreendem-se como (ou se tornam) antropomorfos quando estão em suas próprias casas ou aldeias, e experimentam seus próprios hábitos e características sob a espécie da cultura — veem seu alimento como alimento humano (os jaguares veem o sangue como cauim, os mortos veem os grilos como peixes, os urubus veem os vermes da carne podre como peixe assado etc.), seus atributos corporais (pelagem, plumas, garras, bicos etc.) como adornos ou instrumentos culturais, seu sistema social como organizado do mesmo modo que as instituições humanas (com chefes, xamãs, festas, ritos etc.).

²⁴Associação momentânea, caracterizada pela maneira como se reúne as novas formas.

Viveiros de Castro (1996) aponta que a ideologia do xamanismo é a ideologia de caçadores, na medida em que os xamãs administram as relações entre os humanos e os componentes espirituais extra-humanos. Os seres não-humanos, neste contexto, possuem corpos, agência e intencionalidade consciente. Corpos aqui não são definidos fisiologicamente, mas pelo conjunto de seus afetos. Os seres não-humanos, dependendo da relação que estabelecem com os humanos, podem promover benesses ou provocar infortúnios. Os xamãs são capazes de adotar um corpo não-humano para se relacionarem com estes seres e influenciar suas ações. O trabalho de formação (ou performance) do corpo do xamã é feito ao longo de sua vida. Para se tornar um xamã, uma pessoa se dedica a performar um corpo diferenciado através de jejuns e outras práticas. O corpo de um xamã é o que o diferencia das demais pessoas, assim como os corpos de uma determinada comunidade indígena é o que a diferencia de outros grupos. As roupas e máscaras rituais utilizadas pelos xamãs são instrumentos eficazes que permitem a mudança do contexto relacional (corpo) mais que uma simples fantasia. Os xamãs são mestres em esquematizar, em comunicar e administrar perspectivas cruzadas. Eles tornam sensíveis os conceitos ou inteligíveis as intuições. Coutinho (2014) estudou a relação estabelecida entre um xamã kaxinawa e uma psicóloga junguiana. Baseado na obra de Viveiros de Castro, Coutinho demonstra como a prática terapêutica se desenvolve através do efeito *equivocal homonyms*, no qual determinadas palavras como a serpente *yube* e o conceito de inconsciente podem ressoar um sobre outro, sem significar exatamente a mesma coisa, contudo.

3.2 - A eficácia dos procedimentos de cura do Santo Daime

Neste tópico analiso a eficácia das curas realizadas por Mestre Irineu, assim como a eficácia das curas que ocorrem nos rituais de concentração e durante o hinário do Mestre Irineu. Através das curas realizadas por Mestre Irineu analiso a eficácia das curas que ocorreram no passado e através da análise dos rituais busco evidenciar como curas podem ocorrer atualmente no Santo Daime.

3.2.1 -A eficácia das curas do Mestre Irineu

De acordo com os relatos apresentados nesta dissertação as curas realizadas por Mestre Irineu utilizando o Santo Daime eram eficazes, pois produziam os efeitos almejados pelas pessoas, ou seja, a cura. A eficácia do Santo Daime é um pressuposto que os membros da doutrina carregam. O Daime era igualmente efetivo, uma vez que ele era administrado de forma eficaz no mundo real. O Daime era também eficiente uma vez que era gratuito e acessível para quem procurasse.

Os relatos acerca das curas realizadas por Mestre Irineu evidenciam que a visão de mundo (cosmologia) compartilhada por seus seguidores influenciou na eficácia destes procedimentos. Ao que consta, Mestre Irineu curou diversas pessoas, notadamente os imigrantes nordestinos que vieram para o Acre trabalhar nos seringais durante os Ciclos da Borracha. Cabe lembrar que Mestre Irineu também era um imigrante maranhense que veio para o Acre, possivelmente motivado pelo primeiro Ciclo da Borracha. Os imigrantes nordestinos representavam a maior parte das pessoas as quais Mestre Irineu posteriormente veio a chamar de Irmãos. O fato de Mestre Irineu compartilhar uma origem, uma história e uma visão de mundo com as pessoas em seu entorno permitiu que ele oferecesse uma explicação acerca da origem das doenças (diagnóstico) e tratamentos através de uma representação coerente e eficaz para seus seguidores.

É importante ressaltar, no entanto, que Mestre Irineu estava em transito intenso desde muito jovem e estabelecia relações com pessoas de diferentes grupos sociais e obtinha o respeito de muitos deles. Mestre Irineu era negro e possivelmente conheceu o Tambor de Crioula e o Tambor de Mina no Maranhão, mas nesta época ele também passou a se relacionar com o militarismo ao entrar para o exército, conhecendo assim muito dos alçozes das culturas de matriz africana. Mestre Irineu aprofundou seus conhecimentos militares no Acre, mas ao invés de perseguir os grupos negros e ayahuasqueiros, ele utilizou destes conhecimentos e relações para proteger o grupo que se formava em torno dele. A capacidade para defender o seu grupo parecia vir de um conhecimento preciso acerca das forças inimigas. Mestre Irineu conhecia também às teorias esotéricas através do CECP além do espiritismo e da Umbanda através de Sebastião Mota e Daniel Pereira de Matos. As diversas relações estabelecidas por Mestre Irineu permitiu que ele tivesse conhecimento de distintas práticas de

cura, aumentando o seu repertório técnico. Desde que chegou ao Acre, Mestre Irineu conheceu ao menos um indígena e aprendeu técnicas de cura com o mesmo durante o tempo em que trabalhou na comissão de limites. Mestre Irineu estabeleceu relações também com xamãs mestiços peruanos na época em que conheceu a ayahuasca. Mestre Irineu tinha igualmente a capacidade de se relacionar com seres do mundo espiritual. A capacidade que Mestre Irineu tinha de transitar entre estes diferentes universos parece ter contribuído para a eficácia das curas que realizava. Através do contato com Vegetalista, Mestre Irineu conheceu muitas das técnicas comuns ao universo indígena amazônico que utilizou posteriormente no Santo Daime. O contato com os seres espirituais proporcionava conhecimento, respeito e a possibilidade de Mestre Irineu negociar uma cura com os mesmos. Vimos também que as boas relações que Mestre Irineu estabelecia com políticos e militares protegia o grupo das perseguições do Estado brasileiro. A diversidade das relações estabelecidas por Mestre Irineu resultou na inclusão de pessoas de diferentes contextos sociais em sua doutrina, apesar da preponderância de imigrantes nordestinos naquela época. Dessa forma, militares e políticos também passaram a fazer parte da Irmandade. A diversidade de elementos culturais que configuram o Santo Daime permitiu que pessoas com diferentes visões de mundo pudessem encontrar uma coerência dentro da cosmologia proposta por Mestre Irineu. Indígenas, católicos, umbandistas, espíritas e esoteristas encontram frequentemente elementos de suas tradições no Santo Daime e se beneficiam destas identificações na busca pela cura.

O CRF, grupo que Mestre Irineu fazia parte, nos dá uma amostra de como os líderes religiosos daquela época eram capazes de transitar entre diversas perspectivas. Para que o ritual pudesse acontecer dentro dos seringais, os comandantes do ritual precisavam reforçar os valores desta localidade, mas ao mesmo tempo inspiravam o desejo de liberdade nos seringueiros. Em outras palavras, era preciso conhecer a perspectiva de seringueiros e seringalistas. Assim, os seres espirituais enviavam suas comunicações de forma que fossem compreendidas diferentemente por estas pessoas. Em uma das comunicações de um Ser que se apresenta como a Vossa Delatada da Floresta, a frase “cada um de vós só paga o que deves” chega aos ouvidos do seringalista como uma cobrança aos seringueiros, mas pode ser interpretada pelos seringueiros como a não obrigação de pagar o que não deve. O seringalista pode compreender também que ele não deve cobrar de ninguém aquilo que a pessoa não deve. Cabe lembrar que grande parte das pessoas que se juntaram posteriormente a Mestre Irineu eram seringueiros em busca de melhores condições de vida. Vejamos a comunicação da Vossa Delatada da Floresta na íntegra, encontrada em documentos do CRF:

Aqui estamos, Irmãos.

- 1 – Atendendo o vosso chamado
- 2 – Temos o prazer de dizer para nós não há tempo afastado
- 3 – Nos achamos sempre revestidos de vontade
- 4 – O que mais desejamos é ver nosso mundo iluminado
- 5 – Porém a maioria dos homens se julgam caçados.
- 6 – Bom isto estão provando tudo quanto nós temos ensinado
- 7 – A transformação da Terra está sendo conduzida pelos nossos vizinhos do lado.
- 8 – Revistam-se de coragem, não temam aquilo que é esperado.
- 9 – (frase riscada)
- 10 – A verdade é: tem faculdade para a matéria.
- 11 – Pratique o que lhe convier
- 12 – Cada um de vós só paga o que deve
- 13 – Não existe mal sem bem
- 14 – Não há mal sem paradeiro
- 15 – Espírito bom não se vinga, porém castiga.
- 16 – Só chegamos até aqui.
- 17 – Nós vamos retirar

A Vossa Delatada da Floresta
(MOREIRA; MACRAE, 2011)

As passagens de Germano Guilherme e Antônio Gomes são representações que permitem que os daimistas considerem o Daime eficaz ainda que ele não remova um sintoma e nem evite a morte. A doutrina de Mestre Irineu ajudou Germano Guilherme e Antônio Gomes a aceitar o processo que estavam passando e forneceu uma cosmologia na qual eles podiam buscar as suas curas espirituais. A cura espiritual se relaciona a um alinhamento da pessoa às normas éticas do Santo Daime. O falecimento destes personagens, no lugar de representar a ineficácia do tratamento através do Daime, representa a eficácia e possui um poder simbólico que leva pessoas condenadas a morte a se sentirem curadas.

A cura realizada no Seringal Empresa retirando a capanção da água (ver capítulo 1), revela que Mestre Irineu, além de tratar do espírito, possuía grande conhecimento das plantas locais e dos benefícios e malefícios que as mesmas poderiam trazer. É necessário, no entanto, saber a relação que Mestre Irineu possuía com esta planta. Este conhecimento poderá revelar questões acerca da cura para além da toxidade ou da ação benéfica das plantas. É interessante notar que Mestre Irineu, quando recorria a medicamentos de farmácia, nem sempre fazia a mesma leitura que os farmacêuticos acerca dos mesmos. Para curar a malária de Dona Percília, Mestre Irineu indicou pílulas de ararém. Estas pílulas são compradas em farmácia,

mas não são vendidas com a finalidade de se tratar a malária. A eficácia das curas parece transcender o plano meramente físico ou químico.

Na última década de sua vida, Mestre Irineu desenvolveu os rituais de mesa, para esconjurar e confundir maus espíritos. Vejamos uma das orações contidas neste ritual.

Oração – Aqui tendes a cruz do Nosso Senhor Jesus Cristo, a cruz da qual depende a nossa saúde e a nossa vida, nossa ressurreição espiritual, a confusão de todos os demônios e maus espíritos. Fugi, pois, marchai daqui demônios, inimigos conjurados dos homens, em nome de Jesus Cristo, porque eu vos esconjuro, demônios infernais, espíritos malignos, qualquer que sejas, presente ou ausente, sob qualquer pretexto, chamados ou combinados, por vossa vontade ou forças, ameaças, artifícios de homens ou mulheres más, morando ou por habitar; eu vos esconjuro outra vez, por temerários e obstinados que sejas em obedecer e deixar essa criatura (nome) filha de Deus, redimida de Deus e pertencente a Deus (COUTO, 1989).

É interessante notar que o texto utiliza a palavra “confusão”. Durante quase todo o texto Mestre Irineu se dirige a pessoa na segunda pessoa do plural (vós)²⁵ e com palavras associadas ao mal como demônios e espíritos malignos. Ao final do texto Mestre Irineu confunde a pessoa ao dizer a frase “por temerários e obstinados que sejas em obedecer deixar essa criatura”. A pessoa já estará no lugar de vós (se identificando como o ser a quem Mestre Irineu se dirige), então quando alguém lê a palavra “temerários”, o mau espírito pensa “sou eu”, quando o texto diz “e obstinados” o espírito pensa “sou eu” e quando o texto diz “a obedecer”, o espírito se confunde e pensa “sou eu” e acaba obedecendo e deixando a pessoa em paz. Esta oração é semelhante ao trabalho de caça. As armadilhas são exemplos de como os caçadores são capazes de atrair suas presas antes de captura-las. O espírito é “pego no contrapé”, da mesma forma que é “pego no contrapé” da marcha alternada do hino “Linha do Tucum”, cantado em trabalhos de mesa, mas também cantado no hinário. Neste hino a marcha do bailado muda nos dois últimos versos confundindo muitas pessoas, principalmente as pessoas que não fazem parte da Irmandade. Cabe lembrar que no trabalho de mesa este hino não é bailado. Suponho que a eficácia destas curas esteja na capacidade do oficiante em jogar com as palavras e gestos e demais representações de forma a atrair a atenção do espírito para em seguida lograr a sua obediência. É interessante notar que logo após a frase “por temerários e obstinados que sejas em obedecer deixar essa criatura”, a oração se dirige à pessoa chamando-a pelo seu próprio nome, não mais como demônio.

²⁵ Pode significar que Mestre Irineu sabe que o demônio responde quando tratado por vós. Pode ser uma maneira de enganá-lo demonstrando respeito.

A partir do que foi apresentado acima concluo que a cosmologia desenvolvida por Mestre Irineu influencia a eficácia das práticas que buscam a cura através da ingestão do Santo Daime de várias formas. Primeiramente ressalto o fato dessa cosmologia já pressupor a eficácia do Santo Daime. Outro fator que contribuía para eficácia das curas era o grande conhecimento empírico que Mestre Irineu possuía acerca da fauna amazônica e sobre os efeitos das plantas nas pessoas. Esta cosmologia também influencia a eficácia dos tratamentos de cura por ser ela mesma uma representação eficaz. Através de uma linguagem compreensível aos imigrantes nordestinos, Mestre Irineu desenvolveu representações eficazes que afetavam os pensamentos, sentimentos, sensações e percepções de seus seguidores. A eficácia se deve igualmente à capacidade do Mestre Irineu em transitar entre diferentes perspectivas. Este trânsito permitiu que a cosmologia criada por ele afetasse pessoas de distintas origens, raças e religiões, assim como lhe deu a habilidade para levar estas pessoas de uma perspectiva de doente para uma perspectiva de curado.

3.2.2 – A eficácia do rito de concentração

O trabalho de concentração é comum a diversas tradições do Daime, apesar das diferenças na execução do rito. Os grupos compartilham, ao menos, o fato de tomar Daime e fazer um longo intervalo de silêncio, rezar e cantar os hinos novos do Mestre Irineu. A análise do ritual de concentração permite ilustrar como curas acontecem atualmente, embora este modelo possa ser elucidativo também para os rituais que aconteciam quando Mestre Irineu ainda estava presente.

Os participantes chegam quase todos *fardados* para o ritual de concentração e passam a seguir gestos relativamente padronizados. As pessoas que não estão devidamente preparadas para o ritual, assim como os iniciantes, se revelam a partir de erros cometidos na execução do ritual. Há um momento de silêncio por uma hora e meia, no qual as pessoas se assentam com a mão na coxa e a coluna ereta. O silêncio parece favorecer uma mudança de perspectiva nas pessoas uma vez que pequenos detalhes no movimento corporal, em sons, em cheiros e pensamentos se tornam mais evidentes. O que estava opaco vem à luz. Algumas pessoas que estão passando por vivências intensas podem retirar a mão da coxa e cruzarem os dedos, cruzarem as pernas, curvarem a coluna, tremerem ou mesmo sair correndo, se colocando

assim em evidência. Muitas vezes a respiração se torna mais ofegante podendo surgir gemidos, desmaios, vômitos e diarreias. Estes sintomas e comportamentos revelam para o Irmão e para outros membros da comunidade que aquela pessoa precisa trabalhar algo dentro de si. O que estava oculto se torna facilmente notado, pois se manifesta de forma abrupta enquanto todos estão em silêncio. O que era invisível se torna visível através do contraste produzido pelo ritual. Ao jogar luz sobre aquilo que estava opaco, as pessoas vivenciam questões de suas vidas que precisam ser mudadas e sentem as consequências negativas de seus comportamentos através do mal estar e de mirações. Ao tomar consciência dos seus erros, cabe à pessoa mudar o seu comportamento ou continuar sofrendo. A prática da concentração ensina as pessoas a terem firmeza para controlar as mudanças frequentes nas percepções, sensações e sentimentos e por isso as pessoas mais experientes tendem a sofrer menos durante os rituais. Estas pessoas também atravessam momentos difíceis, no entanto, já estão treinadas para permanecerem firmes. Em função desta firmeza, as pessoas mais experientes da casa estão assentadas junto à mesa de centro, se colocando assim em grande evidência. O ritual traz a luz as pessoas que estão firmes e as pessoas que estão esmorecidas. As pessoas que estão firmes funcionam como um exemplo de pessoa curada para aqueles que se sentem esmorecidos.

3.2.3 - A eficácia do trabalho de hinário do Mestre Irineu

Assim como o rito de concentração, o hinário do Mestre Irineu é executado em centros de todas as linhas do Santo Daime. A análise deste ritual permite ilustrar como curas acontecem atualmente no Santo Daime, assim como aconteciam no passado.

Os rituais no qual o hinário de Mestre Irineu é “executado” consistem basicamente em tomar Daime e cantar todos os hinos (com a exceção de poucos) na sequencia cronológica aproximada que eles foram recebidos. Em seu hinário, Mestre Irineu (primeira pessoa) informa aos Irmãos as atitudes necessárias para ter saúde. Durante o ritual as pessoas são enfaticamente motivadas a cantar e prestar atenção nos hinos. Durante o ritual de hinário, a pessoa que não cumpre na vida cotidiana o que diz a primeira pessoa, não conseguirá se identificar com a mesma e adotará a perspectiva de outra pessoa. A atitude mais saudável parece ser a identificação com a primeira pessoa durante todo o ritual e também na vida

cotidiana. Quando a primeira pessoa afirma “Minha mãe é a Santa Virgem” (Hino “A minha mãe é a Santa Virgem”), apenas as pessoas que se identificam como filhos dela (nós) são primeira pessoa da frase, juntamente com Mestre Irineu. Em diversos momentos os fardados não adotarão nem a perspectiva de “eu” nem a perspectiva de “nós”. Quando Mestre Irineu pergunta “porque veio me enganar?” (Hino Ripiripi) o enganador é “você” e os enganadores são “eles”. Quem se identifica com a primeira pessoa adotará a perspectiva de alguém que fala aos enganadores. Quem se identifica com a terceira pessoa do plural, neste caso, adotará a perspectiva de um enganador.

É possível associar cada pronome a diversos problemas de saúde que as pessoas enfrentam no Daime. Eu e Nós são pronomes relacionados a seres que já estão curados. São estes pronomes que ensinam e que são exemplos de um comportamento adequado para ter saúde. Pessoas que possuem problemas relacionados ao não cumprimento da doutrina frequentemente se colocarão no lugar da segunda pessoa do singular ou da terceira pessoa do plural. O pronome “tu” e “eles” está relacionado à maior parte das doenças vivenciadas no Santo Daime, como depressão, a perda de movimentos, câncer e problemas cardíacos. As únicas doenças que parecem estar fora destes pronomes são casos de psicose. Pessoas que se identificam com o pronome “ele”, “ela” ou “vós”, quando estes se referem aos seres divinos, são frequentemente diagnosticadas como esquizofrênicas.

O ritual de hinário é como um jogo de perspectivas no qual a primeira pessoa conhece todas as pessoas. O conhecimento transmitido através dos hinos é muito peculiar, pois quem os criou sabia que eles seriam cantados por outras pessoas e que diversos pontos de vista surgiriam. Para que o hino tenha eficácia, o transmissor deve conhecer bem o ponto de vista da pessoa que está cantando. Era preciso compreender que as pessoas para as quais ele se dirigia poderiam se colocar no lugar da primeira pessoa, já que estariam elas mesmas afirmando as frases enviadas. Em seu hinário Mestre Irineu se coloca principalmente como servo de Deus e da Rainha e apenas de forma indireta como o próprio Jesus Cristo. Ao enviar frases como “devo amar aquela luz” (Hino “Devo amar aquela luz”) o transmissor sabia que as pessoas que estariam cantando o hino e que poderiam compreender que elas mesmas deveriam amar aquela luz. Caso o transmissor enviasse uma frase como “você deve me amar” os participantes do ritual que adotam o ponto de vista “eu” estariam dando uma ordem para outras pessoas amá-las. Este jogo de perspectivas parece estar no cerne de várias curas que acontecem no Daime.

Baseado no hinário “O Cruzeiro”, é possível identificar três planos nos quais os participantes podem transitar. O primeiro é o firmamento, formado por seres divinos. Os seres humanos geralmente estão na terra (segundo plano), mas, de acordo com a firmeza de cada pessoa, os seres humanos podem transitar entre o firmamento (primeiro plano) e o mar da escuridão (terceiro plano). O mar da escuridão é um plano de aflição, escuro, sombrio, terrível no qual os seres que ali vivem não podem enxergar (Hino “A virgem mãe que me ensinou”). A primeira pessoa do hinário leva quem a acompanha para todos estes planos. As pessoas que se identificam com outros pronomes podem estar na terra ou no mar da escuridão, mas jamais nas alturas. A eficácia das curas parece depender da capacidade da pessoa se manter concentrada na primeira pessoa e de transitar entre os três planos. Ao penetrar o mar da escuridão as pessoas podem descobrir elementos até então ocultos que podem auxiliá-las em sua cura. Estes elementos podem ser, por exemplo, desvios das normas daimistas que a pessoa havia esquecido que cometera. Ao iluminar o que estava escuro, o daimista pode mudar o seu comportamento e chegar a níveis cada vez mais altos.

A cura para todas as doenças consiste em levar o ponto de vista das pessoas para o “eu”. As pessoas que adotam a perspectiva da segunda pessoa do singular e da terceira pessoa do plural passam mal durante os rituais e isso pode variar de um leve constrangimento a uma viagem ao mar da escuridão. Ao entrar em contato com o sofrimento, estas pessoas compreendem que o mal estar no ritual e na vida está relacionado a alguma atitude que precisa ser mudada. Dessa forma, as dores que nem sempre podem ser superadas são aliviadas em função da coerência que a cosmologia daimista oferece. Ao mesmo tempo, a possibilidade da cura motiva as pessoas a seguirem as normas da doutrina e assim serem vistas dentro do coletivo como uma pessoa curada. A maior parte das doenças enfrentadas no Daime se relaciona com estes pronomes (tu, eles). Câncer, acidentes de carro, acidente com ferramentas de trabalho, depressão e abuso de drogas são alguns exemplos. Nestes casos os daimistas frequentemente atribuem a doença a algum comportamento desviante.

As pessoas que adotam o ponto de vista de vós ou de ele/ela quando estas pessoas se referem ao ser divino (casos de psicose), acreditam que são deuses, mas não são reconhecidas como tal pelo coletivo. A conexão saudável das pessoas com o divino (vós) se dá através da primeira pessoa (eu), que também é considerada divina. É possível que as pessoas que acreditam ser Deus se beneficiem do ritual de hinário em função da forma como os pronomes variam ao longo dos hinos. O hino pode estar falando com um ser divino e de repente começar a falar do ser divino. Quando o hino fala com o ser divino adotando o pronome vós, a pessoa

que acredita ser Deus sentirá que o coro está falando com ela. Quando o hino passa a falar do ser divino adotando o pronome ele/ela o doente precisará de um tempo para se deslocar da posição de vós para a posição de ele/ela. Esta pessoa vivenciará intervalos de tempo nos quais não se enxergará como o próprio Deus. O hino “A Virgem Mãe que me ensinou” ilustra bem esta mudança de pronomes, pois inicia falando da Virgem Mãe, depois fala do pai, depois fala para o pai, depois fala da mãe, depois fala para a mãe, depois fala de Jesus. A pessoa que acredita ser Deus se colocará no início da segunda estrofe na terceira pessoa do singular (ele) e pensará que o coro está falando dele, mas logo no terceiro verso desta estrofe o coro começa a falar diretamente com Deus, utilizando o pronome vós. O enfermo vivenciará então alguns momentos no qual ele não estará no lugar de Deus.

A Virgem Mãe Que Me Ensinou
(Mestre Irineu)

A virgem mãe que me ensinou
A virgem mãe foi quem me deu
Alegrai meu coração
Para eu amar ao senhor deus

Meu divino senhor deus
É pai de toda nação
Defendei os vossos filhos
De toda escuridão

A escuridão é tão terrível
Que ninguém pode enxergar
Vós me dê a santa luz
Para eu poder navegar

A virgem mãe é soberana
Ela é rainha do mar
Quando vê nós na aflição
Ela vem nos consolar

Consolai ó mãe divina
Jesus cristo redentor
É quem pode nos livrar
Neste mundo pecador

3.3 – Conclusão sobre a eficácia dos procedimentos de cura no Daime

Neste capítulo revisei as principais teorias da antropologia relacionadas à eficácia. Em seguida busquei responder como a cosmologia daimista influencia na eficácia dos

procedimentos de cura com a ayahuasca. Em um esforço para não enquadrar a cosmologia daimista nas teorias da antropologia busquei não citar antropólogos a partir da segunda parte deste capítulo. Apesar disso, as relações com as teorias da antropologia aparecem de forma indireta. Este capítulo reforça e atualiza as abordagens que apontavam que a cultura influencia a eficácia dos procedimentos de saúde. Observamos como a cosmologia do Santo Daime influencia a eficácia das curas com a ayahuasca de várias formas. Vimos também que o conhecimento empírico, assim como no universo acadêmico, contribui para a eficácia das práticas do Santo Daime. O transito entre as perspectivas e o jogo de contraste produzido pelos rituais também influencia de forma notável a eficácia.

5 –BUSCANDO UMA FICÇÃO PERSUASIVA

Este capítulo é uma ficção que se desenrola durante o trabalho de Nossa Senhora da Conceição no qual é cantado o hinário “O Cruzeiro”, do Mestre Irineu. Embora seja uma obra de ficção, o texto busca ser verossímil para as pessoas que conhecem o Santo Daime e os personagens podem ser reconhecidos em diversos trabalhos que acontecem. Para escrever esta ficção me inspirei em personagens que conheço, mas também fundi personagens, como vários participantes diagnosticados com transtornos mentais, vários padrinhos de Igreja, várias pessoas com “doenças físicas” e alguns casos de relacionamento entre xamãs bolivianos, peruanos, colombianos e brasileiros com membros do Santo Daime ou do universo nova era (new age). Nesta ficção podemos observar os fatores que influenciam a eficácia atuando de uma forma que traz uma sensação mais exata para o leitor de como as curas acontecem durante os trabalhos de hinário.

5.1 – Um trabalho de Nossa Senhora da Conceição

As pessoas

Virgínia é uma pedagoga, comerciante e Madrinha de um centro de Santo Daime na região metropolitana de Belo Horizonte juntamente com seu marido, o advogado João. O casal afirma seguir a linha do Alto Santo, mas adota um ritual eclético. Conheceram o Santo Daime nos anos oitenta, através do CEFLURIS, quando João cursava direito na UFMG em Belo Horizonte e Virgínia pedagogia em Juiz de Fora. João soube do Santo Daime através de colegas do estágio em uma ONG para a defesa de pessoas desalojadas pelo poder público e Virgínia chegou à doutrina através de amigos que iam quinzenalmente de Juiz de Fora para o Rio de Janeiro. O Senhor João sempre foi uma pessoa interessada por religiões e já havia participado de rituais de Umbanda, da Ordem Rosa Cruz e do Tantra Yoga. Já havia lido bastante sobre neoxamanismo e cabala judaica, dentre outros, mas não se aprofundou em nada disso. Quando conheceu o Daime, o Senhor João começou a dedicar atenção especial a esta doutrina. Ele e sua mulher Virgínia se conheceram na igreja Céu do Mar, no Rio de Janeiro,

durante a festa de chegada do ano de 1989. João e Virgínia, quando se tornaram namorados, passaram a realizar diversas viagens entre igrejas daimistas na região sudeste e assim conheceram a Baixinha em Lumiar, três anos mais tarde. Foi através da Baixinha que Virgínia aprendeu rezas poderosas que utiliza até hoje para auxiliar os espíritos necessitados. João e Virgínia conheceram também o Céu de Maria em São Paulo, presidida pelo eterno Padrinho Glauco²⁶, o Céu da Montanha na serra da Mantiqueira/MG, dentre outras. Realizaram também diversas viagens para o Acre para tomar Daime na Colônia 5.000 antes de seguir viagem para o Céu do Mapiá, já no estado do Amazonas. Conheceram também diversas etnias indígenas que faziam uso da ayahuasca no Acre e Amazonas, além dos xamãs de algumas etnias que foram se estabelecer na cidade. Com bastante frequência o casal tomava ayahuasca entre os indígenas no Santo Daime e principalmente em uma tradição conhecida por Caminho Vermelho. Em uma de suas diversas idas para o Céu do Mapiá, em 1994, o casal foi convidado por amigos a conhecer pela primeira vez o túmulo do Mestre Irineu enquanto passavam por Rio Branco. Ao chegarem ao Alto Santo o casal se emocionou e os dois se sentiram arrependidos por terem passado tantas vezes por Rio Branco sem jamais terem visitado o túmulo do fundador da doutrina. O casal se emocionou também ao ver do lado de fora a sede que fora erguida por Mestre Irineu e seus companheiros. Eles não tiveram dúvidas que todo seguidor do Santo Daime deveria dar valor àquele lugar. O casal participou de trabalhos em diversos centros da linha do Alto Santo, se aproximaram de Luís Mendes, e ao voltarem para Minas Gerais o casal teve a revelação de que deveriam fundar um centro juntos. João e Virgínia se casaram neste ano e se mudaram para um sítio na região metropolitana de Belo Horizonte onde passaram a realizar trabalhos sozinhos neste local. No ano seguinte (1995), nasceu Jorge, o filho do casal. Aos poucos algumas pessoas foram conhecendo o local e passaram a participar dos trabalhos e ajudar na manutenção do terreno. Em 1998 foi erguida uma sede quadrada, nos formatos do Alto Santo. O casal trocou a forma com a qual cantava os hinos (seguindo os padrões do CEFLURIS) e passou a estudar as gravações cantadas por Dona Percília que, como zeladora do hinário de Mestre Irineu, afirmava manter a sua forma original. Eles extinguiram o ritual de Santa Maria, os homens adotaram a gravata e o sapato preto, mas o grupo manteve o trabalho de estrela do Padrinho Sebastião.

Vinte anos se passaram após a construção do centro e este se mantinha funcionando regularmente, embora a quantidade de seguidores fosse pequena. O que mais afligia Virgínia e João neste momento era a saúde do filho Jorge, pois este começou a apresentar um

²⁶ Cartunista da Folha de São Paulo, líder da igreja Céu de Maria assassinado em 2010.

comportamento estranho. Jorge começou a se trancar no quarto, fazer longas meditações, escutar vozes que lhe diziam que ele era o enviado Deus, que as pessoas deveriam adorá-lo e outras coisas do gênero. Seus pais atribuíam este comportamento à influência de amigos que o levavam para festas *rave*, onde se consumia muito álcool e LSD. Estas festas também possuíam um apelo a simbologias *new age* e por isso Virgínia e João se convenceram que as longas meditações do filho eram resultado do uso de substâncias de poder sem o devido respeito e controle. No entanto, os vizinhos diziam que isso era resultado do chá alucinógeno que João e Virgínia davam para o filho desde que ele era criança. Estes comentários em muito aborreciam João e Virgínia. O casal levou o filho a um médico psiquiatra que diagnosticou o rapaz com esquizofrenia, lhe receitou anti-psicóticos e aconselhou aos pais que não deixassem o rapaz tomar Daime. A família acreditava no médico, por isso passou a dar anti-psicóticos, mas jamais proibiram o rapaz de tomar Daime quando ele queria. João e Virgínia confiavam mais no Daime que no fármaco.

Desde que seu filho Jorge teve um surto psicótico, Virgínia vinha acentuando um quadro de depressão que ela já havia apresentado em outros momentos da vida. Sua convicção era de que o filho estava possuído por espíritos obsessores que atraem as pessoas para as drogas. Ela acreditava também nas práticas biomédicas, muito embora só recorresse à mesma em caso de urgência. Quando levou seu filho Jorge ao psiquiatra, ela já não suportava o seu comportamento. Em seus delírios religiosos, ele envolvia temáticas relacionadas a coisas consideradas muito sagradas no Daime. Jorge estava dizendo que cocaína era Santa Clara e comparava os graus evolutivos das drogas como crack, êxtase, LSD e outras. Todas estas drogas eram associadas a elementos da natureza e figuras Bíblicas. Segundo ele, a droga com o maior poder de elevação e cura era o crack. “Tem um poder fortíssimo!”, dizia ele. Jorge dizia que ele era Jesus Cristo, Mestre Irineu e Juramidã. Conversava com as plantas e pedia as pessoas para se ajoelharem diante dele. Virgínia acha que quando o filho toma os anti-psicóticos ele para de falar sobre estas coisas, fica mais calmo e consegue retomar as atividades cotidianas com algum grau de eficácia, como a faculdade de administração que vem se arrastando desde o início dos sintomas. Virgínia teme nunca mais ter o filho de volta. Na perspectiva de Jorge ele continuava ouvindo vozes e se achando Deus, mas o fármaco o ajudou a perceber que não valia a pena tentar convencer todo mundo disso. Ele pensava consigo: “É como eu, Mestre Irineu, falo. Ouvir muito e falar pouco”. Virgínia já havia tentado de tudo com o rapaz. Já havia rogado e ainda roga todos os dias por ele, já levou ele na Baixinha, no João de Deus, mas nenhum deles tinha dado jeito. Este problema com o filho

não está permitindo que ela consiga conciliar o trabalho como dona de uma loja de artigos esotéricos no centro de Belo Horizonte, as tarefas de casa e a assiduidade nos trabalhos. Apesar de passar por todos estes problemas, Virgínia não aparenta. Ela é muito admirada enquanto fundadora do centro, junto a seu marido, e muitos participantes são gratos a ela por ela ter lhes apresentado o Daime. Ela tem sempre uma performance ritualística exemplar que não nos deixa conhecer as trevas que também existem em seu coração. Os participantes do centro chamam a ela de Madrinha e João de Padrinho. No início ela não queria ser chamada assim, mas acabou se acostumando.

Quando se aproximava o trabalho de Nossa Senhora da Conceição, João marcou um mutirão na sede para adubar as Rainhas (folhas de chacrona), capinar partes do terreno, limpar a sede e verificar se havia focos do mosquito *aedes aegypti* no local, dentre outras questões. Reinaldo, um jovem fardado marcou presença neste dia. Reinaldo estava no centro há dois anos e tinha uma grande dedicação. Tinha grande frequência nos trabalhos, conhecia bem os hinos e exercia o papel de fiscal. Nesta tarefa Reinaldo deve auxiliar as pessoas que passam por alguma dificuldade e pedir que a pessoa volte para a igreja, assim que já tiver feito sua limpeza. Em função dessa tarefa, muitas pessoas que iam pela primeira vez não gostavam de Reinaldo, pois se sentiam vigiadas. Outras pessoas achavam Reinaldo metido e que gostava de se exibir como um dos membros mais importantes da casa. Neste dia, após adubar diversas folhas de chacrona, Reinaldo deixou o trabalho e foi fumar *cannabis* em uma parte de mata mais fechada dentro do terreno. Outras pessoas se juntaram a Reinaldo e começaram então a conversar enquanto fumavam, sem nenhum tipo de ritual ou louvação à planta. O assunto girou entre várias temáticas até o assunto chegar a Jorge, o filho do casal de dirigente do centro. Um grupo de pessoas atribuía o comportamento do rapaz a uma mediunidade mal trabalhada e outros atribuía a uma vaidade excessiva. Acreditavam que o garoto, por ser filho dos dirigentes, pensava ser o próprio Deus. Reinaldo, que realmente se achava melhor, começou a zombar de Jorge imitando sua fala confusa e dizendo “Eu, sou o caminho, a Verdade e a Vida, ninguém vai ao Pai a não ser por mim”. De repente, as pessoas escutaram um barulho na mata. Era João, que sentira o cheiro da *cannabis* e veio informar aos rapazes com uma voz autoritária que aquilo não era permitido no terreno. João não havia escutado o que Reinaldo dissera, no entanto, Reinaldo ficou com uma pulga atrás da orelha. João colocava-se nervoso com muita frequência com os irmãos que ao invés de trabalhar ficavam por aí fofocando. Há muitos anos ele sentia que apenas ele e a mulher davam o sangue para manter aquela sede e que era muita ingratidão das pessoas ficarem zombando do seu filho.

Carla é uma amiga do casal de dirigentes e é também muito devota ao Santo Daime. Ela e Fernando, seu namorado peruano, moram juntos e tem uma filha de oito meses. Carla tem uma filha mais velha de outro namoro que está com quatro anos de idade. O casal não vai a todos os trabalhos, mas tem uma boa frequência, embora estejam com uma criança pequena. Quando eles vão para o trabalho eles levam a família toda, uma vez que a sede oferece uma estrutura para colocar as crianças para dormir. O casal atravessa uma grande tensão uma vez que Fernando está tendo dificuldades em encontrar emprego em função de sua nacionalidade. Em certos momentos Carla fica na dúvida se isso não é apenas uma desculpa para Fernando não cumprir com suas obrigações. No entanto, Fernando ganha um dinheiro considerável vendendo flautas de bambu que ele mesmo fabrica e vendendo o CD de um grupo de música andina que ele tem com outros peruanos que moram em Belo Horizonte. Em muitos momentos Carla perde a cabeça com Fernando, embora ele se julgue responsável com a filha e carinhoso com a enteada. As explosões de Carla começaram a fazer Fernando repensar a sua vida. Queria mesmo continuar no Brasil? O que faria com a filha caso fosse embora? Estou realmente tendo prazer na vida? Em um destes momentos de conflito Fernando começou a se envolver de forma intensa em uma relação extra-conjugal. Fernando mantinha tudo isso em segredo.

No dia de Nossa Senhora da Conceição, Joice, uma amiga de Carla e Fernando foi com eles para o trabalho. Era sua primeira vez no Daime e ela nem imaginava o que poderia ser. Ela se dizia atea, mas não era do tipo que toma um copo inteiro de homeopatia em público para provar a ineficácia desta prática. Joice é estudante de psicologia social, lésbica e militante LGBT. Neste momento ela está buscando uma forma de juntar dinheiro para sair da casa dos pais. Joice guarda rancores de seus pais pela forma que decidiram viver a vida. Para ela, seus pais são “coxinhas” e não têm a mínima sensibilidade com as pessoas mais pobres. Ela se vangloria pelos projetos sociais em que está envolvida, mas a falta de dinheiro está começando a conflitar com o desejo de sair da casa dos pais. O seu desejo de ir ao Santo Daime foi em função da amizade que mantem com Carla e Fernando e por achar que as coisas não estão fluindo do jeito que quer. Ela também estava curiosa para saber os efeitos do tal chá que se toma neste lugar.

Outra pessoa que estava indo pela primeira vez ao trabalho era Seu Antônio, morador do pequeno vilarejo onde se localiza o centro. Este povoado se encontra a mais ou menos sessenta quilômetros de Belo Horizonte. Seu Antônio é carpinteiro e já prestou diversos

serviços para a igreja do Santo Daime. O carpinteiro teve experiência em diversas religiões. Já frequentou a Universal do Reino de Deus, já foi Mórmon e a última religião que procurou foi a Umbanda. Seu Antônio não ia à Umbanda há pelos menos três meses e vivia um conflito lá dentro. As pessoas diziam que Seu Antônio deveria desenvolver sua mediunidade porque ele era uma pessoa muito sensível. No entanto, para desenvolver a mediunidade existia uma série de obrigações que desanimava Seu Antônio, além do fato da IURD e os Mórmons terem lhe falado que mediunidade é coisa do capeta. Seu Antônio é uma pessoa muito humilde e o trabalho com a carpintaria não está rendendo muito dinheiro no momento. Além disso, Seu Antônio está gastando boa parte do seu dinheiro com cachaça e outras bebidas alcoólicas. Seu Antônio está provocando problemas em casa também, pois violenta sua mulher quando chega embriagado e a acusa de estar saindo com outro homem. Dona Joana possui vários hematomas no corpo, mas não tem coragem de denunciar o marido. Certo dia Seu Antônio chegou embriagado no centro do Santo Daime para prestar um serviço de carpintaria. Ele achou curiosas as dependências do lugar e começou a fazer uma série de questões para o Senhor João, dono do terreno, acerca do que ele chamava de seita. “E esse chá que vocês tomam? É droga?”. O Senhor João lhe disse que a bebida era um enteógeno, uma substância que permite o contato com Deus. Seu Antônio ficou curioso e decidiu ir ao trabalho, muito embora tenha se esquecido de seguir a dieta recomendada pelo Senhor João de três dias antes e três dias depois do trabalho sem álcool e sexo. Seu Antônio bebera cachaça naquele dia mesmo, mas conseguiu chegar com uma aparência que parecia sóbria.

Roberto fora atropelado pelo ônibus chamado de MOVE em Belo Horizonte. Ele era militante de esquerda, fazia parte do movimento estudantil, onde conheceu Joice. Os dois não faziam parte do mesmo movimento, mas se viam com frequência em manifestações em Belo Horizonte como a praia da estação e praia da Savassi, manifestos nos quais as pessoas tomavam banho nas fontes de água da Praça da Estação e da Praça da Savassi. Eles se viam também nos eventos promovidos no espaço cultural Luís Estrela. Foi justamente em um sarau de poesia no Luís Estrela que os dois se conheceram. Roberto também era poeta e participava de outros saraus, como o sarau vira lata. Ele guardava uma paixão platônica por Joice, mas sua timidez não lhe permitia se declarar. Os dois se conheciam muito pouco e Joice não fazia a menor ideia dos sentimentos que Roberto tinha por ela. Certo dia Roberto viu Joice aos beijos e abraços com outra menina no Luís Estrela e aquilo o abalou bastante. Essa cena ocupava a cabeça de Roberto que andava completamente distraído pela rua e dessa forma ele foi atropelado pelo MOVE. Para Roberto, a religião é o ópio do povo. Apesar disso, Roberto

tinha uma luz considerável no coração. Já havia ajudado muitas pessoas através do movimento estudantil para além dos limites universitários. Roberto não tolerava o que ele chamava de injustiças sociais. Estava engajado em um movimento que atuava em favelas e estava intervindo através de uma horta comunitária. Acreditava que estimulando a produção comunitária de alimentos sem agrotóxicos geraria renda para a comunidade e saúde para os seus moradores. Atuava em parceria com a teologia da libertação, mas não se interessava por assuntos religiosos. A última sensação corporal de Roberto foi ter visto o MOVE à sua frente quando já não podia mais fazer nada. Quando o seu espírito se separou do corpo, Roberto não sabia onde estava.

O trabalho

Joice foi de carona para o trabalho com Fernando e Carla. Ao chegar à igreja Joice teve que assinar um termo de compromisso e responder a um questionário sobre seu estado de saúde. Uma das mulheres fardadas perguntou para Joice se os seus amigos lhe haviam informado da necessidade de vir de saia. Fernando e Carla haviam esquecido e possivelmente esta informação poderia ter desanimado Joice de ir ao trabalho. Joice disse que não fora informada e então a fardada lhe ofereceu uma saia que havia de sobra na igreja justamente para este tipo de situação. Joice se sentiu muito incomodada com o uso da saia e também pelo valor sugerido de trinta reais para a participação no trabalho. Joice contribui com quinze reais. Seu Antônio havia deixado o bar do vilarejo há duas horas, tomou um banho, colocou um chiclete na boca para disfarçar o cheiro de cachaça e cigarro na boca e foi para o trabalho. Seu Antônio passou pelo mesmo procedimento que Joice, ninguém percebeu sua embriaguez e ele então entrou na igreja. Seu Antônio não contribuiu com nenhum real, mas ficou de prestar um serviço de carpintaria para o centro. O Senhor João e Virgínia se concentravam em sua casa dentro do terreno e rogavam para a Virgem da Conceição abrir os caminhos naquele trabalho. Jorge estava feliz de ver as pessoas chegando e estava interagindo bem com elas, o que levou as pessoas a concluírem que ele estava muito melhor.

Antes de entrar na Igreja Joice reparou em uma Cruz de dois braços no qual as pessoas que chegavam se colocavam com o corpo ereto em frente e se concentravam para orar. Cada pessoa de uma vez, sem ser um ritual coletivo. Ao entrar na igreja Joice foi orientada a ir para

o lado das mulheres e Seu Antônio para o lado dos homens. Os adultos do sexo masculino ocupam o lado direito (de quem entrava no local do rito) e as mulheres ocupam o lado esquerdo. As crianças do sexo masculino ficavam na cabeceira da mesa mais próxima à porta e as crianças do sexo feminino ocupavam a cabeceira oposta. As pessoas se dispunham em fileiras similares a formações militares. O batalhão masculino se contrasta com o batalhão feminino. Os adultos do sexo masculino se contrastam com as crianças do sexo masculino. As adultas se contrastam com as crianças do sexo feminino. As crianças do sexo masculino se contrastam com as crianças do sexo feminino e os adultos se contrastam com as adultas. Os fardados se contrastam com os não fardados. Joice e Seu Antônio ocuparam as últimas fileiras. Seu Antônio enxergava os homens fardados de costas e as mulheres de frente do outro lado. A coroa que as fardadas usavam, as fitas coloridas nos ombros e a imagem de Nossa Senhora da Conceição lhe remeteram ao congado e à festa de Nossa Senhora do Rosário. Joice que estava do lado oposto via as costas das fardadas e os homens de frente. Joice achou estranho o fato dos homens usarem terno e gravata, pois imaginava um ambiente mais xamânico. A única pessoa que parecia xamã ali era Fernando, o peruano, mas mesmo assim estava de terno e gravata. Fernando tinha o cabelo um pouco longo e liso. Tinha a pele um pouco escura e um cavanhaque que chegava a uns quatro centímetros. Os trajes ocidentais, assim como a saia que Joice foi obrigada a usar, remetiam ao conservadorismo para ela. A imagem de Nossa Senhora também lhe remeteu ao cristianismo que tanto lhe incomodava. No entanto ela gostou do Santo Cruzeiro que havia na entrada da igreja. Este símbolo lhe remeteu a wika, bruxaria ou coisa do gênero. Era ateia, mas sempre achou que seu signo tinha tudo a ver com ela. Reparou também na estrela de seis pontas na blusa dos homens e achou interessante. “Será que tem a ver com judaísmo?”. Tanto Seu Antônio como Joice se sentiram em evidência por serem os únicos não fardados ali presentes. Joice se sentia um peixe fora d’água no meio daquelas mulheres cheias de pompas e seu Antônio temia que todos os presentes tivessem percebendo sua embriaguez, pois se sentia maltrapilho em meio a tanta gente elegante.

O Senhor João tocou o sino chamando os demais participantes para darem início aos trabalhos. Eles rezaram o terço, o que foi muito enfadonho para Joice. Seu Antônio procurava rezar junto, se apoiando no Pai Nosso e Ave Maria católicos. Seu Antônio rezava no mesmo tom de voz que os demais fardados, mas sempre se colocava em evidência nos pequenos trechos em que a oração católica se diferia da oração no *Daime*. Em função disso, seu Antônio começou a rezar mais baixo até conseguir memorizar a oração. Joice não estava rezando, mas

ao olhar para o lado oposto sentiu-se observada pelos demais participantes e um pouco constrangida a ter que fazer o mesmo. Joice acabou cedendo e se permitiu tentar rezar.

Após o término do terço, as pessoas formaram fila para tomar o Daime e o ritual se iniciou. Estava presente o Padrinho João, a Madrinha Virgínia, Jorge (filho do casal), o casal Carla e Fernando com suas duas filhas, Joice, Seu Antônio e mais vinte pessoas fardadas. Seu Antônio e Joice tiveram grande dificuldade para engolir a bebida que tem um gosto muito amargo. Carla começou o trabalho bailando com sua filha de oito meses no colo e sua filha de quatro anos já tomava daime e bailava na parte das crianças até se cansar e dormir. Com menos de dez hinos as crianças já sentiam sono e então Carla teve que abandonar a corrente por alguns instantes até que suas filhas dormissem. O trabalho começou com o hino “Sol, Lua, Estrela” e todos os participantes estavam em júbilo, exceto Joice que apenas observava as pessoas em júbilo e buscava acompanhar o passo da marcha. O toque dos maracás invadia o salão e foguetes foram ouvidos. Algumas pessoas usavam maracás do tamanho de uma lata de Nestón e outras do tamanho de uma lata pequena de molho de tomate. Os maracás grandes estavam na moda, porque as pessoas estavam querendo marcar os seus corpos ou identidades como pertencentes à linha do Alto Santo. Apesar disso, cantavam com um hinário pequeno na mão, que é coisa do CEFLURIS. O trabalho estava muito bonito, como é de costume. Muitas vezes os instrumentos como violão e sanfona só entram na segunda parte do hinário, mas dessa vez eles já começaram tocando. Joice estava seguindo o hinário e estava curiosa para saber quem eram aqueles seres aos quais Mestre Irineu fazia referência em seu hinário. Jamais ouvira falar em Ripi, Tuperci, Jaci, dentre outros. Joice gostou dos hinos de louvor à natureza, mas teve dificuldade para tentar cantar os hinos que remetiam ao cristianismo. Reinaldo cantava alto, de maneira vigorosa e vaidosa, tentando impressionar a nova fardada que chegara ao centro. Seu Antônio estava adorando aquilo. Estava lembrando as suas rodas de violão e sanfona com os amigos no bar. Adorava dançar, mas perdia o passo quando estava muito embriagado. Ele se identificou com o hino Sol, Lua, Estrela que remete aos elementos da natureza e também a Jesus e Maria. Para Seu Antônio tudo aquilo era de certa forma familiar. Ele associou a Mãe D’água a Yemanjá e achou que o hino Papai Paxá estava se referindo a Ogum Beira Mar. Os primeiros dezesseis hinos passaram sem que ninguém tivesse grandes mirações ou passasse mal. Quando o trabalho chegou ao hino 17 (Confissão) o Daime começou a fazer efeito e as pessoas começaram a transitar entre os planos.

Quando este hino foi cantado já havia se passado mais de meia hora e o Daime já fazia efeito em todos. Os participantes seguravam uma vela em sua mão e se mantinham parados com o corpo firme. É uma cena bonita de se ver, mas nem sempre é fácil atravessar este hino. O Padrinho João e a Madrinha Virgínia fecharam seus olhos e pediram perdão a Deus pelos crimes, rogaram com grande concentração para o espírito dos mortos que precisavam fazer a passagem até o plano celeste e seguiram assim do início ao fim. Reinaldo começava a demonstrar menos vigor do que antes. Seu Antônio começou a se sentir um pouco mal neste hino. No início do hino ele se colocou no lugar de “eu”, adotou a perspectiva da primeira pessoa. Afirmou duas vezes que ele era filho de Deus nesse mundo pecador e começou a sentir que o mal estava aumentando. Quando cantou “perdoai as minhas culpas pelo vosso santo amor” ele seguiu no lugar de “eu” e começou a pedir perdão a Deus de forma generalizada. O mal-estar aumentava e Seu Antônio começou a sentir ânsia de vômito. Pensou em pedir ajuda para alguém, mas estavam todos concentrados. Pensou em sair andando para vomitar ou se assentar do lado de fora, mas ficou constrangido, pois este gesto o colocaria em grande evidência. Achou que alguém iria perceber e viria lhe ajudar, mas ninguém fez nada. Seu Antônio permaneceu em seu lugar e com a voz tremulante cantou “Perdoai as minhas culpas e vós perdoe os inocentes”. Seu Antônio passou a adotar a perspectiva de “eles” neste momento, os inocentes. Os inocentes para Seu Antônio não eram pessoas boas, mas sim pessoas que precisavam ser perdoadas. Seu Antônio teve a sensação que apenas ele se sentia mal naquele momento e começou a enxergar os rostos das mulheres olhando de forma severa para ele. Parecia que todos estavam rezando para tirar um mal que estava dentro dele. Todas as pessoas naquele momento pareciam saber o que ele fazia em sua vida íntima e estavam rezando para ele deixar de ser pecador. Seu Antônio se sentiu exposto e envergonhado e começou a achar que realmente merecia aquela punição. Ao cantar “eu confesso os meus pecados e reconheço os crimes meus”, Seu Antônio voltou a se identificar como o “eu” e passou a pedir perdão pelas vezes em que bateu na mulher. Quando o hino começou a repetir, Seu Antônio pensou que não iria conseguir cantá-lo novamente. Seu Antônio juntou suas forças e seguiu cantando, embora neste momento as luzes da sede já dançavam a sua frente e um turbilhão de pensamentos e imagens passava pela sua cabeça. “Meu Divino pai do Céeeeu. Sooooooberanuicriadô. Eu sou um filho seu, neste mundo pééécadôô”. “Meu Divino Pai do Céeeeu. Sôôberaanunipotent..”. O hino avançava muito devagar. Parecia que não iria ter fim. O Daime parecia que tinha misturado com a cachaça no estômago e Seu Antônio se perguntava: “O que estou fazendo aqui? Porque vim tomar este negócio?”. Jorge, que bailava ao lado de Seu

Meu divino pai do céu
Meu soberano senhor
Perdoai as minhas culpas
Pelo vosso santo amor

Meu divino pai do céu
Soberano onipotente
Perdoai as minhas culpas
E vós perdoe aos inocentes

Eu confesso os meus pecados
E reconheço os crimes meus
Eu a vós peço perdão
Ao meu divino senhor deus

Os participantes colocaram as velas no pé do Santo Cruzeiro e começaram o bailado. Seu Antônio sentou na cadeira, mas ainda não se sentia melhor. Joice começava a sentir os efeitos da bebida e já não estava mais acompanhando o hinário. Ela estava pensando na vida em casa com os seus pais, os problemas amorosos e a dificuldade de ganhar dinheiro. Carla também estava desatenta, ela havia acabado de voltar para o Batalhão após ter feito suas filhas dormirem. Seu João estava agonizando na cadeira e deixava seu corpo esmorecer, sua cabeça abaixar e cruzava os braços para se proteger do frio que sentia. Reinaldo observou o estado em que Seu Antônio estava e achou que era o momento de atuar. Reinaldo saiu do seu lugar e mais uma vez foi tomado pela vaidade. Sempre que atuava como fiscal Reinaldo se sentia importante. Ele também gostava de dar vivas nas horas específicas do trabalho. As pessoas que se comportam de forma diferenciada dentro de um ritual relativamente padronizado acabam chamando a atenção para si. Ao sair do seu lugar, Reinaldo simulou uma cara de tranquilidade e buscava deixar evidente que o Daime não estava batendo nenhum pouquinho nele. Reinaldo pediu para Seu Antônio descruzar os braços, mas este não obedecia e Reinaldo deixou por isso mesmo. Seu Antônio fechou os olhos e se entregou àquele mal-estar. Ele se viu caído no chão de um lugar escuro e frio, onde não havia ninguém. Ele só podia enxergar um lugar escuro com um filete de luz entrando por uma fenda estreita, iluminando uma névoa sombria e deixando o local cinza. Foi isso que o permitiu ver a sombra de um urubu que era mais escuro que a névoa a lhe bicar o fígado. Seu Antônio não podia se mexer e então começou a rogar à Virgem Maria do fundo do seu coração.

O Padrinho João e a Madrinha Virgínia estavam extremamente concentrados no hinário. O tempo todo eles estavam na perspectiva do “eu”. Eles observavam o grupo como um todo e conseguiam perceber como estava a corrente naquele dia. Este era um dia em que o trabalho estava pesado. João observa toda a igreja. Ele possuía uma espécie de modelo em seu

pensamento como se a igreja fosse cartas de baralho dispostas em fileiras. Cada carta é branca de um lado e amarela ou negra do outro. No início do trabalho todas as cartas estão brancas sobre um fundo negro. À medida que o trabalho vai passando as cartas vão se virando. A primeira carta que se virou naquele dia foi o Seu Antônio, sendo a única cor negra sob o fundo negro. A carta desapareceu e se uniu ao plano de fundo. Para o Senhor João foi fácil de enxergar, difícil foi para o Seu Antônio. Com um sistema análogo, mas completamente diferente, a Madrinha consegue perceber qual irmão está precisando de rogo e começa a direcionar suas orações para aquela pessoa. Passaram-se mais cinco hinos até chegar ao hino palmatória.

22 – PALMATÓRIA

Porque todos não cumprem
Com o dever e obrigação
Conhecer esta verdade
Para chamar meu Irmão

Na presença todos são
Na ausência aqui deixou
Não se lembram da firmeza
E da palavra que jurou

Não cumprindo este dever
Está fora da união
Não são firme a meu Deus
E nem leal ao meu irmão

Só existe é fingimento
Fraqueza no coração
Não são firme a meu Deus
E nem unido ao meu Irmão.

Não cumprindo este dever
É melhor se retirar
Que não é traço de baralho
É melhor não vir pra cá
Que aqui é muito sério
É preciso respeitar

Reinaldo conseguiu deixar-se levar pelo hino na perspectiva do “eu”, a pessoa que cobra a disciplina. Ele estava ciente do imenso trabalho que ele estava depositando naquela igreja e se sentia agraciado por estar seguindo na linha direita. Neste hino Reinaldo conseguia enxergar o rosto de algumas irmãs que faziam cara de cachorro com o rabo entre as pernas, ao mesmo tempo em que via outras irmãs com rosto severo e que cobravam disciplina. Com isso

ele imaginava quem estava e quem não estava na disciplina. Seu Antônio havia voltado à corrente no hino anterior e estava começando a se sentir melhor. Quando ele cantou o “Porque todos não cumprem com o dever e a obrigação” ele associou à obrigação da Umbanda. Seu Antônio pensou: “Será que é por isso que estou sofrendo? Será que eu tenho que voltar na Umbanda para cumprir minha obrigação?”. Neste momento Joice já estava bem indisposta com o ritual, não pelos efeitos do Daime, mas já estava com preguiça de cantar mais cento e dez hinos que falavam cada vez mais do cristianismo. Este hino em especial lhe recordou o antigo testamento, no qual Deus se coloca como um homem rancoroso e vingativo. Na última estrofe, Seu Antônio, que estava na perspectiva do *eles* (dos que não cumprem), ficou pensando: “Será que era melhor eu não ter vindo para cá?”.

Fernando, o peruano, já estava há uns quatro hinos transitando no mundo celeste. No hino “Seis horas da manhã” Fernando se viu encima de uma montanha cantando para o sol nascente. Em seguida ele não viu o sol, pois ele estava no pino do meio dia e Fernando olhava para frente. Fernando sentiu os raios do sol iluminando o seu chakra coronário. Ele associou a palavra pino do meio dia à glândula pineal que, segundo ele, é a glândula responsável pela mediunidade. Em seguida Fernando se viu em Machu Picchu assistindo ao por do sol e se viu no corpo de um sacerdote Inca. Em seguida Fernando viu-se no espaço enxergando a terra girando com o sol ao fundo e sentiu uma enorme sensação de fusão com o universo. A ideia de que a terra gira em torno do sol já era evidente para ele, mas o que estava ficando mais claro naquele momento era a possibilidade de transitar entre as perspectivas. No hino seguinte, cantar Ir, que significa cantar para Ir, Fernando se aproximou do sol. Ele se sentiu agraciado e sem a menor vaidade, Fernando tinha consciência que estava caminhando nas alturas. Ele estava com o coração repleto de amor e alegria e sentia uma incrível serenidade. No hino Sol, Lua, Estrela, ele enxergou uma imensa bola de luz que para ele eram os três astros ao mesmo tempo. Esta bola de luz foi se transmutando em corpo humano e foi cegando Fernando. Ele teve que se afastar para ver de longe. Ele estava a bilhões de anos luz daquele ser, mas conseguia enxergá-lo na forma humana sem que ele cegasse seus olhos. Ele viu a imagem de Jesus Cristo vestindo um manto branco, de uma clareza que não se pode ver no mundo terreno. Jesus permanecia imóvel com seu corpo brilhante, similar a uma estátua, porém com muito mais luz que qualquer ser humano. Ele olhou para a ponta da coroa de Jesus que não era de espinhos e sim a de um Rei. A coroa brilhava na intensidade do Sol e uma luz saiu do centro desta e começou a ser direcionada para a terra. Quando essa luz tocou o mar, grande parte dela se refletiu no espaço no formato de um cone ao inverso e outra parte dessa

luz penetrou no mar deixando as águas luminosas e transparentes. Essa luz foi penetrando à medida que o espaço dentro do oceano foi se afunilando e a luz neste momento era só um pequeno feixe desbravando a dureza da pedra.

O Padrinho João já havia participado de inúmeros hinários do Mestre Irineu. Toda vez que o hino “Papai Samuel” chegava ao verso que diz “pisei no primeiro degrau para seguir com firmeza”, João se vê subindo um degrau de uma escadaria. Dessa vez João se viu subindo o último degrau, que é o primeiro para quem desce, e percebeu que aquilo não era uma simples escadaria, mas sim uma pirâmide. João segurava um bastão em uma das mãos para se apoiar e levava uma garrafa dentro de um embornal. No alto havia uma plataforma com uma mesa cerimonial e um vaso de barro. Lá de cima, João pôde observar os outros três lados que até então estavam ocultos. João pôde ver que embaixo da pirâmide havia uma multidão vestida de branco com vestes egípcias separados em lados opostos pelo sexo. As pessoas bailavam de um lado para o outro em uma melodia diferente do hino, que remetia a escala árabe e ele enxergava o mar ao fundo. Uma serpente emplumada começou a subir dançando pelo vaso de barro. A serpente saiu do vaso e começou a se enrolar no bastão que o Padrinho João segurava e ele então firmou o bastão com os pés e pegou a garrafa de daime e levou à boca da serpente. Neste momento a serpente tomou o corpo de uma princesa e lhe disse: “É nessa essa estrada é que se ensina”. João encheu a garrafa daquele veneno que ele sabia muito bem que poderia se tornar remédio.

Joice pensou que poderia tomar um pouco mais de Daime já que nada de emocionante acontecia. Ela não acredita em espíritos, mas acreditava que poderia ter alucinações agradáveis. Além do mais, havia muito tempo de trabalho pela frente. Tomou outro copo pela metade e voltou para o batalhão e seguiu bailando. Passou por hinos agradáveis, ainda que cristãos, fechou os olhos e ficou tentando “entrar na *vibe*”. Seguiu assim até que percebeu que estava bailando para o lado oposto e fora das linhas demarcadas no chão. Logo que abriu os olhos e tentou voltar ela ficou confusa. Olhou para o batalhão dos homens para se orientar e começou a bailar ao contrário, espelhado com eles. Com isso tudo, ela se desequilibrou e parou para não cair. Cada pessoa se tornava três e Joice já não sabia onde estava o chão. Ela decidiu sentar, mas as três cadeiras que havia na igreja já estavam ocupadas com três pessoas sentadas com a coluna ereta e a mão sobre a coxa. Uma destas mulheres, Ester, andava com o auxílio de uma muleta, mas mesmo assim bailava grande parte do trabalho. Quando Joice viu que as cadeiras estavam ocupadas ela pensou em sair da igreja, mas Ester levantou-se e

ofereceu o seu lugar para Joice e voltou para o Batalhão para bailar com suas muletas. Joice se assentou e ficou observando o batalhão se locomovendo. Ela se lembrou dos batalhões romanos movimentando-se em harmonia. Apesar do desequilíbrio momentâneo Joice ficou tranquila depois que se sentou. Ela respirou profundamente de uma forma muito fácil. Ela gostou da sensação. Um prazer enorme em respirar. Ela imitou prestigiosamente as irmãs ao lado, sentando-se como Tutankamon. Ela sentiu seu corpo relaxar e os pensamentos se tornaram leves. Ela se emocionou com a atitude da senhora que lhe cedera o lugar. Os pensamentos bons vieram acompanhados de um calor agradável, que não queimava e não fazia suar. Uma brisa suave soprava em seu rosto e ela expirava com prazer. Queria até poder fazer um som com a respiração, mas se conteve para não atrapalhar as irmãs. Joice seguiu concentrando, sem saber que estava fazendo isso, mas foi interrompida três hinos depois pela fiscal que lhe chamava para voltar para o batalhão. Joice disse que estava cansada e que voltaria depois e então seguiu concentrando.

Carla estava nas alturas, como quase toda a corrente, mas foi interrompida pelo choro de sua criança mais nova, o que fez a criança mais velha acordar também. O choro da criança foi ouvido por toda a igreja, mas ninguém se importou a não ser Carla, que temia estar atrapalhando todo mundo. Carla carregou a criança mais nova no colo sentou-se em uma cadeira e começou a amamentar a sua filha. Ela se identificou com a própria Rainha da Floresta, não na condição de “vós”, mas na condição de “eu”. Ainda bem pra ela! Identificou-se também com a Pacha Mama, a Mãe Terra de que tanto seu namorado Fernando lhe falava. Durante a gravidez ela via sua barriga no formato do globo terrestre, o planeta terra gerando vida, fazendo crescer as coisas. Agora que já é mãe ela se vê como nutridora, carinhosa e demais qualidades ligadas à Virgem da Conceição, a Pacha Mama.

Seu Antônio voltou a gostar dos hinos. Quando ouviu Papai Velho e Mamãe Velha ele teve certeza que aquilo ali era um tipo de Umbanda. “Ah! Isso aí são os pretos velhos com certeza”, pensou ele. “E aquele hino lá atrás que falava de um tal de Equior que vem beirando o mar. Isso aí é Ogum Beira Mar. Depois tinha outro do Amigo Velho. Eu Venho da Floresta é Oxóssi com certeza. Têm Curupira também. Caboclo Sete Estrelas. Ossaim, Rainha da Floresta. A minha mãe é mãe de todos que quiser ser filho dela. Eu quero ser filho, não quero sofrer.”

No hino “Salomão”, Reinaldo lembrou-se do Padrinho Alfredo, que no CEFLURIS é o Rei Salomão. Lembrou-se também do Mestre Gabriel da União do Vegetal, que também é

associado a este Rei. Mas, ele lembrava também de Haile Selassie, o imperador Etíope, herdeiro de uma tradição que remonta ao tempo do Rei Salomão. Reinaldo pensou: “Se Selassie tem o sangue do Rei Salomão, então ele é da mesma família de Davi e de Jesus. Ele tem sangue real. A arca da aliança está enterrada embaixo da igreja católica copta do Egito na Etiópia. Selassie é Deus para os Rastafari. É o Jesus negro, assim como Mestre Irineu. Religião que consagra a Santa Kaya, assim como o Padrinho Sebastião consagra a Santa Maria. Salomão é filho de Davi, Jesus é da casa de Davi. Zion significa Sião. Os Rastafari são o priorado de Sião que guarda o segredo do Santo Gral, do Sang Real. A antropóloga Esther Jean Langdon é o professor Robert Langdon do filme “O Código Da Vinci”. O Daime é o vinho do Rei Salomão e o mesmo vinho que Jesus deu para os seus discípulos”. No verso, “segue sempre o teu destino e deixa quem quiser falar” Reinaldo pensou nas pessoas “caretas” que ficam condenando a maconha, já o Padrinho João e a Madrinha Virgínia pensaram nas pessoas que ficam falando do filho deles. Jorge, que estava em sua persistente perspectiva de “vós” pensou: “Eu sou o Rei Salomão. Sou rico e terei várias mulheres. Me louvem meus irmãos. Me louvem. Muito obrigado meus irmãos. Obrigado. A festa está muito bonita”. Ester lembrou-se do seu irmão que se chama Salomão. O Padrinho permanecia no alto da pirâmide, mas esta imagem se fundiu com o templo de Salomão.

Joice que estava meditando com o coração cheio de luz começou a sentir a alegria ficar ainda maior quando chegou ao hino que se chama “Santa Estrela que me guia”. Era uma simbologia cristã, mas a temática natalina lhe trazia boas recordações. Ela se recordou de momentos felizes com sua família durante as férias de natal. As longas férias na casa da avó no interior. Lembrou-se dela brincando com seus primos no açude, andando a cavalo, comendo com a família de seus tios, dentre outras coisas. No final ela pensou: “Papai Noel, este porco capitalista!”. Joice voltou para o Batalhão junto a Carla e sua filha Soloína, de quatro anos. A filha se chama assim em função de um ser do Daime. Carla tinha acabado de amamentar Iara, o bebê, e trouxe Soloína para bailar. Ela tinha um maracá bem pequeno de brinquedo e ela ficava bailando de um lado para o outro um pouco fora do ritmo, mas ia para um lado e para o outro no tempo certo. Começou a tocar o hino “Todo mundo quer ser filho” e os sentimentos, sensações, percepções e pensamentos de Joice mudaram repentinamente. Ela ouviu os versos, “Todo mundo quer ser filho / De Deus da criação / Porque que tu te esqueces / De rezar para o seu irmão? ”. Ela se lembrou do terrível acidente que acontecera com o seu conhecido Roberto, que morreu atropelado pelo MOVE. Embora Joice não fosse de rezar, ela refletiu sobre sua insensibilidade frente à morte. Mas, ao mesmo tempo ela pensou:

“O que eu posso fazer agora? ”. Ela começou a tentar rezar meio sem jeito: “Ai meu Deus. Me desculpa. Recebe bem o Roberto aí no céu”. Mas, ela não prestou atenção quando o hino disse: “Eu rogo a Deus no céu que ele seja perdoado”. Ela pouco sabia da vida dele e nem podia imaginar quais pecados ele tinha.

No hino “Soloína”, Joice descobriu porque a filha de Carla tinha aquele nome tão diferente. A menina começou a dançar mais feliz e sua mãe também. No verso “é nessa estrada é que se ensina” o Padrinho João, que estava no Alto da pirâmide pensou: “É na estrada do Alto Santo”. Outras pessoas pensaram: “É no caminho da Santa Maria”. A corrente começou a crescer e a cantar mais forte. Todos estavam naquele momento na terra ou no firmamento. Havia também por ali um espírito vagabundo e certos malfazejos influenciando alguns participantes. No hino “Cantar Ir”, as pessoas realmente foram para o astral e foi neste clima que chegaram ao último hino da primeira parte, “São João era menino”. Joice pensou em crianças, mas teve certo pavor, ao mesmo tempo em que se admirou com Iara, a criança que estava bailando. Reinaldo pensou em Mestre Irineu e o Padrinho Sebastião que são Jesus Cristo e São João Batista em sua perspectiva. Dois fardados que não se identificavam tanto com o CEFLI e CELFURIS enxergaram Jesus da Bíblia com São João da Bíblia e Mestre Irineu com São João da Bíblia, respectivamente. Muitos ali presentes se identificaram com a frase “um é filho de Maria” e uma pessoa se identificou com a frase “outro é filho de Izabel”, pois era o nome de suas mães. Quando o hino terminou o Padrinho João gritou: “Viva o Menino Jesus! Viva São João Menino!”. Os participantes responderam “viva”, incluindo a criança Iara que sorria alegremente. Seu Antônio gritou: “Salve Xangô Menino”, mas apenas Joice respondeu “Salve” no piloto automático. Ela não sabia que Seu Antônio não era autorizado a dar vivas. Joice se sentiu exposta e escutou risos semelhantes aos de plateias de programa humorísticos. Mais tarde, em particular, Seu Antônio foi avisado que apenas pessoas autorizadas podem dar vivas. Ao final do hino, o Padrinho João foi ao centro e disse que fariam um intervalo de uma hora e meia e que queria todos de volta às duas horas da manhã para fazer as diversões do Mestre Irineu e recomeçar o hinário.

Algumas pessoas que estavam mirando muito colocaram cadeiras ao redor da mesa e permaneceram ali concentrando. Ester assentou-se junto à mesa quadrada, que continha quatro vasos de flor em cada canto da mesa, quatro velas, o Santo Cruzeiro e a imagem de Nossa Senhora da Conceição e uma foto do Mestre Irineu. Ester sentia um aperto no coração em função de não conseguir andar sem o auxílio das muletas. Embora se esforçasse para não depender de ninguém para nada e se mostrasse como um exemplo de superação, no seu

coração ela ainda guardava um tanto de tristeza. Ester começou a orar com tanta intensidade pedindo conforto à Virgem da Conceição que logo a Mãe Divina lhe atendeu. Ester foi às alturas e o participante que a olhava de outro ponto de vista, via também a verdadeira imagem da Nossa Senhora. Ela estava com as mãos unidas, a face completamente relaxada e voltada ligeiramente para cima, sua boca tinha um leve sorriso, os olhos fechados e uma pequena lágrima que lhe caía aos olhos. Era a verdadeira imagem da Virgem Maria chorando aos pés do Cruzeiro. Em sua perspectiva, Ester sentia a paz, a alegria e o conforto em seu coração. Naquele momento ela estava já curada, embora ainda dependesse da muleta. Ester compreendeu que, estar curada não significa voltar a andar, mas sim ter firmeza no coração. Percebeu que não valia de nada ter um corpo anatomicamente perfeito aqui no mundo se a pessoa está no mar da escuridão. Ester, que anteriormente era kardecista, compreendia isso como a cura do espírito.

Enquanto isso, algumas pessoas se reuniam do lado de fora, ao lado de uma fogueira. João e Virgínia foram para casa, outros fardados que também tinham casa no terreno também foram, outros foram dormir no carro, mas a maior parte das pessoas estava na cozinha comunitária. Era um pequeno espaço ainda em construção que envolvia o trabalho cooperativo dos irmãos. O trabalho comunitário reforçava os laços entre os irmãos, mas o contato cotidiano com outras pessoas sempre resultava em conflitos também. Construir algo sempre implica pedir contribuição financeira e trabalho voluntário. Alguns enxergavam isso como exploração. Pensavam: “Como assim? Eu pago mensalidade na igreja, pago minha parte nas construções coletivas e ainda tenho que trabalhar? Vou dar dinheiro e trabalho para os donos do terreno?”. Isso não era completamente verdadeiro na perspectiva do Padrinho João da Madrinha Virgínia. Nesta visão eles foram quem mais gastaram comprando o terreno. Eles têm a obrigação de estarem presentes em quase todos rituais. Muitos irmãos vão e vem, mas eles não arredam o pé deste ponto. Nas construções coletivas eram eles quem mais investiam dinheiro e tempo. Gastavam boa parte do dinheiro deles com a doutrina.

Algumas pessoas que consagravam Santa Maria saíram do terreno e adentraram a mata vizinha para fazer um ritual. Este ritual era completamente diferente daquela rodinha de fofoca que Reinaldo se envolvera no dia anterior. Reinaldo não tem a cannabis como uma planta Santa, muito embora a chame de Santa Maria. No ponto de vista de Reinaldo apenas o Santo Daime é Santo. Segundo ele, a Santa Maria é uma planta boa, que faz bem para a pessoa, mas jamais devemos louvá-la como louvamos o Daime. As pessoas que adentravam a

mata vizinha pediam licença à Rainha da Floresta. Algumas vezes os vizinhos já perceberam o cheiro de maconha e isso gerou má fama na Igreja. Isso era uma grande preocupação para o Padrinho João e para a Madrinha Virgínia que buscavam ser muito discretos com esta questão. Eles não ritualizavam, não fumavam, não permitiam que fumasse dentro do terreno, mas não expulsavam os usuários, como é hábito em um centro específico. Os fardados e fardadas que estavam entrando na mata chegaram a uma clareira e se sentaram em troncos colocados no chão especificamente para este fim. Um irmão tirou o pito do bolso pronunciou a frase de consagração da Santa Maria pedindo que a fumaça purificasse seu corpo físico, sua alma e todo o seu ser. Acendeu o pito e deu três tragos. No primeiro pensou sol, no segundo pensou lua e no terceiro pensou estrela. Fez o sinal da cruz em sua testa com o pito enquanto soprava fumaça pela boca e o passou para o lado direito com a brasa voltada para cima. A irmã que estava ao lado pegou o pito com a mão esquerda, trocou de mão para fumar, realizou os mesmo gestos e pensamentos e a roda assim se seguiu. Cada irmão e irmã (salvo alguns) tinha um pito, preferencialmente verdinho (natural) no bolso. Vários pitos entraram na roda. Alguns irmãos chegaram a trazer cinco pitos enrolados em papel de seda grande. A roda se seguiu por quarenta minutos sempre com um pito na roda. Tudo isso em silêncio absoluto. Era possível ouvir apenas os grilos e a mata parecia estar viva. Um fardado puxou o seguinte hino de Irineu Barsé.

SANTA MARIA VEM CHEGANDO NESTE BATALHÃO

Santa Maria vem chegando neste batalhão
Trazendo as forças da Rainha da Floresta
São estas forças vindas de Nossa Senhora
Que centralizam esta luz aqui na terra

Eu vou pedindo sempre a minha coragem
Para seguir nesta batalha do amor
Com o conforto da minha mãezinha
Com sua luz e com seu resplendor

Eu vou seguindo sempre no caminho
Sempre guiado pela luz divina
Sempre buscando aprender nesta doutrina

Uma das fardadas enxergou Nossa Senhora entrando no batalhão das mulheres dentro da sede, com seu maracá na mão, com a mesma farda das irmãs, com uma coroa mais chamativa que as demais, puxando os hinos. Outro fardado viu a Rainha da Floresta ali mesmo, dentro da mata. Outro irmão que era mais jovem de doutrina se assustou com a força

e a luz do hino que quase caiu para trás. Depois disso, eles concentraram por dez minutos e voltaram para comer na cozinha coletiva com os demais. Enquanto os marianos (pessoas que consagram Santa Maria) estavam na mata, outros estavam conversando e comendo na cozinha coletiva. Algumas pessoas trouxeram comida pronta de casa e outras prepararam ali mesmo. Havia refrigerante, suco, pão, patê de atum e bolacha de chocolate. No entanto, havia pessoas vegetarianas, veganas e outros que adotavam a alimentação viva. Estas pessoas trouxeram brigadeiro de banana, frutas, torta de frutas, suco verde e outros alimentos naturais. Joice teve facilidade de entrar na rodinha de conversa com as irmãs, mas Seu Antônio estava bastante sem graça. Toda pessoa que vinha conversar com ele apenas perguntava o seu nome e o que estava achando do trabalho. Ele falava que estava gostando, mas quando iria comentar alguma coisa sobre as dificuldades que estava passando no trabalho, os irmãos faziam uma cara séria e mudavam de assunto. Algumas vezes davam um conselho rápido, de forma indireta antes de saírem. Seu Antônio começou a conversar com Jorge e o papo fluiu. Os dois não se conheciam então não havia quase nenhum pré-julgamento entre eles. Com pouco tempo de conversa Jorge disse a Seu Antônio: “Filho, o caminho é estreito. Pela porta larga todo mundo entra, mas o céu, o céu é para poucos”. Seu Antônio achou o conselho muito coerente e nem percebeu que Jorge disse “filho”, ao invés de dizer “irmão”. Joice saiu da cozinha e se acercou à fogueira. Ela olhou para cima e o céu estava completamente aberto. As estrelas estavam piscando de uma forma que ela jamais havia visto na vida. Ela pensou: “Estou alucinando?”. Percebeu que não, pois eram as mesmas estrelas, brilhando da maneira que elas sempre brilharam. Joice compreendeu que seu ponto de vista foi o que mudou. Reinaldo tocou o sino da igreja chamando os irmãos para começarem as diversões do Mestre Irineu e os fardados foram chegando aos poucos. Alguns permaneceram ainda bastante tempo dormindo dentro do carro, alguns dele só foram acordar no dia seguinte, embora o fiscal os tenha convocado pessoalmente para voltar.

Antes das diversões começarem todas as pessoas tomaram Daime, incluindo Joice. Já era sua terceira dose. Durante as diversões, o hino “Bom trabalhador” levou Joice a refletir bastante. O hino dizia: “Quem quiser ser bem querido seja bom trabalhador”. Ela ficou pensando no trabalho que precisava conseguir para deixar a casa dos pais. Ela queria trabalhar com alguma coisa alternativa, que fizesse bem para o mundo. Não sabia se buscava um cargo em um projeto social, se fazia um curso de medicina chinesa ou se buscava emprego em uma ONG de direitos dos animais. Concurso público nem pensar. Sua família insistia para que ela seguisse por este caminho do emprego estável, mas Joice queria provar que era possível

ganhar dinheiro de outra forma. Quando as diversões acabaram e o hinário “O Cruzeiro” começou com o hino “Olhei para o firmamento”, Joice se viu no festival Universo Paralelo dançando entre muitas mulheres. Uma fardada começou a tocar tambor e este era como os graves dos alto falantes para Joice. As fardas brancas ficaram multicolores com tons azuis, vermelhos e amarelos. O bailado marcial ganhou saltos e ela sacudia seus braços levantados para cima. Os grilos soaram como os efeitos da pick-up do DJ. Uma alegria imensa lhe invadiu o coração. O movimento do corpo produzia um calor prazeroso e reconfortante. Ela percebia a hora que a onda ia e vinha, como quando de uma hora para a outra todas as pessoas começam a dançar mais vigorosamente. Ela estava aprendendo a ficar na *vibe* e a controlar a *bad trip*. Isso na visão de Joice, pois as demais pessoas a viam bailando normalmente e alguns percebiam que ela adotara um semblante divino.

No hino “Passarinho”, a Madrinha adotou a perspectiva do “eu”, o passarinho. Ela se viu metade mulher e metade beija flor dentro de uma mata deserta. Ela era a professora de uma escola de beija flores e ensinava aos demais a voarem e a se desviarem dos tiros de um caçador de passarinhos. A Madrinha olhou para o caçador e disse: “Você atira e não me acerta”. Joice, quando ouviu esta mesma frase, pensou que Mestre Irineu era um tipo de defensor dos animais. O Padrinho João enxergou um caçador atirando em um beija flor. Em seguida o beija flor ganhou um rosto humano e disse: “Você atira e não me acerta”. Seu Antônio, que já havia se metido em confusão com a polícia se colocou no lugar do beija flor e o caçador no lugar do policial. Seu Antônio enquanto fugia de tiros que vinha em sua direção, olhou para trás e disse para o policial que estava com um aspecto sombrio: “Você atira e não me acerta”.

No hino “Só eu cantei na barra” havia praticamente uma unanimidade em relação à forma que as pessoas compreendiam este hino. As pessoas entendiam que devemos preparar o nosso espírito para que ele não fique vagando após o seu desencarne. Compreendiam que se um espírito fosse pouco evoluído, ele iria para o umbral, se tivesse média luz reencarnariam e se tivessem o espírito muito elevado se fundiriam a Deus. O Padrinho João e a Madrinha Virgínia estavam um pouco confusos em relação a isso. Quando participaram de trabalhos com indígenas e com pessoas nascidas no Céu do Mapiá, eles percebiam que a ideia de corpo e espírito era um pouco diferente da que eles tinham. Eles tinham a tendência a compreender como a maioria, mas estavam refletindo seriamente sobre o assunto. Fernando conhecia diversas cosmologias indígenas e compreendia que o hino se referia à necessidade de se preparar o corpo para que o espírito não se torne vagabundo. No entanto, como Fernando

viveu a maior parte de sua vida na cidade, ele absorveu conhecimentos do esoterismo europeu e conseguia transitar muito bem entre estes dois planos de compreensão.

Dias após descobrir a traição de Fernando, Carla ficou chocada, espantada e profundamente triste. Em sua perspectiva, a desculpa que Fernando havia dado, de que ele estava repassando um conhecimento esotérico para a garota, lhe pareceu completamente absurda. Fernando nasceu em uma comunidade Q'ero, no Peru. Em sua infância e juventude, Fernando passou por todos os rituais necessários para chegar à condição de Maestria. Depois que deixou sua comunidade, Fernando foi viver em Nazca. Fernando era chamado de Mestre por muitas pessoas desta cidade. Trabalhou de guarda florestal por poucos anos na reserva indígena conhecida por parque nacional do Manu antes de ir morar em Nazca. Ele trabalhava com artesanato e desde esta época já confeccionava flautas para vender para os turistas na feira. Fernando havia encontrado dois crânios humanos enterrados no assoalho de sua casa, além de uma vara que ele dizia que era utilizada pelos astrólogos Incas. Na primeira vez que veio a Belo Horizonte, muitas pessoas que o conheciam juntaram dinheiro para pagar sua passagem. Uma clínica de Psicologia Transpessoal, duas casas de cura ligadas à Fraternidade Branca, pessoas do Caminho Vermelho e membros do Santo Daime. Fernando perdeu grande parte de sua credibilidade em Belo Horizonte ao se envolver com a dona de uma das casas *new age*. Os seguidores achavam que ele deveria estar em Belo Horizonte para cumprir com seus trabalhos espirituais e não para ficar namorando. Na perspectiva do casal eles não estavam simplesmente namorando. Fernando estava transmitindo a Jéssica (a dona da Clínica) conhecimentos esotéricos que aprendera ao longo de sua vida. Jéssica era formada em psicologia e almejava o status de xamã para legitimar as curas espirituais que fazia. Ela já havia estudado o kama sutra, o karezza e outros tratados sexuais. Já havia se graduado na gnose e se iniciado na prática sexual conhecida como arcano. Uma prática semelhante ela já havia feito no Caminho do Coração do psicólogo Janderson, atualmente conhecido como Prem Baba. A massagem que Jéssica oferecia envolvia deslizamentos, pressão sobre pontos, sexo oral e tudo mais. Durante um tempo de sua vida Fernando morou na Ilha do Sol, na Bolívia, onde atendia com massagens, leitura de cartas e outros. Fernando recebia diversas mulheres que vinham para a Ilha do Sol em busca de cura. Fernando sempre propunha o sexo para estas mulheres como uma ferramenta de *sanación*. Uma destas mulheres foi uma nativa da Ilha do Sol que havia engravidado após ser estuprada. A moça estava muito preocupada, pois sua família não aceitaria nunca aquela situação. Ela temia que a família dissesse que ela era uma vagabunda e que saía por aí transando como os homens. Fernando convidou a garota

para ter relações sexuais com ele. Explicou que ela poderia deixar de estar grávida após o sexo. Para Fernando a prática foi eficaz e a menina não teve nem o filho nem problema com a família. Fernando recebeu também uma moça espanhola que ele achava muito bonita e até hoje sente saudade do tempo em que estava curando esta moça.

Antes de voltar para o Peru, Fernando gastou todo o pouco dinheiro que juntara com os atendimentos que prestou na clínica esotérica em Belo Horizonte e comprou um crânio de cristal em uma loja de velharias no centro. Chegando à sua casa em Nazca, Fernando colocou o crânio na parede, formando uma triangulação com os outros dois crânios que ele já havia encontrado enterrados. As paredes da sala já possuíam estes espaços que pareciam feitos exatamente para isso. Fernando deu um nome para este crânio, mas eu esqueci qual é. Uma vez que fui visitá-lo no Peru, ele estava com uma mulher argentina que se apaixonara por ele depois que ele acabou com a doença que estava matando toda sua criação de gado. Fernando havia assistido o filme “Indiana Jones e a Caveira de Cristal” e ficou embasbacado porque, segundo ele, não conhecia a história quando comprou o crânio. Ele começou a pesquisar a história da caveira de cristal e viajou para o México para se encontrar com pessoas que já possuíam setes dos trezes crânios que haviam desaparecido. De acordo com Fernando, estas pessoas reconheceram o seu crânio de cristal como um dos originais. Segundo Fernando, quando os treze crânios estiverem juntos o planeta terra viverá um momento de paz. Em tempos mais recentes Fernando estava preocupado com um cataclisma e acreditava que a cidade perdida debaixo do lago Titicaca, que teria sido encontrada por Jacques Cousteau, iria emergir e o resto do planeta terra iria submergir. Esta cidade seria a Nova Jerusalém. Quando vi Carla se apaixonar por Fernando eu sabia que iria dar problema algum dia. Fernando não estava pensando em nada disso quando o hino “As estrelas” começou.

75 - AS ESTRELAS

As estrelas já chegaram
Para dizer o nome seu
Sou eu, sou eu, sou eu
E sou eu um filho de Deus

As estrelas me levaram
Para correr o mundo inteiro
Pra conhecer esta verdade
Para poder ser verdadeiro

Eu subi serra de espinho(s)
Pisando em pontas agudas

As estrelas me disseram
No mundo se cura tudo

As estrelas me disseram
Ouve muito e fala pouco
Para poder compreender
E conversar com meus caboclos

Os caboclos já chegaram
De braços nus e pés no chão
Eles trazem remédios bons
Para curar os cristãos.

Seu Antônio começou a se sentir mal novamente e o seu pensamento se escureceu. Ele estava novamente no local escuro com o Urubu lhe picando o fígado. Ele enxergava uma serra de espinhos enorme que ele deveria subir, mas ainda não havia dado um passo sequer. Seu Antônio sentiu uma dor imensa, um frio interno, um tremelique, começou a gemer e caiu no chão. Ninguém se mexeu, a não ser dois fardados que já estavam designados para isso. Seu Antônio viu três seres divinos negros se aproximando e espantando o urubu. Caído no chão Seu Antônio escutava: “chora, chora, chora, chora e este choro têm razão / Tanto tempo que viveu e nunca pediu o perdão”. Neste momento Seu Antônio clamava desesperadamente pelo perdão e prometia a Deus nunca mais beber nem bater em sua mulher. Os seres divinos começaram a limpar-lhe a ferida com ervas que ele não sabia quais eram. Ele sentia uma sensação de frescor e sua respiração começava a fluir melhor. Os seres divinos finalizaram o procedimento e subiram voando a montanha. Seu Antônio se levantou, começou a subir a montanha a pé e escutou um hino que dizia “cumprir minha obrigação”. A Madrinha Virgínia estava concentrada orando para Seu Antônio neste momento e o viu na sala de um hospital. Nesta sala estava Mestre Irineu, o Padrinho Sebastião e o doutor Bezerra de Menezes, o conhecido médico kardecista que segue participando de cirurgias espirituais após o seu falecimento. A Madrinha viu o momento no qual Seu Antônio recebeu a cura.

Na hora em que Seu Antônio caiu, todos continuaram bailando, exceto Reinaldo. Ele saiu do seu lugar e foi tentar ajudar enquanto o hino “As estrelas” estava sendo cantado. Ele chamou seu Antônio pelo nome, mas este nem se movia. Estava com uma cara horrível no momento em que o hino seguinte dizia “Eu estava dentro da mata de baixo de um arvoredor”. Reinaldo teve medo, pois identificou um ser sombrio no rosto de Seu Antônio. O hino seguiu: “Tudo tem, tudo tem / No mundo não há segredo”. Reinaldo se lembrou do dia anterior em que estava fumando maconha e fofocando na mata. Neste momento o próprio Reinaldo ficou com um rosto sombrio e viu o Padrinho João com um rosto severo atrás da janela que serve o

Daime. O pensamento de Reinaldo embaralhou e ele teve que sair correndo da sede para vomitar no mato. Enquanto dava suas golfadas, Reinaldo enxergava um demônio sendo expulso e jogado para o mar da escuridão. Ao voltar para a sede o seu pensamento se clareou e o salão ficou brilhante. Duas pessoas se juntaram a ele para carregar o corpo de Seu Antônio que estava caído para colocá-lo em um colchão. Eles colocaram um pouco de Daime na boca de Seu Antônio que acordou logo em seguida com uma cara muito boa.

No hino “Ia Guiado pela Lua”, o Padrinho João continuava no alto da pirâmide, do templo do Rei Salomão e escutou a voz de Deus na forma de um estrondo. O Padrinho João desceu da pirâmide e foi caminhando com uma grande multidão em direção ao mar. O Padrinho João viu uma arca dourada, de proporção monumental se aproximando, com uma Senhora na proa. A arca dourada se parecia à lua. A senhora portava um manto azul, um véu branco e clareava o ambiente. João entrou na arca e quando esta começou a movimentar o Padrinho João percebeu que ela ia velozmente para as profundezas do mar. Tudo estava escuro e havia seres sombrios que vinham atrás, mas não conseguiam se aproximar, até que uma luz pequena começou a ficar maior e se aproximar. O Padrinho João viu uma redoma de vidro enorme pela qual a barca entrou e as pessoas começaram então a desembarcar. Quando o Padrinho João desceu, ele viu uma enorme campina de perder a vista, repleta de flores. Já Reinaldo, viu uma pessoa sobre o Monte Sião escutando a voz de Deus. Em seguida esta pessoa desceu, repreendeu um grupo de pessoas que louvavam um cabrito de ouro e caminhou até uma praia. Nesta praia apareceu uma embarcação brilhante e enorme com uma Deusa negra de tranças largas em cima. Reinaldo e uma multidão de casais entraram nesta barca e enfrentaram violentas tempestades em alto mar até que a barca parou. Ao olhar para frente viu um enorme descampado com pés de Santa Maria a perder de vista. Quando Seu Antônio, que voltava do seu desmaio, escutou a frase “estrelas de uma banda”, ele achou que era um código para dizer estrelas da umbanda. Outro fardado que estava no ritual pensou em escrever um livro com o nome deste hino.

Ia guiado pela lua

Ia guiado pela lua
E as estrelas de uma banda
Quando eu cheguei em cima de um monte
Eu escutei um grande estrondo

Este estrondo que eu ouvi
Foi deus do céu foi quem ralhou

Dizendo para todos nós
Que tem poder superior

Eu estava passeando
Na praia do mar
Escutei uma voz
Mandaram me buscar

Aí eu botei os olhos
Aí vem uma canoa
Feita de ouro e prata
E uma senhora na proa

Quando ela chegou
Mandou eu embarcar
Ela disse para mim
Nós vamos viajar

Nós vamos viajar
Para o ponto destinado
Deus e a virgem mãe
Quem vai ao nosso lado

Quando nós chegamos
Na campina desta flor
Esta é a riqueza
Do nosso pai criador

Neste momento Joice estava mirando muito e o cansaço físico não lhe permitia mais seguir bailando. As cadeiras estavam livres e ela voltou a se sentar. No entanto, foi incomodada no hino “Te levanta”, no qual todos os participantes são obrigados a cantar de pé. A fiscal do bloco feminino pediu Joice para se levantar, mas ela não conseguiu. Ela começou a sentir o intestino funcionando e saiu correndo para o banheiro. Ao acender as luzes estas começaram a passar em sua frente na forma de raios. Joice teve nojo, mas sentou no vaso assim mesmo, pois temia perder o equilíbrio. Ela começou a suar frio e a respirar profundamente até o momento em que defecou líquido. Ela continuou respirando e as luzes dançando. Ela temia trancar a porta e ficar presa ali dentro e ao mesmo tempo temia que a fiscal fosse atrás dela no banheiro. Joice permaneceu certo tempo no banheiro até que se limpou e saiu. Depois disso seguiu soltando flatulências diversas vezes ao longo do trabalho, que eram minimizadas pelo cheiro de incenso de pau santo e pelas vezes que o defumador passava.

O Padrinho João, após chegar aos campos junto à Virgem da Conceição, passou por outras mirações, incluindo uma lição sobre humildade. Isso para ele foi muito bom, porque muitas vezes é severo além da conta. Uma vez ele humilhou uma fardada na frente de todos

porque a moça não estava frequente. Há poucos meses um grupo de dez pessoas se afastou do centro em função do autoritarismo do Padrinho João. Depois deste episódio ele estava mais sereno e o hino o fez refletir novamente sobre o assunto. Depois de algum tempo ele voltou àquela mesma campina no coração do mundo na qual a Senhora o levava em uma arca dourada. Reinaldo também voltou à mesma mata onde a grande embarcação havia estacionado. Um batalhão de homens e mulheres havia se formado em lados opostos e João estava junto aos homens. Ao olhar para frente João viu pessoas sentadas naquela campina repleta de flores. A Virgem da Conceição carregava uma bandeira verde com uma águia branca pousada na lua em ponto de vôo. Ao fundo um ser começou a se aproximar e ele percebeu que era Mestre Irineu e de repente todos levantaram. Mestre Irineu caminhava triunfante como se fosse uma cerimônia de coroação. Quando o Mestre se aproximou, a Virgem da Conceição disse para ele: “Há tempo eu estou te esperando para tudo isso eu te entregar”. A Rainha então lhe entregou a bandeira. Reinaldo, ao descer da barca, se colocou ao lado da Deusa Negra e viu um formoso batalhão que formava a sua frente, junto aos pés de Santa Maria. A Senhora segurava uma bandeira com linhas horizontais verde, azul e branca com o desenho do Leão da tribo de Judá ao centro. A Deusa negra disse para Reinaldo: “Você me zele esta campina / De brilhantes pedras finas / Conservando a santa luz / No caminho que destino”. Neste momento Reinaldo reviu seriamente seus conceitos acerca da sacralidade da Santa Maria.

O hino seguinte, “O centenário”, começa com as pessoas cantando “traí, traí, tra. Traí, traí, tra. Tra... Tra...”. De acordo com seguidores diretos de Mestre Irineu isso seria o som de uma trombeta, mas Fernando entendeu como traição conjugado na primeira pessoa. Embora soubesse que Carla não gostaria de saber do seu envolvimento com outra mulher ele seguia com sua transmissão de conhecimento esotérico. No entanto, ao dizer “traí” ele olhou para o outro lado e enxergou Carla que também o olhava fixamente. Carla não estava cantando “traí”, embora fosse sua obrigação como fardada. Fernando sentiu-se desmascarado neste momento. Realmente Carla percebeu-se traída, mas só teve a certeza do ocorrido quando perguntou para Fernando no dia seguinte.

No hino “Linha do Tucum”, Joice já havia voltado do banheiro, mas ainda sentia o intestino e também o pensamento. O hino começou com uma força repentina com todos fardados cantando alto e com rostos severos. Este hino é uma marcha, mas nos dois últimos versos de cada estrofe o bailado é um pouco diferente. Isso confundiu Joice, Seu Antônio, Jorge e outros fardados. Quando Joice ouviu a palavra “lição” ela entendeu como castigo.

Joice sentiu que o grupo inteiro estava cantando para dar uma lição nela. Sentiu que foi tomada por uma pessoa má, assim como tantas outras por aí. Joice se sentiu enxotada. Ela sentiu também que ela era uma pessoa que não gostava de ouvir. Ela sentiu medo, começou a passar mal e teve vontade de vomitar. Saiu correndo da igreja e fez uma limpeza produzindo um som similar a um animal que acabara de ser alvejado. Ela então se lembrou dos seus pais lhe aconselhando fazer concurso público e ela não escutando. Ela se viu como uma pessoa orgulhosa que se vangloriava do trabalho voluntário e político que fazia, mas que não dava o mínimo valor para o trabalho dos pais.

Linha do Tucum

Eu canto aqui na terra
O amor que deus me dá
Para sempre, para sempre
Para sempre, para sempre

A minha mãe que veio comigo
Que me deu esta lição
Para sempre, para sempre
Para sempre eu ser irmão

Enxotando os malfazejos
Que não querem me ouvir
Que escurecem o pensamento
E nunca podem ser feliz

Esta é a linha do tucum
Que traz toda lealdade
Castigando os mentirosos
Aqui dentro desta verdade

Reinaldo e o Padrinho permaneciam nas alturas cada qual com sua Senhora. Reinaldo caminhou entres os pés de Santa Maria por cerca de uma hora naquela realidade, mas só haviam passado três minutos de relógio, como dizem na Bahia. Havia também algumas arvores nas quais se estendiam pés de jagube e também um reinado de chacrona. Reinaldo viu um palácio ao fundo com o sol dourado o iluminando. Antes de chegar ao palácio, Reinaldo atravessou um jardim de belas flores perfumadas e de todas as cores. Reinaldo atravessou as portas do palácio onde soldados tomavam guarda. Atravessou os corredores com o chão quadriculado preto e branco como um tabuleiro de xadrez e chegou a um salão no qual estava um negro velho com longas barbas brancas, sentado ao centro em um trono imperial. Ao lado direito estava Haile Selassie e ao lado esquerdo estava a Santa Kaya. Reinaldo se aproximou e

se ajoelhou aos pés do negro velho que tocou seu ombro com uma espada. Em seguida o chefe colocou uma estrela no peito de Reinaldo que brilhava com um dourado intenso.

O Padrinho João seguiu marchando com o batalhão logo atrás do Mestre Irineu e da Rainha da Floresta. Passou por arvores nas quais cresciam pés de jagube e também avistou um reinado de chacrona. O batalhão foi entrando inteiro no salão do chefe Imperador, no qual cabiam aproximadamente cento e quarenta e quatro mil pessoas. O Padrinho João tomou lugar na terceira fileira, se assentou assim como todos e ficou observando como brilhava aquele salão. Ele conseguia enxergar luzes, como se fossem pedras de diamante que caíam do salão do Imperador diretamente na Igreja. Ao lado do Mestre Irineu, que estava ao centro, estava Germano Guilherme, Maria Damião, João Pereira e Antônio Gomes. De repente, houve um segundo de silêncio e todas as pessoas se levantaram e ergueram suas armas cantando com a força de cento e quarenta e quatro mil vozes os hinos “A Batalha” e “Sou Filho do Poder”. Até mesmo os participantes que não estavam nas alturas estavam enxergando a sede como se fosse um salão imperial repleto de Reis e Rainhas. As pessoas que estavam no alto viram a terra representando o mesmo que eles faziam no céu, ou no mar. A Madrinha Virgínia que havia passado o trabalho todo orando, havia acabado de entrar no batalhão e foi transportada diretamente para o palácio imperial o qual ela já conhecia. Quem observava a madrinha via seu semblante divino e a reconhecia como a grande mãe daquele coletivo. Em sua perspectiva a Madrinha estava pela primeira vez no lugar da Virgem Maria e via um batalhão enorme formado à sua frente com todas as pessoas em pé erguendo suas armas. Joice, que estava com um cansaço físico quase insuportável, bailou com vigor e pedia força e luz para a mãe divina. Seu Antônio lembrou os momentos difíceis que passou no trabalho, incluindo o desmaio, e se colocou no lugar do povo que estava esmorecendo. No entanto, Seu Antônio não estava se sentindo esmorecido. Ele sentia a força e a luz evocada no hino e o esmorecimento era apenas uma lembrança do passado. Jorge enxergou uma luz forte nos irmãos de forma que por um segundo pensou que Deus era o outro. Ester permanecia no batalhão e seguia com o coração confortado. Fernando e Carla ainda estavam refletindo sobre o que havia acontecido no hino que diz “traí”.

115 - BATALHA

Entrei numa batalha
Vi meu povo esmorecer
Temos que vencer

Com o poder do senhor Deus

Oh virgem mãe
Com o poder que vós me dá
Me dá força me dá luz
E não me deixa derribar

Divino pai eterno
E a Virgem da Conceição
Todo mundo levantou
Com suas armas na mão

Após a corte celestial e o batalhão baixarem as armas, cantarem “Sou filho do poder” foi-se ouvido um silêncio de uns trinta segundos, enquanto Raimundo Irineu Serra ocupava majestosamente o seu lugar de imperador. A Batalha estava vencida, o Rei estava empossado, restava apenas o baile de bodas ao som dos “Hinos novos”, ao lado de todos os irmãos. As pessoas que estavam na terra conformaram seu coração, pensaram sobre a vida e confundiram suas certezas psicóticas. O Padrinho João, que também estava presente conscientemente na terra, convidou os irmãos para tomar mais um despacho de daime. O dia estava quase clareando e Joice ficou impressionada como conseguiu ganhar força naquele momento. Seu Antônio também ficou refletindo sobre como aquelas pessoas podiam estar cantando tão firmemente e tão alegremente depois de tantas horas de trabalho. O Padrinho João e a Madrinha Virgínia estavam satisfeitos vendo o coro cantar e nem se lembravam dos falatórios acerca do filho. Eles olharam para Jorge que estava respeitando o rito bailando em seu lugar e cantando aqueles hinos que aprendera desde que nasceu. Os hinos do Cruzeirinho passaram rapidamente até chegar em “Pisei na terra fria”. Seu Antônio ficou impressionado com este hino, pois nele Mestre Irineu aborda o momento da sua morte. Seu Antônio percebeu que o trabalho inteiro era a vida de uma pessoa. A lição que aprendeu naquele dia ele levaria para o cotidiano. Seu Antônio nunca mais bebeu nem bateu em sua mulher. Ele vai ao Daime às vezes, mas se engajou seriamente na Umbanda e está desenvolvendo sua mediunidade. Ester se sente mais confortada e tem na história de Germano Guilherme a sua grande inspiração. Reinaldo aprendeu a consagrar Santa Maria e começou a se policiar mais nas horas de falatório. Jorge ficou confuso com tantas trocas de pronomes ao longo dos hinos, com os deuses virando seres sombrios de uma hora para a outra que acabou duvidando por alguns instantes que ele era Deus. Parecia que havia um ser ali que, ao mesmo tempo em que o confundia, também o libertava. Jorge chegou até a pensar que se não fosse Jesus Cristo um dia poderia ser. Joice voltou para casa decidida a fazer concurso público e um ano mais tarde ela saiu da casa dos pais. Carla e Fernando tiveram uma grande briga depois que voltaram

para casa, mas permaneceram juntos. Anos mais tarde Carla se tornou uma xamã conhecida e respeitada. Roberto, que fora atropelado pelo MOVE recebeu luz das orações de Joice e de toda a Igreja. Reinaldo, a Madrinha Virgínia, o Padrinho João e outros participantes do ritual esconjuraram os espíritos que influenciavam Seu Antônio e os enviaram para o mar da escuridão. Os Seres Divinos seguiram e ainda seguem enviando sua luz.

4.2 – Palavras Finais

Através desta ficção busquei mostrar de forma dinâmica como a cosmologia daimista influencia nas curas realizadas em rituais nos quais o Santo Daime é consumido. Na ficção podemos ver os fatores que influenciam a eficácia das curas em ação, notadamente a coerência que o trabalho de Daime traz para pessoas com diversas visões de mundo e o intenso trânsito entre perspectivas possibilitado pelo hinário. A ficção demonstra também que as curas recebidas não estão sempre ligadas a doenças presentes no CID (Código Internacional de Doença). As resoluções de conflitos familiares, conjugais, profissionais e morais também são sentidas como uma cura. Cada um dos personagens vivenciava uma doença ou questões em suas vidas que precisavam ser mudadas. O Padrinho João necessitava trabalhar o seu autoritarismo, a Madrinha Virgínia atravessava uma depressão em função da doença do seu filho, Jorge se encontrava imerso em suas certezas psicóticas, Joice precisava resolver questões familiares e de trabalho, Seu Antônio necessitava se curar do alcoolismo e deixar de agredir sua mulher, Ester buscava a cura para sua impossibilidade de andar, Fernando e Carla necessitavam resolver questões conjugais, Reinaldo precisava trabalhar a questão da fofoca, da vaidade e do respeito à Santa Maria e Roberto precisava tomar consciência de sua condição de desencarnado. Com a exceção de Jorge e Roberto, todas as pessoas receberam instruções da primeira pessoa do hinário e encontram sua cura ao permanecerem concentradas na mesma. Jorge, por sua vez, que permanecia se considerando Deus, foi beneficiado pela confusão dos pronomes ao longo dos hinos e não por ter permanecido na primeira pessoa. Roberto, em sua condição de espírito, não nos permite analisar a eficácia da cura que recebeu, no entanto, sua presença na ficção revela como o mundo espiritual pode se tornar presente e afetar os participantes do Santo Daime.

BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Wladimir. A Barquinha: espaço simbólico de uma cosmologia em construção. In: LABATE, Beatriz; ARAÚJO, Wladimir Sena (Orgs). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas: Mercado das letras, 2002. pp. 495 a 512.

BAYER NETO, Eduardo. Século XX no Maranhão, a Aurora da Vida do Mestre. *Jornal O Rio Branco*, Rio Branco, p.3, 15 dez. 1992. Suplemento Especial Comemorativo do Centenário do Nascimento do Mestre Irineu.

BRISSAC, Sérgio. José Gabriel da Costa: trajetória de um brasileiro, mestre e autor da União do Vegetal. In: LABATE, Beatriz; ARAÚJO, Wladimir Sena (Orgs). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas: Mercado das letras, 2002. pp. 525 a 542.

CAMILLIS, Patrícia; BUSSULAR, Camila; ANTONELLO, Cláudia. A agência dos não-humanos a partir da teoria ator-rede: Contribuições para as pesquisas em administração. Disponível em: <http://www.coloquioepistemologia.com.br/anais2013/ADE108.pdf>. Acessado em 14/04/2016.

CORDE, Marine. A articulação entre objetividade e subjetividade nos textos antropológicos: contribuições da escrita literária para a construção de saberes antropológicos. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v.44, N.2, 2013, pp. 12-30.

COUTINHO, Tiago, 201-. O xamanismo da floresta na cidade. Disponível em: www.neip.info.

COUTO, Fernando La Rocque. Santos e Xamãs – Estudos do uso ritualizado da ayahuasca por caboclos da Amazônia, e, em particular, no que concerne sua utilização sócio-terapêutica na doutrina do Santo Daime. UNB; Brasília, DF, 1989 (Tese de doutorado – Antropologia).

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Edição resumida e introdução Eva Gillies; tradução Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FAVRET-SAADA, Ser afetado. *Cadernos de campo*. N. 13, 2005, pp. 155-161.

FREITAS, Maria. Religiosidade no seringal. Disponível em <http://bmgil.tripod.com/fmlf68.html>.

FERRETI, Mundicarmo. Cura e Pajelança em Terreiros do Maranhão (Brasil). Disponível em www.gpmina.ufma.br/arquivos/Cura%20e%20pajelança.pdf.

GENTIL, Luciana; GENTIL, Henrique. O uso de psicoativos em um contexto religioso: a União do Vegetal. In: LABATE, Beatriz; ARAÚJO, Wladimir Sena (Orgs). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas: Mercado das letras, 2002. pp. 513 a 524.

GOLDMAN, Márcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. *Cadernos de campo*; revis. antropol. n. 13: 149-153, 2005.

GOULART, Sandra. Contrastes e continuidades em uma tradição amazônica: as religiões da Ayahuasca. 2004. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.

GROISMAN, Alberto. *Eu venho da floresta*. Florianópolis: UFSC, 1999

GRANGEIRO, Francisco. Depoimento. Revista do 1º centenário do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra. Rio de Janeiro: Beija Flor, 1992.

LABATE, Beatriz; SANTOS, Rafael Guimarães; ANDERSON, Brian; MERCANTE, Marcelo; BARBOSA, Paulo Cesar. Considerações sobre o tratamento da dependência por meio da ayahuasca. NEIP, 2009, Disponível em: http://www.neip.info/html/objects/_downloadblob.php?cod_blob=455

LANGDON, Jean. In: SANTOS, Ricardo (Org). *Saúde e povos indígenas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994, pp. 115 a 141.

LANGDON, Esther. The Symbolic Efficacy of Rituals: From Ritual to Performace. *Antropologia em primeira mão*; revis. Antropol. UFSC, Florianópolis, v. 40, pp. 5-40, 2007.

LANGDON, Jean. A Doença como Experiência: A Construção da Doença e seu Desafio para a Prática Médica. Disponível em http://www.antropologia.com.br/tribo/nessi/textos/A_Doenca_como_Experiencia.htm.

- LATOURE, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: João Arriscado; Nunes Ricardo Roque (Eds). *Objectos Impuros, Experiências em Estudo sobre a Ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2009, p. 37-62
- LESSIN, Leonardo. Nos rastros de yakuruna: a partida de Pawa e a pós-sustentabilidade Ashaninka. 2011. 202 f. Teses (Doutorado) - UNESP, Marília. 2011.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia; A eficácia simbólica. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- LEVY-BRUHL, Lucien. *A mentalidade primitiva*. São Paulo-SP: Paulus, 2008.
- LUZ, Pedro. O uso ameríndio do caapi. In: LABATE, Beatriz; ARAÚJO, Wladimir Sena (Orgs). *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas: Mercado das letras, 2002. pp. 35 a 66.
- MACRAE, Edward. *Guiado pela Lua: Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime*. São Paulo-SP: Brasiliense, 1992.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo-SP: Abri Cultural, 1976 [1922]
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, Ciência e Religião*. Lisboa: Edições, 1984 [1957].
- MALUF, Sônia. Eficácia simbólica: Dilemas teóricos e desafios etnográficos. In: TAVARES, Fátima; BASSI, Francesca. *Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. 2003. *Esboço de uma teoria geral da magia*. In: Marcel Mauss. *Sociologia e Antropologia*. (trad. Paulo Neves) São Paulo: Cosac & Naify, pp. 47-181. [1902-3]
- MENDES, Luís. Depoimento. Revista do 1º centenário do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra. Rio de Janeiro: Beija Flor, 1992.
- MERCANTE, Marcelo. *Imagens de Cura: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.

MOREIRA, Paulo; MACRAE, Edward. *Eu venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros*. Salvador: EDUFBA, 2011.

NASCIMENTO, Luís Mendes. Depoimento. Revista do 1º centenário do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra. Rio de Janeiro: Beija Flor, 1992.

ROSE, Isabel. Repensando as fronteiras entre espiritualidade e terapia: reflexões sobre “a cura” no Santo Daime. Revista Campos, vol. 7, n.1, 2006.

STRATHERN, Marilyn. *Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013. 160 p.

SOUZA, Silvia Nowikow de. *Origens do Santo Daime: Raimundo Irineu Serra, vida e obra*. São Paulo/SP: Navegar, 2012.

TURNER, Victor. *O processo ritual*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas*. Niterói: EdUFF, 2008.

VIEIRA, Marina. Caboclos, Cristãos e Encantados: Sociabilidade, Cosmologia e Política na reserva extrativista Arapixi. 2012. 298pp. Teses (Doutorado) – PPGAS-MN/UFRJ, 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. Mana, vol. 2, 1996.

LESSIN, Leonardo. Nos rastros de yakuruna: a partida de Pawa e a pós-sustentabilidade Ashaninka. 2011. 202 f. Teses (Doutorado) - UNESP, Marília. 2011.

OUTRAS FONTES

Hinário “O Cruzeiro” – Mestre Irineu

Hinário de Antônio Gomes

Hinário de Francisco Grangeiro

Decreto nº 85.110, de 02 de setembro de 1980 do COFEN

Resolução Nº 4 – CONFEN- 30/07/1985

Carta de Princípios das entidades, assinada em 24/11/1991

Parecer do CATC - 17/08/2004

Resolução Nº 4 – CONAD - 04/11/2004

Relatório final do GMT - 23/11/2006

Resolução Nº 1 - CONAD - 25/01/2010

Portaria nº 2/85 da DIMED

TV Brasil. Programa Retratos da fé. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=_DLftH94BxY